

20951

Biblioteca Pública do Estado
Setor de Santa Catarina

Boletim da
Comissão
Catarinense

de

f
olclore

ANO: 1975 - nº 29

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask for exchange
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore
Secretário-geral:
Doralécio Soares

Comissão da Revista:
A. Seixas Netto, Victor A. Peluso Jr.,
Jaldir B. Faustino da Silva, Nereu do
Vale Pereira, Roberto Kel, Iaponan S.
Araujo e Theobaldo Costa Jamunda.

ENDEREÇO: Rua Julio Moura, 28 — 1º andar
88000 Florianópolis, S.C.

Edição promovida pela Campanha de Defesa
do Folclore Brasileiro, do Departamento de
Assuntos Culturais do M. E. C., com o
patrocínio do Programa de Ação Cultural.

INDICE

Editorial

Celebrações de gente de casa:

Indícios para elaboração de
um calendário cultural de 1979
Thales Orindo,

A Festa dos Martirizados em
Laguna, SC.
D. Saffronero,

El Céfiro com rede na
Igreja de Santa Catarina,
Considerações sobre a
cerâmica popular do litoral
gaúcho,

O Falcão na astronomia,
O Desamonto de Josefa,
De Carteira para Florianópolis,

A Dança do Bol-de-tranço,
Terço de São Gonçalo,
Celebrações de gente de casa:

Fio por Deus,
O Falcão Paulista,
Módulo Político,

Noticiário daqui dali e de lá:
"A Pátria é a mãe de todos"
Ministério de Educação e
Cultura,

Campanha de defesa do
folclore brasileiro,
Senhora Lucy Galad

Theobaldo Costa Jaramundá 2
Dorivaldo Soares 16

João da Silva Santos Araújo 24
Mário Kaj 30

Franklin Castros 31
Carlos Humberto Corrêa 35

A. Selma Netto 37
Nery de Vito Pereira 41
Dorivaldo Soares 45

J. A. Angioletti Vieira 47
Orlando da Silveira 49
Lucia Della Monica 51

Lucia Della Monica 53
Daico Martins Lemos 55
Agostinho Clavo Rodrigues 67

Marta de Lourdes R. Ribeiro 68
MEC/DAC/ Campanha de
Defesa do Folclore Brasileiro 69

Cláudia 74

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE
FOLCLORE

ANO XV

Número 29

Dezembro de 1975

ÍNDICE

Editorial

Colaborações de gente de casa:

Roteiro para execução de um calendário cultural de 1976,	Theobaldo Costa Jamundá	5
Rodeio Crioulo,	Doralécio Soares	16
A Festa dos Navegantes em Laguna, SC.	João dos Santos Areão	24
O Sanfoneiro,	Roberto Kel	29
O Cérco com rêde na Ilha de Santa Catarina,	Franklin Cascaes	31
Considerações sobre a cerâmica popular do litoral catarinense,	Carlos Humberto Corrêa	35
O Folclóre na astronomia,	A. Seixas Netto	37
O Casamento de Josefa,	Nereu do Vale Pereira	41
De Caruarú para Florianópolis,	Doralécio Soares	45
A Dança do Boi—de—mamão,	C. A. Angioletti Vieira	47
Terços de São Gonçalo,	Octávio da Silveira	49
Colaborações de gente de fora:		
Pão por Deus,	Laura Della Monica	51
O Folclore Paulista,	Laura Della Monica	52
Música Folclórica,	Dulce Martins Lamas	55
Noticiário daqui, dali e de acolá:		
"A Pátria é a união de todos"	Agostinho Olavo Rodrigues	67
Ministério de Educação e Cultura,		
Campanha de defesa do folclore brasileiro ,	Maria de Lourdes B. Ribeiro	68
Senhora Lucy Geisel	MEC/DAC/ Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro	69
	Clichê	74

1º Festival Catarinense de Folclore	Redação	75
Tivoli Center	Redação	82
Museu da C. C. F.	Redação	83
Dia do Folclore	Redação	85
Documentário em côres	Redação	86
1º Encontro Cultural do Mobral em Criciúma, SC.	Redação	87
A Sociedade Folclórica Cacumbi "Cap. Francisco Amaro" na FAC./EDUC./UDESC	Redação	90
Selos com motivos de costumes populares	Redação	92
Rendas da Ilha	Redação	93
Cem anos de colonização italiana	Redação	95
Arquivo:	Lucas Alexandre Boiteux	98

NOTA EXPLICATIVA

Vários motivos contribuíram para a completa ausência deste Boletim nos últimos dez anos. Entre os principais, atribuímos a completa falta de recursos financeiros à Comissão de Folclore, sem o qual dificilmente poderemos divulgar o que realizamos.

O aumento constante dos materiais gráficos, acrescido da mão de obra, nos impossibilitou em pensarmos sequer na impressão de quaisquer folhetos.

Esta edição entretanto foi possível, graças ao auxílio recebido da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, através do PAC—MEC.

Esperamos e apelamos para que o auxílio continue, a fim de que possamos reunir, os trabalhos que, anualmente desenvolveremos com os companheiros desta Comissão.

* * *

Ao assumirmos em 1969 a Secretaria Geral da Comissão Catarinense de Folclore, fomos e ainda somos movidos do propósito de reorganizá-la e partirmos para o trabalho que é interesse de todos, que desejam continue atuante esta Comissão.

O estado ruinoso em que se encontrava a Casa de Santa Catarina, que abrigava a sede da Comissão, e que por fim foi demolida, tolhiu os nossos planos. Passamos a ocupar os lugares disponíveis, que nos eram oferecidos, até sermos abrigados em dependências da antiga Reitoria da UFSC, à rua Bocaiuva 60 (fundos). Com a ocupação de todo o prédio pelo Quartel General do Grupamento do Leste Catarinense, vimo-nos novamente desabrigados, e ali permanecemos em caráter precário, nos alentando a esperança de que com a conclusão da Casa da Cultura, sobre um pequeno espaço para nos abrigar.

Até lá, vamos sofrendo o aperto dos que nos querem ver pelas costas.

DORALÉCIO SOARES

Florianópolis, Dezembro, 1975

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO DE UM CALENDÁRIO CULTURAL DE 1976

THEOBALDO COSTA JAMUNDA (*)

Com a finalidade de oferecer uma compreensão fértil para a execução de um CALENDÁRIO CULTURAL, visando principalmente, sanar esforços com recursos e também possibilitar a identificação, em nível estadual, das manifestações culturais autênticas e marcadas pela qualificação CATARINENSE, vão aqui as sugestões que responderão com significação e que pode ser incluído nas programações para o turismo cultural e outras. Estas que fazem parte da realidade cultural, podem proporcionar, efetivamente, os intercâmbios e relações com outros estados relacionados. As respostas do QUESTIONÁRIO distribuído para a suficiente organização deste roteiro: tenho prazer em afirmar que as entidades limitaram apenas, a quantidade.

COLABORAÇÕES DE

As informações deste roteiro foram preparadas para o Conselho Federal de Cultura organizar o Calendário Nacional de 1976. Este trabalho foi realizado em conjunto com o Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina.

GENTE DE CASA

FESTIVIDADES CULTURAIS E CÍVICAS

1. — Data quadricênica do Estado de Santa Catarina — 25 de novembro —
2. — Data do nascimento do poeta Cruz e Souza: 24 de novembro, que é sempre escolhida para a entrega de prêmios culturais ou a de realizações de atos culturais destacados.
3. — Data do nascimento do Governador Hercílio Luz: 29 de maio, ato cívico escolar promovido pelo INFRATELO/Aeroporto Hercílio Luz, Florianópolis, SC, com a colaboração do Conselho Estadual de Cultura.

(*) Conselheiro de Cultura, membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; escritor dedicado aos assuntos catarinenses e membro efetivo do Conselho Catarinense de Turismo.

COLLABORATEURS

DE

GENTE DE L'ART

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO DE UM CALENDÁRIO CULTURAL DE 1976

THEOBALDO COSTA JAMUNDA (*)

Com a finalidade de orientar uma compreensão fértil para a execução de um CALENDÁRIO CULTURAL, visando principalmente, somar esforços com recursos e também possibilitar a identificação, em nível estadual, das manifestações culturais autênticas e marcadas pela qualificação CATARINENSE, vão aqui as sugestões que respondem com significação o que pode ser incluído nas programações para o turismo cultural e outras. Estas que fazem parte da realidade cultural podem movimentar, corretamente, os interesses naquelas. As limitações existentes nos dados relacionados se deve as muitas omissões às respostas do QUESTIONÁRIO distribuído para a suficiente organização deste roteiro; tenho pressa em afirmar que as omissões limitaram apenas, a quantidade.

As informações deste roteiro foram preparadas para o Conselho Federal de Cultura organizar o Calendário Nacional de Cultura, aqui estão ampliadas.

FESTEJOS CULTURAIS E CÍVICOS

1. — Data onomástica do Estado de Santa Catarina — 25 de novembro —
2. — Data do nascimento do poeta Cruz e Souza: 24 de novembro, que é sempre escolhida para a entrega de prêmios culturais ou a de realizações de atos culturais destacados.
3. — Data do nascimento do Governador Hercílio Luz: 29 de maio, ato cívico escolar promovido pela INFRAERO/Aeroporto Hercílio Luz, Florianópolis, SC. com a colaboração do Conselho Estadual de Cultura.

(*) Conselheiro de Cultura, membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; escritor dedicado aos assuntos catarinenses. É membro efetivo da Comissão Catarinense de Folclore.

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

4. — Solenidade comemorativa do transcurso da data da Batalha do Riachuelo (responsabilidade da Liga de Defesa Nacional, Secção de Santa Catarina. (11 de junho).
5. — Solenidade comemorativa do Dia de Caxias (responsabilidade da Liga de Defesa Nacional, Secção de Santa Catarina) (25 de agosto).
6. — Solenidade comemorativa do Dia de Alberto Santos Dumont (responsabilidade da Liga de Defesa Nacional, Secção de Santa Catarina) (20 de julho).
7. — Corrida do Fogo Simbólico — nível regional — (Coordenação das Secções da Liga de Defesa Nacional, do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, programações conjuntas.

1. — FESTAS DE NOSSAS TRADIÇÕES

(Festas populares, religiosas e de conotações culturais regionais).

1.1 — Festas de Nossa Senhora dos Navegantes:

1.2 — Intróito

São eventos religiosos da área onde o mar deu contribuição no tipo de equipamento utilizado pela criatura humana pioneira e também se introduziu na religiosidade. Em alguns municípios litorâneos, como os que abaixo relacionados, a Nossa Senhora dos Navegantes, é cultuada com profundo sentimento religioso; e este, além de envolver toda comunidade, sobressai pela dominância da veneração como originada nas próprias raízes da organização social.

Assim é notada, com destaque, nas cidades de:

a. — Itajaí,

b. — Laguna, (de 4 em 4 anos, ocorrerá em 1976)

c. — Em outras cidades litorâneas, nas quais, os resíduos da cultura açoriana, são percebíveis. Nas duas citadas por primeiro, o aparato místico é digno de apreciação. As procissões em que consistem às festas são realizadas no mês de fevereiro.

1.3 — Festa de Santo Antonio (Padroeiro da Laguna — cidade —) É de grande significação como popular e tradicional. (Junho).

1.4 — Festa de Nossa Senhora do Caravaggio (Cidade de Brusque, SC.) anualmente no mês de maio. É de significação destacada na religiosidade do grupo humano católico, da cultura europeia, para ali transplantada. A sua realização é todo o ano no dia 26 de maio (sem muita precisão o dia mas sempre em maio) extensionando aquecida a devoção originada em Milão (Itália) no século XV no povoado de Caravaggio.

1.5 — Festa de Nossa Senhora de Azambuja — mais conhecida como FESTA DE AZAMBUJA (Brusque, SC.) — realizada no Santuário de Azambuja, que foi organizado no estreito vale

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

onde a fé católica, devota de Nossa Senhora, recomendou pertinentemente organização ambiental. E por esta causa foi construída a gruta sob a capela. Verdade que a construção foi iniciada em 1927 quando entretanto à Santa de Azambuja — anômico regional — já nos fins do século passado era manifestada devoção fervorosa.

E das grandes manifestações de fé católica catarinense sempre testemunhada pela romaria antecedente do dia da realização da Festa, anualmente, a cada dia 15 de agosto.

1.6 — FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Intróito

Na área cultural de dominância teuto-brasileira como da açoriana as Festas do Divino são tradicionais. Quem anotá-las encontrará diferenciações porém, sempre como Festas do Divino, assim chamadas simplificarmente. Embora inovada pelos fatores da evolução garantem os ingredientes que as tornam festas populares.

Anualmente são realizadas nas cidades de: Blumenau (onde desfruta de conceituação porém ocorrem em outras cidades como Camboriú, Florianópolis e várias sedes distritais).

- 1.7 — Em Florianópolis, SC., no mês de maio, anualmente, o ir chupar laranjas em público operou modificação na Festa do Espírito Santo de um bairro: — a Festa da Trindade ou da LARANJA. Esta é realizada depois da data do Espírito Santo. Tomou a denominação de "Festa da Trindade" por causa do bairro que se chama Trindade, simplificarmente, em lugar de Santíssima Trindade como é denominada a Paróquia criada em 1853.

Na boca do povo é também e, popularmente, conhecida como "Festa da Laranja" por que coincidentemente na época da safra da fruta exibida, abundantemente, nos tabuleiros de vendilhões, nas barraquinhas e nos outros vendedores espalhados por cantos e recantos. Assim a presença dominante da fruta acabou por situar em segundo plano o nome religioso da Festa, que rigorosamente, deveria ser: Festa da Santíssima Trindade. Com estas considerações ou não é festa popular com repercussão significativa em todos os municípios da Grande Florianópolis.

A FESTA DO DIVINO

em Santo Amaro da Imperatriz, SC.

Neste município esta festa tem significação rica e imaginativa com toda pompa muito digna de se ver, se mostrar

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

e se divulgar; a sua realização ocorre entre os meses de maio e junho de cada ano; num ano ela é desenvolvida em torno do Imperador e noutro em torno da Imperatriz; começa, ritualmente, numa quarta-feira com a chegada do mastro que é fincado em praça pública; na quarta-feira da Ascensão é celebrada a 1.ª Missa da Festa; daí em diante o ritual segue os seus passos cerimoniais, galantes, bonitos e folclóricos; na versão dos mais antigos o ritual executado, ainda hoje, chegou a Santo Amaro da Imperatriz com os açorianos.

1.8 — A DEVOÇÃO DE CORPUS—CHRISTI

Intróito

Sem rigor porém, analiticamente, as festas dedicadas à devoção de Corpus-Christi ocupam destaque que não é, estatisticamente, maior em quantidade de cidades catarinenses porém merece citação as festividades realizadas nas comunidades que seguem relacionadas:

- a. — **Cidade de Tubarão, SC.** nesta a 31 de maio, anualmente, e é com imponência de fé católica difícil de imitar realizada a "Procissão de Corpus—Christi". A vida comunitária inteira dedica-se ao acontecimento religioso que atrai a participação da religiosidade católica de todos os municípios avizinhados.
- b. — **Cidade de Itajaí, SC.** nesta a "Procissão de Corpus—Christi" é realizada a 29 de maio, anualmente, e é coincidente com a devoção muito venerada, do "Santíssimo Sacramento", que é o titular da Igreja—Matriz.

A procissão compõe manifestação testemunhante de maior expressão de fé católica. Do município inteiro como doutros limitrofes ocorrem à cidade festejante caravanas e caravanas de devotos envolvidos na fé tradicionalizada. O conteúdo místico da procissão é dos mais contagiantes e belos da vida católica catarinense.

- c. — **Vidal Ramos, SC., Rodeio, SC. e Biguaçu, SC.:** nestas cidades as Procissões de Corpus—Christi são realizadas com base em devoção tradicional, sendo que em épocas diferentes conforme segue assim, em data variável, data marcada pelo calendário católico e no mês de junho, respectivamente, em cada uma das mencionadas.

Na Cidade de Criciúma, SC. as festividades de Corpus-Christi desfruta de importância merecente do apreço reservado às devoções privilegiadas.

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

d. — CONSIDERAÇÕES:

Com maior ou menor aparato, o qual é dimensionado pelos recursos da comunidade católica onde é realizada, a devoção à CORPUS CHRISTI, sempre concretizada nas procissões e festividades complementares, inclui e domina popularidade significante. E evidentemente, é festa do povo.

1.9 — A DEVOÇÃO DO SENHOR DOS PASSOS

Em Florianópolis, SC. consiste na procissão maior, que além de mobilizar massa humana do interior da ilha e dos municípios limítrofes demonstra pela participação de todas as classes sociais e as mais altas autoridades civis e militares, que além de ser espetáculo de multidão que reza, é por primeiro e anualmente, uma demonstração de fé pública e forte exibindo traço cristão herdado de gerações sedimentadas na devoção.

Em Florianópolis, SC., ocorre só a Procissão do Senhor Jesus dos Passos, aproximadamente, duas semanas antes da Páscoa.

- a. — Nos municípios de Criciúma, SC. e Tubarão, SC. a devoção do Senhor Jesus dos Passos também é manifestada por procissões distinguidas como tradicionais e populares.

2. — OUTRAS TRADIÇÕES NOSSAS

Introito

No sentido complexo do popular integrado no tradicional, que é difícil identificar separadamente porém que se percebe nas transparências da alma coletiva nos instantes de integração, como costuma acontecer na espontaneidade das festas populares. Exatamente quando a alma aberta do povo reflete-se no espelho da própria cultura pode ser notado que a vontade coletiva na auto regência de fazer hoje o que aprendeu ontem, também exercita a manutenção da própria herança social.

Assim em muitos municípios as festas religiosas de conotações populares são as que, como exemplos, vão abaixo relacionadas. E se tem pressa em dizer que não são todas e de todos os municípios catarinenses, porém algumas que podem ser entendidas como soluções para o problema da sensibilidade religiosa inerente:

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

- a. — Na cidade de Urubici, SC., durante o mês de maio, anualmente, a Festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens, dura uma semana no município de quem é invocação religiosa porém atrai veneradores do interior e dos municípios onde a devoção daquela Santa está na tradição.
 - b. — Na cidade de Nova Trento, SC., é realizada no mês de junho no dia 26 a Festa de São Vigílio. É antecedida por novenário concorrido. O Santo é o padroeiro do Município e tem devotos no interior e além fronteiras municipais. É tão significativa a devoção do padroeiro neotrentino, que se comparados a popularidade e o aparato da sua Festa com os da Procissão de Corpus-Christi, que ali também é realizada com veneração profunda, os da sua devoção aparecerão como maiores.
 - c. — Na cidade de Videira, SC., significativa em termos de popularidade é a Festa de Nossa Senhora da Conceição — Padroeira do Município — dura uma dezena de dias e termina a 8 de dezembro. É anual e sempre alcança o vértice de imponente manifestação de fé pública e exaltação religiosa.
 - d. — Na cidade de Xanxerê, SC., duas festas populares envolvem devoções que somam exaltação religiosa importante, são as de São João Batista e São Roque; as duas são anuais e ocorrem no mês de agosto.
 - e. — Na cidade de São Carlos, SC., é a Festa do Santo Padroeiro do Município e da Paróquia, "São Carlos Borromeu" quem tem caráter de festividade popular destacada.
 - f. — Na cidade de Caçador, SC., a Festa que aglomera multidão cheia de fé e vontade de estar reunida por um motivo religioso é a do Santo Padroeiro: "São Francisco de Assis" e ocorre no dia 04 de outubro, anualmente.
 - g. — Na cidade de Joinville, SC., são festas populares significantes as "Reis Magos", "Espírito Santo" e a do Santo Padroeiro, que ocorre a 03 de dezembro interada na devoção de São Francisco Xavier.
1. — **PROGRAMAÇÕES QUE VISAM ESTIMULAÇÃO, PROGRESSO E APERFEIÇOAMENTO, CULTURAIS.**
 3. — **FESTIVAIS** (Coordenados pela Coordenação de Assuntos Culturais) Secretaria do Governo do Estado de Santa Catarina.
 - 3.1 — **IV Festival de Inverno de Itajaí**, realizado em julho de cada ano, com a colaboração de órgãos culturais.

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

- 3.2 — Segundo Festival de Música Erudita. (2º Semestre de 1976).
3.3 — 1a. Exposição Feira da Renda de Bilros, Nacional (No período de 14 à 29/V/1976).

4. — EVENTOS DE TURISMO CULTURAL

(com base no potencial das diversas áreas culturais) — Em convênio com os órgãos culturais do Governo do Estado de Santa Catarina, conforme o Plano Estadual de Cultura.

- 4.1 — Festival de Bandinhas, no período de março à abril, anualmente, cidade de Timbó, SC.
4.2 — Festa das Flores, em novembro, Joinville, SC.
(promoção que tem participação maior de todas as classes joinvillenses e poder público.
4.3 — Encontro Internacional de Cantores, em agosto, promovido pelo Centro Cultural "25 de Julho", Blumenau, SC.
4.4 — II Festival Catarinense de Folclóre no mês de agosto (1976) sob a responsabilidade da Comissão Catarinense de Folclóre e a Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo (JOINVILLE, S. C.).

5. — CULTURA ARTISTICA (Estimulo à criatividade artistica)

5.1 — Exposição de Arte Plástica:

Coletiva de Artes Plásticas promovido pela Galeria Açú-Açú/ Blumenau, SC., durante o mês de outubro, com a colaboração dos órgãos do Governo do Estado.

5.2 — EVENTOS CULTURAIS EXTRAORDINARIOS

I — Conselho Estadual de Cultura:

Ato solene de publicação dos nomes das pessoas destacadas nas letras, nas artes, na cultura popular e nas atividades científicas durante o ano de 1975. O evento ocorrerá durante o primeiro semestre de 1976.

II — Academia Catarinense de Letras:

Lançamento oficial da Revista Signo n. 5. (1º semestre de 1976).

III — Instituto de Estudos Históricos do Vale de Itajaí:

Realização, em Blumenau, SC., do II Congresso de História com a participação da Fundação Casa Dr. Blumenau.

6. — MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS CATARINENSES

- 6.1 — Boi-de-Mamão, na área de cultura açoriana, principalmente, na faixa litorânea no período de janeiro à fevereiro. E exatamente nesta ocorrem apresentações de "Ternos de Reis", "PAU—de—Fita", "Boi—na—Vara", "Ratoeiras", "Pão—por—Deus" "Reis—de—Santo—Amaro".

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

- 6.2 — Na área cultural dos descendentes de germânicos e itálos convém a observação para os hábitos transplantados da Europa, que se não são, cientificamente, folclóricos de certo modo assim são entendidos. E estes, em maioria, estão ligados ao Natal, à Páscoa e ao Espírito-Santo. Isto se entenda no modo de venerar, cultuar e festejar, como por exemplo: 3 dias de lazer nas datas mencionadas para fazeres e que-fazeres inerentes correlacionados com a própria vida comunitária; consistindo o lazer para visitas inter-parentesca. Sendo importante nos fazeres natalinos o armar o pinheiro, enfeitá-lo, acendê-lo. Muito particularmente o acendê-lo e em seguida entoar o cântico próprio que, unicamente, os autênticos portadores da cultura o fazem com a importância e a grandiosidade inimitável.

Na Páscoa, fazer e comer as guloseimas da época, como: ovos coloridos rescendentes à marcela ou simplesmente anilinaados na cor preferida. E ainda dizer para todos com espontânea felicidade: "Boa Páscoa", que só tem valor se for dito com a simplicidade notória nos que nasceram netos dos que aprenderam com os avós a cultuarem à Páscoa.

- 6.3 — Na área cultural situada no planalto serrano catarinense, na ecologia da mata de pinheiros ("Pinho brasileiro" — *Araucaria angustifolia* —) onde o homem, o cavalo e o boi uma associação tipo identificam a área cultural gaúcha, as diferenciações transferem à observação preparada um painel regional peculiar à área fisiográfica: ali a habitação, os que-fazeres do pastoreio, os hábitos, os costumes, a cozinha, as lendas os causos, as orações, as devoções, as benzeduras, as advinhações, o cancionero, as danças, as trovas, as estórias, o vocabulário, tudo e todos ingredientes componentes do viver regional e percebidos no quotidiano seja no lar, no trabalho ou no lazer, valem-se das invenções, problemas e soluções, inerentes, e transferem à observação programada fora, o painel regional peculiar à característica fisiográfica.

Não é preciso aprofundamentos para se ver a urdidura das conotações culturais interdependentes, na qual sobressai diferenciações harmônicas entre si porém variadas se avaliadas com as da faixa litorânea ou doutras fisiografias nas dominâncias do rio do Peixe e do rio Uruguai.

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

E acresce, para maior complexidade, que a criatura humana colonizou os vazios em grupos portadores de heranças culturais diversificadas. Assim as **manifestações folclóricas, catarinenses**, enredam-se como não é comum em outras regiões brasileiras. E por isso todo cuidado é pouco para se dizer, corretamente, sobre o assunto. Quando muito se quer fazer se deve começar por reequipar, suficientemente, o órgão a dimensionar a tarefa, que não deverá ser "hobby" para deliciar diletantes.

7. — **CICLO DE PALESTRAS** (Aperfeiçoamento cultural através de promoção oficial relacionada no Plano Estadual de Cultura).
- 7.1 — **Ciclo de Palestras Culturais**, iniciado e coordenado pela Secretaria do Governo com o assessoramento do Conselho Estadual de Cultura e a Coordenação de Assuntos Culturais da mesma Secretaria. O Ciclo obedecerá esquema organizado, a primeira palestra será em setembro e a última no dia 24 de novembro, aniversário do nascimento do poeta Cruz e Souza.
8. — **CONCURSOS** (Estimulação à criatividade literária e artística prevista no Plano Estadual de Cultura).
- 8.1 — **Concurso de Contos Prêmio Virgílio Varzea** (nível estadual) realização assegurada pelo convênio: Prefeitura Municipal de Florianópolis e o Conselho Estadual de Cultura.
- 8.2 — **Concurso de Monografia Sobre Teatro Amador de Santa Catarina** (nível estadual) promovido pela Coordenação de Assuntos Culturais, da Secretaria do Governo do Estado de Santa Catarina.
- 8.3 — **Concurso de Monografia Sobre Música Catarinense** (nível estadual) promovido pela Coordenação de Assuntos Culturais, da Secretaria do Governo.
- 8.4 — **Os eventos deste título serão realizados no semestre de cada ano de julho à dezembro; e os classificados devem receber os prêmios no dia 24 de novembro aniversário de nascimento do poeta Cruz e Souza ou no dia 25 do mesmo mês data onomástica do Estado de Santa Catarina.**
- 8.5 — **CONSIDERAÇÕES:**
A filosofia de estimulação à criatividade cultural (letras, artes e artesanato) recomenda soma de esforços para,

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

- a. — realização de convênios;
- b. — eliminação de programações paralelas para evitar poluição de recursos.

9. — EFEMERIDES EXTRAORDINÁRIAS DE 1976

9.1 — Comemoração do Centenário da Colonização Italiana.

Em algumas cidades catarinenses serão realizados eventos comemorativos do centenário da chegada dos imigrantes italianos de 1876.

9.2 — Durante o ano de 1976 eventos comemorativos do transcurso do Tricentenário da Fundação de Laguna, SC.

9.3 — Centenário do Município de Araquari, SC. 05/IV/1976.

(Antes chamava-se Parati, este porém era nome mais antigo de município fluminense, que prioridade sustentada pelo Decreto-lei n. 5 901, 21. X. 1943 o assegurou com ele. A mudança se deu com base no princípio da "eliminação, no país, da repetição de topônimos de cidades e vilas).

9.4 — Centenário do município de Jaraguá do Sul (comemorações no 2º semestre de 1976).

9.5 — PRIMEIRA MISSA EM SÃO BENTO DO SUL:

Transcorre a 07 de março de 1876 o Centenário da Primeira Missa rezada em São Bento do Sul, tempo da Povoação. O celebrante foi o padre Boergershausen (Carlos José Leopoldo) primeiro vigário da Colônia Dona Francisca (Joinville, S. C.).

9.5 — Efemérides de Personalidades Catarinenses:

- a. — Transcurso do centenário de nascimento do Monsenhor Manfredo Leite (João Nepomuceno) 16.V.1876/18.III.1969 Comemoração iniciada pela Academia Catarinense de Letras a ser realizada a 16 de maio de 1976, em colaboração com outros órgãos culturais. O Mons. Manfredo Leite, foi orador sacro notável e de conceituação nacional. Foi deputado estadual (1907 à 1909/6a. Legislatura. Foi membro da Academia Catarinense de Letras.
- u. — Transcurso do centenário de nascimento do Almirante Protógenes Pereira Guimarães (08.V.1876/06.I.1938) O Almirante Protógenes foi Ministro da Marinha. Teve serviços prestados à aviação militar brasileira que merecem divulgação; como ainda e também, na preservação do patrimônio cultural brasileiro deu contribuição, de liderança pouco conhecida, porém que tornou a cidade de Ouro Preto, MG. monumento nacional.

ROTEIRO PARA EXECUÇÃO

c. — CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE AFONSO DE TAUNAY:

Chamava-se Afonso D'Escragnolle Taunay, nasceu em Desterro, SC., a 11 de julho de 1876 e faleceu em São Paulo, SP., a 20 de março de 1958; foi engenheiro civil formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro na primeira turma; o seu pai veio a ser o Visc. de Taunay e ainda quando era major do Exército Brasileiro (arma de engenharia) presidiu a Província de Santa Catarina. Afonso de Taunay pertenceu a Academia Brasileira de Letras, a Academia Paulista de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina; quando faleceu era historiador consagrado internacionalmente, em São Paulo onde viveu radicado, dirigiu o Museu Paulista e outros museus.

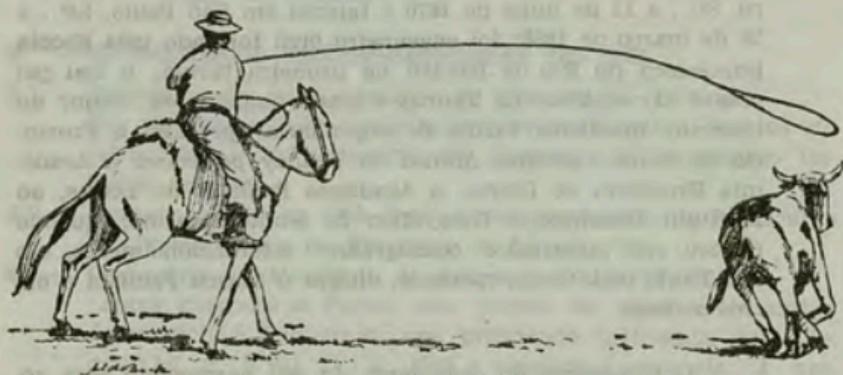
O transcurso do centenário do seu nascimento será comemorado com programação cultural interna em que participarão: o Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Santa Catarina, o Conselho Estadual de Cultura e outros órgãos que desejarem.

d. — CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÂNCIO DA COSTA:

Chamava-se Mâncio da Costa, nasceu em Desterro, SC., a 15 de fevereiro de 1886 e faleceu em 10 de maio de 1971. Foi uma figura das mais significantes entre os intelectuais da sua época; desfrutou conceituação invejável na inteligência deste Estado; foi teatrólogo distinguido com aplausos; fez versos; foi professor catedrático de português e ciências no Instituto de Educação (Florianópolis, SC.); na política foi eleito superintendente substituto para o período de 1919 — 1922 e chegou a exercer mandato; foi deputado estadual e também foi secretário particular do governador Adolfo Konder. Como membro da Academia Catarinense de Letras foi titular da Cadeira n. 25. O transcurso do centenário do seu nascimento será comemorado com programação cultural, conjuntamente, pela Academia Catarinense de Letras e Conselho Estadual de Cultura mais outros órgãos que o desejarem.

RODEIO CRIOLO

Doralécio Soares



Promovido pelo CTG Minuano Catarinense, com o patrocínio da Prefeitura Municipal, realizou-se em São Joaquim, município do planalto catarinense, em abril do corrente ano (1970) o IIº Rodeio Municipal.

Especialmente convidado esteve presente o Secretário Geral da Comissão Catarinense de Folclore.

Do programa constou: Torneio de Laço, Domas, Argolinha e várias atrações. Desfile de grande cavalaria com a participação de todos os piquetes de laçadores e ginetes presentes.

Na parte artística realizou-se o Grande Fandango, com a eleição da mais bela Prenda, do IIº Rodeio Municipal de São Joaquim, números de danças típicas, apresentadas pelo grupo de dançadores da Invernada Artística.

* Professor de artes Gráficas. Jornalista Profissional. Folclorista. A atividade que dedicou a pesquisa do artesanato catarinense, provocou o movimento para a organização da ASSORI — Associação das Rendeiras da Ilha, em Florianópolis. Cf. do Autor "Do Artesanato e a sua Proteção" B.C.C.F. nr. 23 jan. 57/jan. 58, Ano VIII e "Aspectos do Folclore Catarinense. Dez. 1970. É membro efetivo da C.C.F. desde que foi organizada, sendo desde 1969 o seu Secretário Geral.

RODEIO CRIOULO

Nas provas campeiras foram realizadas as competições de Laço com a escolha do Campeão individual de Laço, Campeão do Torneio Municipal, Campeão do Torneio Inter Municipal, donde saiu o Campeão da Zona Serrana.

Do Rodeio Municipal participaram os "piquetes" Laço da Mangueira Velha, Laço Curto, Querência do Mate Amargo, Rodeio da Tradição, Mal Arreiado e Sentinela dos Pagos.

Do Rodeio inter municipal, além do promotor Minuano Catarinense, participaram os CTGS Barbicacho Colorado, Planalto Serrano de Lajes, Fronteira Campobelense de Campo Belo do Sul, Campestre Catarinense de Urubici e Potreiro da Querência de Bom Jardim da Serra.

RODEIO CRIOULO

Participaram do Rodeio piquetes de 10 laçadores de cada Centro de Tradições, representado uma ZONA "POTREIRO" "QUARTEIRÃO" do município.

Cada piquete de laçadores tem o seu patrão, que juntamente com os piões compõem o grupo de 10 laçadores.

DO RODEIO

Quando o animal é largado do Brete, compartimento onde se encontra preso" sai em disparada, no seu encaço arroja-se o peão laçador boliando o laço, preparando a armada para jogá-la sobre o animal.



A armada são os movimentos que o laçador faz preparando o laço para jogá-lo sobre o animal.

RODEIO CRIOULO

Essa armada é jogada pela retaguarda ou pelo lado. Jogado o laço quando consegue laçar, dentro das regras regulamentares é classificado recebendo os pontos. Isso é assinalado pelo Juiz de Campo, empunhando uma bandeira vermelha, ou branca, quando perde. Esses pontos são registrados no Boletim de marcação de pontos, onde consta o nome do piquete, o nome do laçador, e as laçadas. Cada piquete pode conseguir até 30 pontos; difícil entretanto, pois cada laçador sómente tem direito a três laçadas, o que lhe obrigaria a não perder uma só armada.

TORNEIO MUNICIPAL DE LAÇO

— No campo cercado se desenrola o torneio de laço com a participação dos PIQUETES, Laço da Mangueira Velha, Laço Curto, Querência do Mate Amargo, Rodeio da Tradição, Mal Arreiado, Potreiro da Querência e Sentinela dos Pagos.

— O gado é largado, o laçador persegue-o, envolvendo-lhe as aspás com uma armada perfeita. A bandeirola vermelha indica ter sido a laçada correta.

CHULEAR O LAÇO

As ocorrências são várias que impedem muitas vezes o laçador concluir com resultado positivo da laçada. Entre elas existe a que chamam de "Rês baldosa, esta abilidosamente sacode a cabeça, quando precente o laço, não deixando o laçador firmar a laçada. Isto ocorre quando a rês é muito usada em rodeios. Entretanto o laçador, também usa artimanhas, vai chuleando o laço, até este firmar-se entre as aspás do animal. Isso consiste em movimentar a corda com certa habilidade, até a conclusão final. E acontece quando a armada não é perfeita e o laço cai mal sôbre o animal, pegando-o por traz, envolvendo parte do corpo; se o laçador conseguir bom chuleio, anula esta falta e classifica-se.

Várias são as armadas sem resultados muitas vezes o laçador não consegue alcançar o gado que se adiantou na corrida. Outras vezes embora faça a armada e estenda o laço, este não atinge o animal. Entre outras o gado é envolvido pelo corpo e pescoço e outras, perna e aspás. Todas essas laçadas são irregulares, não valendo pontos. Esses sómente são válidos quando a laçada é pelas aspás do animal.

CAMPEÃO MUNICIPAL

Depois de renhida disputa, entre as piquetes das Querências do município, saiu vencedor o campeão municipal o piquete Potreiro da Querência, sendo o vice campeão o Sentinela dos Pagos, vencendo também o campeonato individual de Laço.

RODEIO CRIOULO

TORNEIO INTERMUNICIPAL DE LAÇO

No torneio intermunicipal, participaram os piquetes dos CTGS, Barbicacho Colorado e Planalto Serrano de Lajes, Fronteira Campobelense de Campo Belo do Sul, Campestre Catarinense de Urubici e Minvano Catarinense. Um espetáculo maravilhoso, para quem o assiste pela primeira vez.

— Os piquetes de Laçadores, desfilando com seu “patrão” à frente, todos nas suas indumentárias típicas; **jaleco, chapéus de abas largas, lenços e camisas em cores vermelhas, azuis, amarelas ou brancas**, identificando os piquetes de cada CTG.

Portando cordas de couros habilmente trançadas; a experiência de cada peão o transforma em agíl laçador, que com pulso firme refreia o impacto da força do animal, protegendo-se no “Tirador” de te cortadas mãos ou braços, diante da força brutal do animal laçado (Tirador é uma espécie de avental de couro que envolve a cintura e parte das pernas um pouco acima dos joelhos).

Depois do desfile dos piquetes e apresentação para registro perante a Comissão de Juizes no palanque oficial, foi iniciado o Rodeio, onde os melhores laçadores dos CTGS das diversas zonas do planalto se exibiram. Do cômputo geral a classificação obedeceu a seguinte ordem: 5º e 4º lugares, Planalto Lageano e Barbicacho Colorado de Lajes, 3º Fronteira Campobelense de Campo Belo do Sul, 2º Campestre Catarinense de Urubici e 1º lugar Minvano Catarinense de São Joaquim, sagrando-se assim o Campeão do 1º Torneio Intermunicipal e o Campeão da Zona Serrana.

Convém assinalar que o laçador Rodolfo Silveira integrante do piquete do Minvano Catarinense, completou nesse rodeio 24 armadas, sem perder nenhuma laçada, em oito rodeios, que participou sagrando-se também o Campeão individual de Laço do piquete **RODEIO DA TRADIÇÃO** no Torneio Inter-municipal.

PROVA DA ARGOLINHA

A prova da argolinha, foi realizada, por grupos de “Ginetes” dos Piquetes, disputados por seus patrões. É uma prática tradicional dos costumes do Folclore Campeiro, apresentada entre as muitas atrações que constituem os rodeios. Essa competição consiste em o cavaleiro introduzir num bastão ponteagudo, uma argolinha pendente entre dois varais.

O cavaleiro na sua montaria investe celere sobre o ponto pendente da argolinha, portando firmemente o bastão. Do perfeito golpe de vista deperde o resultado positivo da prova, que lhe dá direito a duas tentativas, na competição. Esta prova reúne inclusive apostadores, sendo uma disputa que mantem os espectadores em suspense. A vitória dessa prova coube ao cavaleiro Orivaldo Melo, do CTG “Laço” da Mangueira Velha, que conseguiu com rara habilidade retirar com golpe certo, a argolinha nas duas provas. Enquanto que as tentativas dos outros contendores foram negativas.

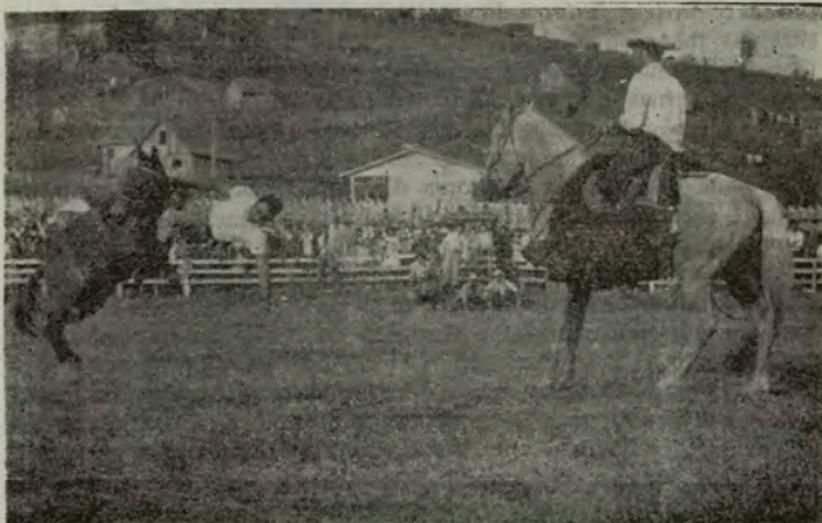
RODEIO CRIOULO

PROVAS DE DOMAS

A prova de Domas, é uma das mais arriscadas, do Rodeio, visto que da habilidade do peão, depende manter-se sôbre o dórso do animal chucro que não permitiu se domar.

Realizada entre animais bovinos e equinos, participaram peões das Querências do Mate Amargo e Sentinela dos Pagos.

O rodeio de "doma" é alegre e divertido, e a assistência que aplaude não atenta para os riscos que correm os domadores que empregam força e habilidade para manter-se sôbre o pêlo liso do animal bravo.



SULFETE

A prova em nuar foi utilizado o "Sulfete", dada a impossibilidade de domadores, dominarem o burrinho "desengano". O SULFETE é uma espécie de cinturão largo de couro que é colocado envolvendo a barriga e o lombo dianteiro do animal, afivelado nas extremidades. Contendo na parte que fica sôbre o dórso, duas argolas, onde o domador segura-se para firmar com segurança, as pernas que enlaçam o animal. Entretanto tão logo o animal contido por meia dúzia de peões para a colocação do Sulfete, pressente-se livre e montado, desembesta pelo campo à fora procurando livrar-se do domador. — E o povo sádico aplaude o esforço do peão que finalmente é jogado fora do lombo do animal, que aos coices livra-se do intruso que procurou dominar-lhe.

RODEIO CRIOULO



Já o bovino com o Sulfete o domador foi mais feliz, ou o animal não tão bravo, conseguindo manter-se até o final da prova.

Numa prova de domas o risco é dos maiores, e isso ocorreu, pois um dos domadores teve que ser recolhido ao Hospital local, felizmente sem grandes conseqüências. E assim sôbre os aplausos da grande multidão que acorreu ao Campo do CTG Minuano Catarinense foram encerradas com brilhantismo as provas, com a vitória dos contendores aqui registrados.

GRANDE FANDANGO

A noite na sede do CTG, Minuano Catarinense foi realizado o "Grande Fandango" com eleição da mais bela "prenda", conferida a senhorita Darcira Rodrigues da Rosa, sendo a senhorita Vera Marcia Palma, eleita a "prenda da Invernada Artística". As danças foram a-brilhantadas por um conjunto musical regional e todos os partici-pantes se apresentaram em trajes típicos.

Os CTG funcionam como as Fazendas, transferindo os nomes dos Dep. para "Invernada". De modo que cada Departamento seja uma invernada: INVERNADA SOCIAL, INVERNADA ARTISTICA, INVERNADA ESPORTIVA, etc., cabendo as crianças a INVERNADA MIRIM.

RODEIO CRIOULO



Os patrões dos piquetes formam o Conselho Vaqueano. Cada Invernada tem o seu chefe que é chamado de "Posteiro".

Pela Invernada Artística do Minuano Catarinense, integrada por 4 prendas e 4 cavaleiros, que tem como "posteiro" o jovem Nilson Hoffmann, foram apresentados vários números de danças típicas, entre elas destacamos "Serra Baile" "Chote Figurado Serrano", Ratoeira, Dança do Anú e Passo de Malambo, dança sapateada, individual por Nilson Hoffmann.

Por Jair Aguiar Neves, foram declamadas as poesias regionais, Anastácio e Lenço Branco.

Aos representantes dos piquetes dos CTG, que participaram do IIº Rodeio Municipal, foram conferidos Diplomas e prêmios aos Peões classificados nas diversas provas. Foi conferida a Comissão Catarinense de Folclore o Diploma de participação no IIº Rodeio Municipal de São Joaquim.

A orquestra típica apresentou músicas regionais, entre elas registramos: Bugio, Chote, Marchinha, Limpa Banco, Rancheiras e o Terol" em cujos ritmos e compassos torna a música alegre e evidente, mantendo o Fandango animado no decorrer da noite.

Ao Patrão Chefe do CTG Minuano Catarinense sr. Teófilo Mattos, entusíasta de nossas tradições campeiras, à frente de todos os movimentos do Minuano Catarinense e figura de destaque da cultura tradicionalista de São Joaquim, fica aqui registrado o agradecimento do Secretário Geral da Comissão Catarinense de Folclore, pelas manifestações de carinho e atenções dispensadas também aos seus familiares que adquiriram experiências novas, participando de todas as festividades decorrentes do IIº Rodeio Municipal de São Joaquim, promovido pelo CTG Minuano Catarinense.

RODEIO CRIOULO

NOTA

A fim de que os leitores estudiosos de nossas tradições enriqueçam os seus conhecimentos tradicionalistas, transcrevemos abaixo uma carta do CTG apresentando os seus peões para participarem do Rodeio.

Ilmo. Sr.

Patrão do CTG Minuano Catarinense

SÃO JOAQUIM — SC.

Gauchada Guapa:

Repontamos com este, uma junta de guascas destes pagos que, nas lides campeiras e no tiro de laço vão quebrar lanças com essa índiada macanuda da Terra de Manoel Joaquim Pinto.

Atendem pelos nomes de Waldi e Elisiário. Levam a marca do CTG deste Planalto que nestas paragens é o sinuelo do Movimento Tradicionalista.

Os índios não são de luxo, mas lhes ficamos agradecidos por qualquer pelégo que lhes oferecerem prá cama, qualquer matambre que lhes assarem p'ra boia e um "cinamão" que lhes sirva de teto.

Apresilhado a este vai o retrato do recado que lhes mandamos no dia 14 dêste, dizendo que ouvimos o abóio dêsse Rodeio e que nossos queras iam.

Pedimos ao "Patrão Velho de Cima", que lhes ajude nessa campereada lida que estão, para que a tradição de nossos pais seja a religião de nossos filhos.

Tradicionalmente

PATRAO

SECRETARIO

—x—

CRIOULO — Natural de.... Nativo... Oriundo de uma região. Rodeio Crioulo, equivale dizer: Rodeio Nativista, Rodeio Campeiro ou mesmo Rodeio Regional.

BRETE: — É o nome do compartimento de onde são soltas as rezes para o ato de laçar.

BOLIANDO O LAÇO: — É o ato do laçador movimentando o laço sobre sua cabeça em voltas sucessivas, com o braço direito.

ARMADA — É quando o laçador persegue o gado boliando o laço para realizar o laçamento.

A FESTA DOS NAVEGANTES EM LAGUNA

João dos Santos Areão (*)

A maior de tôdas as festas levadas a efeito na cidade de Laguna era, sem dúvida, a de Nossa Senhora dos Navegantes.

Mesmo a de Santo Antonio, padroeiro da localidade, e a dos Passos, ambas de grande receptividade por parte do povo profundamente devoto como é o lagunense, não logravam as pompas daquela.

N. S. dos Navegantes tem a sua capela no arrabalde do Magalhães, distando, mais ou menos, dois quilômetros do centro. E de construção modesta mas cuidadosamente zelada pela irmandade a ela ligada. Sua origem vem, naturalmente, de ser Laguna uma cidade quasi que rodeada pelo mar e ter grande parte de seus filhos dedicados à vida marítima.

Com o espirito religioso que se apossa dos que herdaram o recurso da reza para minorar suas angústias e colocar na vida uma guarda na trajetória que cada qual tem a realizar, pais, espôsos, filhos e amigos que ficavam em terra sentiam, no fervor de suas orações, a segurança dos que iam para muito longe, guiados sempre pela proteção de uma determinada santa, a quem ofereciam, em todos os instantes, suas preces.

Era preciso unificar essa crença em torno de um só objetivo, afim de que tôdas orações fossem conjugadas, ao mesmo tempo que pudessem sentir as emanções de alguma força espiritual. Daí o culto à Santa, criada para proteger os marinheiros e receber a fé guardada, sem dúvida por todos, quando no meio da procela palmilhavam poucos metros de tombadilho, tendo em volta a imensidade do mar furiosamente sacudido, projetando tragar, num relâmpago, a vida dos marujos

No meio desse conflito, entre a matéria e o espirito, vence sempre este, por sentir naquela sua pequenez, diante ao poderio dos elementos desencadeados pela natureza.

Sendo o pensamento força, quem poderia medir esse potencial concentrado na fé que se irmana, para endereçar à Virgem o seu pedido de proteção?

* Inspetor de ensino primário aposentado. Florianópolis lhe deve interpretações folclóricas. Membro efetivo da C.C.F. desde o início. No Boletim da Comissão publicou: A pesca do boto, o pião, folclore e sociologia, cigarro de palha, os trançados no folclore catarinense e a pesca no litoral catarinense. Tudo no período 1949/1953.

FESTA DOS NAVEGANTES

Havia necessidade daquêle objetivo como um alvo para os seus pensamentos e a Santa idealizada pela coordenação dos espiritos dos que vivem no mar e dos que lhes estão diretamente ligados, recebeu o nome de Nossa Senhora dos Navegantes.

Para a colocar em ambiente mais sugestivo, foi construído um pequeno barco com todos os mastros, mastareus e velas, protegidos por meio de cabos que se entrelaçam em todos os sentidos. No meio do barco está a imagem, traduzindo bondade e proteção aos que tiram do mar o pão de cada dia.

O dia 2 de fevereiro é o consagrado às homenagens à Santa guardiã dos marujos.

Por ter eu vivido durante três lustros na cidade da Laguna, pude acompanhar, de perto, o desenvolvimento das festas em nonra à N. S. dos Navegantes. Posso garantir que jamais assisti a uma reafirmação de fé com o entusiasmo e o fervor demonstrados pelos lagunenses àquela Santa.

Tinha a festa comêço com a entrada do ano nôvo.

Todos os navios e iates que demandavam o pôrto eram recebidos festivamente com o tradicional foguetório. Nem bem o páudo sinal colocava no tope a bandeira anunciando "navio ao norte", já os encarregados da recepção se muniam do material necessário para saudar o barco que se aproximava. Pelas manobras das bandeiras e flâmulas oferecidas pelo sinaleiro, o povo ficava ciente qual o navio ou iate que seria homenageado. Todos traziam grande número deromeiros.

Nove dias antes da festa iniciavam-se as novenas, sempre com a presença de grande multidão, que lotava completamente a capela.

O dia 1º de fevereiro era o da transladação, isto é, a imagem da Santa era conduzida para a matriz. Essa procissão se fazia à noite e, coisa curiosa, era de maior vibração do que a do dia 2.

A medida que o dia da festa se aproximava, os navios e iates, que já se encontravam preparados para as homenagens à sua padroeira, tomavam lugar fixo, sendo que os vapores ocupavam a parte, naquela época, beneficiada com o cais e, em seguida, se alinhavam os iates, formando um cordão que ia, desde a estação da estrada de ferro, até a curva que termina com o galpão do Clube de regatas Lauro Carneiro.

No dia 1º todos os componentes da frota ali ancorados amanhciam embandeirados, e era de se notar a azáfama que ia a bordo, dando os últimos retoques para que cada unidade prestasse as honras à Santa, com a maior pompa possível.

FESTA DOS NAVEGANTES

Durante os dias de novenas tôda a população da redondeza, e mesmo muita gente de fora, procurava se concentrar na cidade, dando a impressão de um grande movimento, tal a quantidade de pessoas que ali se aglomerava. Os hotéis se enchiam; as casas de famílias recebiam pessoas de suas relações; as canoas serviam de abrigo aos que não dispunham de outras acomodações. Até mesmo nos bancos dos jardins e nas calçadas pernoitavam romeiros.

Dentre os navios que tinham suas escalas até Laguna, naquela época, destacavam-se: o Ana, o Max, o Meta, o Laguna, o Mayrink, o Prudente de Moraes, o S. Mateus, o Itapimirim, o Murtinho, o Aspirante Nascimento e outros. Os iates eram de propriedade de firmas lagunenses e ali mesmo construídos.

Ao entardecer do dia 1º começava a movimentação dos fiéis em direção ao Magalhães, para aguardar o início da transladação da Santa para a cidade.

Logo que escurecia, isto é, perto das 20 horas, principiava o desfile das irmandades como nas procissões comuns e, por último, rematando o cortejo, vinha a Santa, religiosamente guardada pelo festeiro e conduzida por irmãos da Congregação. A Laguna em peso estava ali representada.

Ao detrontar o primeiro iate a Santa se virava para o barco e, aí então, era exibida a manifestação que ele havia preparado para saudá-la. Cada unidade da frota recebia, assim, os cumprimentos da Santa e os agradecimentos eram feitos através de foguetes, morteiros, girândolas e as mais variadas demonstrações da arte pirotécnica, cada qual guardando no mais profundo segredo os preparativos feitos para essa oportunidade.

Como os navios e barcos percorriam os mais variados portos da nossa costa, podiam, dessa forma, adquirir coisas inéditas para a Laguna.

O povo, em cada uma das embarcações, aguardava, com ansiedade, a sua exibição e, ao terminar as demonstrações, dava o seu veredito, classificando aquêles que mais se salientaram. E de se prever que as companhias mais poderosas tinham a oportunidade de se apresentar melhor, não só pelo tamanho de suas naus, como pela facilidade de conseguir os elementos preferenciais para aquêles atos.

O gôsto artístico também entrava em jôgo e, assim, algumas vezes, não eram os barcos maiores que conseguíam a primazia.

O cortejo da Santa era moroso, porque tinha que saudar um a um os barcos ancorados e permanecer nessa saudação, até que terminasse a manifestação que lhe era tributada.

O espetáculo que era dado observar se revestia de um deslumbramento fora do comum e chamava a atenção, mesmo daquêles

FESTA DOS NAVEGANTES

que haviam assistido à manifestações idênticas em outros lugares. A confusão de luzes numa policromia estonteante, casada com os estampidos das bombas que estrugiam por todos os lados, tinha o seu remate, quando uma girândola, percorrendo o espaço, despejava sobre o mar fios intermináveis de fogo, e semeava estrelas coloridas pelo espaço ou por uma apoteose emoldurada por um milhão de luzes.

Além dos fogos destinados a essa ocasião, havia os que eram exibidos durante o dia. De quando em quando um enorme estouro chamava a atenção do povo e lá do alto surgiam, suspensos em pequenos paraquedas, bandeirolas, flâmulas, confétis dourados, que a brisa constante da região fazia deslizar nas alturas.

Tudo quanto havia de mais moderno e curioso na indústria de fogos era levado para Laguna e ali expostos aos olhares daquela multidão que se reunia para demonstrar a sua fé à milagrosa N. S. dos Navegantes.

Terminada a visita da Santa aos barcos enfileirados no porto, a procissão se encaminhava para a matriz. Era a última novena que se ia realizar, pois, o dia 1º marcava a véspera do dia consagrado à protetora dos marujos.

A igreja, nessa noite, era demasiado pequena para abrigar todos os fiéis que, pela noite a dentro, permaneciam frente à imagem, procurando tributar-lhe sua gratidão pelas graças recebidas, ou em busca de novas graças aos seus entes queridos.

Ao lado do marujo contrito estavam seus pais, irmãos, esposas, filhos, amigos, todos comungando da mesma fé, com o mesmo desejo de sentirem o aura protetor para tranquilidade de seus espíritos.

O dia 2 era a confirmação do dia anterior, sem o apagar das luzes, nem a quebra das atividades antes observadas.

Logo pela manhã, à primeira missa, já a multidão se acotovelava no adro da igreja, esperando a celebração da grande cerimônia, quando era dado ouvir-se um orador sacro previamente convidado para aquela solenidade.

Nessa ocasião toda a multidão se apresentava com seus vestuários de primeira linha, procurando dar maior relêvo à solenidade. As ruas se enfeitavam com folhagens, arcos, bandeirolas, colchas vistosas nas janelas, como uma cooperação ao tributo da marinagem à Santa de sua eleição.

As 17 horas saía a procissão fazendo o trajeto de retorno, levando o pálio as autoridades locais e a imagem conduzida pelos marinheiros. Ao passar frente aos vapores, o cortejo era saudado com o tríplice apito.

FESTA DOS NAVEGANTES

Ao chegar novamente a imagem ao seu nicho era dada a bênção pelo Vigário da Paróquia, feito o sorteio do nôvo festeiro, e a festa estava encerrada.

E de se salientar a parte afeta as bandas musicais que cooperam com grande destaque para o maior brilho das solenidades. Com seus repertórios renovados, com seus ensaios ininterruptos, cada uma, quer a União dos Artistas, quer a Carlos Gomes, procurava o que havia de melhor nos seus arquivos para se apresentar condignamente naqueles dias, quando as fanfarras são mais solicitadas. Para maior brilho das festas tinha-se, algumas vezes, a presença da banda da Polícia Militar, vinda de Florianópolis, sem dúvida um grande conjunto magistralmente dirigido.

Em se focalizando a atuação das bandas musicais, temos que por em relêvo a orquestra e o coral especialmente preparados para as solenidades, desempenhando um papel saliente nas novenas e, principalmente, na missa solene, dando-lhe o destaque das grandes manifestações religiosas.

Esta achega às festividades levadas a efeito na cidade da Laguna, não está completa. Ao lado de uma documentação fotográfica, uma vez lhe falte a filmagem, agora impossível de ser realizada, sinto não ter em mão a parte histórica, tão ao sabor dos estudiosos e que, na realidade, completa o espírito do pesquisador em quaisquer das modalidades de seus estudos.

Essa falha espero corrigir, desde que posso entrar em contato com a população lagunense ou obter, por intermédio dos intelectuais daquela cidade, os elementos para suprirem as lacunas apontadas.

Devemos esclarecer, também, que essas pompas não eram anuais, em virtude do seu alto custo. Primeiramente ela se realizava de 2 em 2 anos, depois, nos períodos de guerra, ela deixou, por vários anos, de ser realizada.

Atualmente fica na dependência das possibilidades da população. As últimas homenagens prestadas à Santa, não mais tiveram o mesmo brilho outrora observado por mim. Descrever, portanto, o culto à N. S. dos Navegantes agora, é como evocar uma era vivida pela Laguna, sem dúvida riquíssima de fatos merecedores de pena mais habil e destra.

O SANFONEIRO

ROBERTO KEL (*)

Tanto quanto o violeiro, o sanfoneiro, ocupa nas páginas de nosso folclore, lugar de destaque em toda a extensão de nossa pátria.

Figuras, às vezes, lendárias, oriundas das mais variadas camadas sociais, sem distinção de raça ou região, encontradas nas pequenas e grandes comunidades, alimentadas artisticamente por essa "força interior" que se domina vocação, mostrando matizes que a razão desconhece, força intransferível e conhecida pelo vulgo, na expressão: "isso não se aprende na escola", contrariando às vezes a que diz: "filho de peixe, peixinho é". Há, inegavelmente: força genética, de convívio, de mefo, de sobrevivência, de imitação, etc. mas, o ORIGINAL, via de regra é inimitável, surge isolado no tempo e no espaço superando a tudo e a todos destaca-se desde cedo, supera até seus próprios professores e, nem sempre deixa sucessores; atinge o inatingível, até então.

Sanfoneiro, gaiteiro, acordeonista, concertista de Harmônica, são títulos que exigem colocação exata em face do caráter còffotativo regionalista.

No Sul do País, surgiram nas décadas de 40 e 50, boas academias

de acordeon. O termo acordeonista superou o de sanfoneiro que praticamente já não existia em Santa Catarina, tornando-o quase pejorativo ao acadêmico. Gaiteiro era o termo mais comum entre nós, perdurando ainda no interior do Estado, aonde as academias não tiveram penetração.

A propósito, é o caso que ouvi de certo músico:

Determinado prefeito do interior, programara para a sua cidade, um recital de acordeon, aproveitando a passagem de um famoso concertista. Tudo programado, boa propaganda, etc.

O concerto seria no salão paroquial. Tudo muito bem ornamentado, iluminação sobre os cartazes em todos os ângulos.

Pouco antes da apresentação, fora o artista verificar a ordem. Os curiosos se apinhavam para ver o acordeon em exposição, instrumento importado, ultimo tipo. O concertista adentrou o salão.

Logo reconhecido pelo pôster, choveram perguntas: — Moço... o sinhô é o sanfoneiro qui vai tucá aqui hoje? — Quanto custa um bicho deste? (bicho era o acordeon) — Vai tocá a MARIA IVA? — Se não cantá não vai agradar. — Olha, moço, aqui tem muitos sanfonei-

(*) Conselheiro de Cultura, maestro observador e participante na cultura musical catarinense; oficial superior da Polícia Militar.

O SANFONEIRO

ros, mas o melhor é o Chico sanfoneiro... "O homem tocou com o diabo a noite inteira e não repetiu um número sequer! Ia fraquejando quando resolveu olhar para os pés do competidor que se apresentara em forma de um jovem bem apresentável, os pés não eram normais, eram de bode...

Crede em Cruz, gritou Chico, os presentes ouviram um estouro e o cheiro de enxofre encheu o salão. Chico derrota o demônio".

Nesse momento ouviu-se um reboliço na 1a. fila, um alarido infernal; uma senhora de meia-idade comandava uma autêntica torcida e, em pouco tempo, desfilava diante do acordeonista atônito um grupo de adolescentes que por determinação daquela senhora viera para apertar a mão do artista. E para concluir, diz a referida senhora:

Olha moço... eles vêm prá insinã o peçoar a batê parma, na hora qui eu alevantá a mão deretã, é moço... temo qui inducá o povo, né? — Pode-se avaliar o que representa a esse povo o "Chico Sanfoneiro" e por outro lado o nível cultural a que está ligado o artista local.

Os autênticos sanfoneiros, são músicos natos, que cantam sua terra, sua gente. Executam as vezes razoavelmente bem, com criatividade, empregando aceitavelmente, baixos e acordes, usando bastante ornamentação, abusando dos floreios e trilos, sem entretanto possuírem leitura musical.

Santa Catarina teve, e, ainda tem, bons acordeonistas.

Dentre eles lembramos o saudoso Pedro Raymundo, que infelizmente para sobreviver e se projetar fez-se conhecido como Gaucho, divulgando o folclore do Rio Grande do Sul.

No Sul do Estado encontram-se ainda remanescentes de grandes famílias de "gaiteiros", cujo repertório é bastante variado, inclusive o clássico.

Está completamente abandonada a pesquisa do folclore de nossa terra. A região serrana é abundante de sanfoneiros. Cultivam, entretanto, o folclore gaúcho, graças a profusão e semelhança em todo o aspecto na VIVÊNCIA do homem do campo.

E, contudo de imaginar-se que deverá haver muita coisa em comum que é oriundo de nosso Estado e retorna alterado, pois assim como na história há pontos de identificação, os há também no folclore.

Na região de colonizações alemã e italiana, há preocupação constante na manutenção do folclore típico-étnico. Suas gaitas, sanfonas ou concertistas, emprestam o caráter necessário, executadas nas bandinhas típicas, muito do agrado daquelas regiões. O sanfoneiro acompanha toda transformação do folclore de nossa terra, mas no legado, deixa sempre prejuízos que por falta de pesquisas vão sendo deturpados e distanciados da origem.

O cêrco com rêde nos pesqueiros localizados entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente

Franklin Cascaes (*)



Prof. Franklin Cascaes

A pesca artesanal tem sido uma das principais formas pelas quais as nossas populações litorâneas asseguram a sua subsistência. Nessa medida, através da experiência adquirida com o passar das gerações e ainda como heranças do contato com os indígenas, pri-

meiros habitantes deste litoral, os nossos pescadores alcançaram um conhecimento empírico realmente admirável do comportamento de cada espécie que frequenta as nossas costas. Isto no que diz respeito à passagem por determinados lugares, o tempo de permanência, a desova, etc. Da mesma forma consideram o fator ocasião para a pesca de cada espécie: maré alta, maré baixa, condições do tempo, horas do dia ou da noite, estação do ano, etc. O cuidado na escolha e utilização de iscas e apetrechos é outro fator não menos importante.

A par disso, elegem esses pescadores certos locais onde as diversas espécies concentram-se em determinadas épocas do ano. Esses locais, denominados **pesqueiros**, tomam muitas vezes o nome da espécie mais importante que os frequentam. O pesqueiro é constituído quase sempre por rochas, totalmente submersas ou não, ou por um navio ou barco naufragado.

Entre a Ilha de Santa Catarina e o Continente podemos citar

(*) Professor de ensino técnico. Folclorista. Tem publicado na imprensa local. É escultor de temas folclóricos. Utilisa a exposição em locais abertos para expor o que faz. Em convenio com a Prefeitura e UFC, mantém exposição permanente dos seus trabalhos, no Museu de Antropologia da UFSC.

O cerco com rêde

como **pesqueiros** afamados entre os pescadores dessa área, os seguintes: o barco ao leste da Ilha do Ratone Grande; a Lage do Mero, em Itaguaçu; a pedra da Ilha das Cascas, em Ponta de Baixo; a Lage do Caçao, próxima à Ilha do Lago, defronte à localidade de Ribeirão da Ilha, além de inúmeros outros.

Muitos **pesqueiros** encontram-se totalmente submersos e sua localização muitas vezes não é fácil, exigindo um conhecimento prévio e muita prática por parte dos pescadores que os exploram. O cerco com rêde de um **pesqueirô** requer, assim, pericia da tripulação e sobretudo do patrão que comanda a embarcação, especialmente se a pesca for realizada pela noite. Isto porque, como esses locais dão margem a disputas entre os pescadores, além dos obstáculos naturais, apresentam frequentemente obstáculos artificiais colocados por pescadores que somente pescam com espinhéis e que afirmam que as rêdes espan-tam os peixes. Para evitá-las ou destruí-las, preparam a seguinte armadilha: cortam as pontas da ramada do bambu e fincam as varas na areia ou lodo, em tórno do **pesqueiro**, por ocasião da maré baixa.

Se o patrão da embarcação desconhecer a presença desses obstáculos junto ao **pesqueiro** e realizar o cerco com rêde só retirará dela os pedaços.

Para a localização precisa do

pesqueiro, quando totalmente submerso, tomam os pescadores um bambu ou uma vara comprida e estocam o fundo do mar, de forma a ouvirem o som característico produzido pela vara batendo contra as rochas ou o casco do navio ou barco naufragado que forma o **pesqueiro**.

Uma vez localizado o **pesqueiro** procuram os pescadores assegurarem-se de sua posição. São tomados, para tanto, pontos fixos em terra ou no mar de maneira a formar um ângulo reto em cujo vértice estaria a canoa e, portanto, o **pesqueiro**. Os pontos escolhidos podem ser, de um lado, a chaminé de uma fábrica em frente à torre de uma igreja, e de outro uma pedra formando linha com um coqueiro. Quando a pescaria é feita durante a noite escolhem, naturalmente, pontos luminosos como bóias, pisca pisca, postes de iluminação pública, faróis, etc.

Para este tipo de pesca utilizam muitas vezes os nossos pescadores certos artificios que chamam "engôdo". Consiste o "engôdo" numa forma de atrair o maior número possível de peixes jogando no local do **pesqueiro** ostras, berbigões, búzios, etc., depois de quebrá-los ou esmagá-los. Quando tencionam pescar à noite, por exemplo, costumam fazer o "engôdo" ao pôr do sol.

Um outro expediente utilizado pelos nossos pescadores antes de realizar um cerco em um **pesquei-**

O cerco com rêde

ro é cientificarem-se da presença de peixes na área. Isto é feito ouvindo os sons que os peixes emitem no fundo do mar. A miraguaia, por exemplo, emite um som muito parecido com um tambor (buum... buum...); a pescada mais parece uma matraca (tac-tac-tac); a cororoca emite um som que se assemelha a um gargarejo, e assim por diante.

No cerco com rêde em pesqueiro são empregados dois tipos de embarcações: a baleeira e a canoa bordada. Estas embarcações quando não dispõem de motor são movidas à vela, possuindo duas, uma grande e uma pequena; estão providas, ademais, de remos de voga, cujo emprêgo é reservado para a operação de cerco propriamente dita.

A rêde pode ser de malha miúda ou estreita, própria para pesca de enxôva e pescadinha, ou de malha graúda, denominada "rêde de malha laça", utilizada na pesca de miraguaia, pescada, etc.

A tripulação para um cerco é composta de quatro ou cinco homens: o patrão, o corticeiro, o chumbreiro e um ou dois proeiros. Quando o cerco é feito com baleeira são empregados geralmente dois proeiros — elementos encarregados de remar enquanto os demais lançam e recolhem a rêde.

O lançamento da rêde se faz sempre pela popa, ficando a embarcação por dentro do círculo que se vai formando.

Ao patrão cabe lançar o "calão" juntamente com a cortiça. ("Calão" é o pedaço de madeira que vai prêso às extremidades da rêde no sentido vertical); ao chumbreiro cabe lançar a tralha inferior, enquanto os demais remam — o corticeiro geralmente só exerce sua função específica — recolher a tralha de cortiça — quando do recolhimento da rêde.

Uma vez terminado o cerco com o cruzamento dos calões, inicia-se uma outra operação que consiste no seguinte: um dos tripulantes, munido de um bambu, estoca o pesqueiro; os remeiros dão "bombadas", isto é, golpeiam a superfície do mar com as pás de seus remos de voga, enquanto que os demais sapateiam no fundo da embarcação. Esta operação visa produzir barulho para espantar os peixes que na fuga encontrarão as malhas da rêde; é relativamente rápida, o suficiente para que a embarcação dê uma volta dentro do círculo e regressse ao local onde se encontram os calões.

O recolhimento da rêde, feito em seguida, embora seja a operação inversa ao lançamento, apresenta características especiais: o corticeiro levanta o calão e vai recolhendo a tralha da cortiça; o chumbreiro recolhe a tralha inferior, isto é, a tralha do chumbo; o patrão recolhe o pano da rêde e faz os cortes. O corte na rêde consiste no ato de levantá-la com um movimento rápido de forma a impedir a fuga do peixe,

O cerco com rêde

cortando-lhe a saída; os proeiros remam e manobram a embarcação.

Esta operação de recolhimento da rêde exige igualmente pericia da tripulação, especialmente do patrão que é o elemento responsável pelos cortes.

Uma vez recolhido o último calão, tratam os pescadores de desmalhar algum peixe, procurando, assim, livrar completamente o pano da rêde que em seguida é colocada sobre os paneiros (espécie de estrado no fundo da embarcação abaixo do qual é jogado o peixe) de forma que já esteja pronta para um próximo lançamento.

Como equipamento de bordo nesse tipo de pescaria podemos destacar uma vasilha ou um pequeno barril com água; a caixa de madeira onde são guardadas mudas de roupa. A alimentação não é motivo de cuidados especiais. O café, entretanto, é indispensável. Antes do aparecimento das garrafas térmicas, os pescadores levavam um fogareiro improvisado com uma lata de que-rozene, areia e uma grelha de arame. Encontra-se a bordo também quase sempre uma lamparina de cobre ou de fôlha de flandres, denominada pomboca; um instrumento denominado "bucheiro", constituído de um pedaço de

madeira com um anzol grande numa das extremidades, tendo na outra um catuto amarrado na ponta de um cordel, e destinado a puxar para bordo os peixes maiores; da mesma forma encontra-se ainda dois porretes de madeira de lei utilizados para matar os peixes de maior porte.

Como tentamos mostrar o cerco com rêde em pesqueiro constitui um tipo bem característico de pesca artesanal praticado pelos nossos pescadores nas baías Norte e Sul da Ilha de Santa Catarina, e que se adapta perfeitamente às circunstâncias especiais de comportamento das espécies que frequentam essas águas, frente à configuração do relevo marinho dessas baías. Lançar e recolher a rêde são operações praticamente contínuas e uma mesma tripulação, quando a safra é pequena, trabalha muitas vezes toda uma noite visitando vários pesqueiros antes de regressar à terra.

A distribuição do produto dessa pescaria, peixe ou dinheiro no caso da venda ser efetuada, entre os tripulantes, é feita de uma maneira já tradicional entre os nossos pescadores: metade do produto é destinada ao dono da rêde; a outra metade é dividida entre o patrão e camaradas, tocando a cada qual um "quinhão" igual.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE AS CARACTERÍSTICAS PLÁSTICAS DA CERÂMICA POPULAR DO LITORAL CATARINENSE

Carlos Humberto Corrêa (*)

Uma vista rápida do panorama folclórico de Santa Catarina olhado sob o ponto de vista das artes plásticas e limitado por umas poucas linhas torna-se difícil. Os obstáculos com os quais nos defrontamos estão, direta ou indiretamente, ligados à variação geográfica do território e aos aspectos de colonização da mais variada origem.

Santa Catarina, como muito se tem observado, é composta de ilhas culturais relativamente isoladas do ponto de vista miscigenatório. Salvo o litoral, onde a colo-

nização portuguesa ou paulista predominou dando uma uniformidade cultural ligada sempre ao problema da pesca, e uma pesca extrativa, o resto, a partir dos limites da Serra do Mar para oeste, tem sofrido as mais variadas tonalidades de afluxo humano salientando-se os gauchos, alemães, italianos, poloneses, russos brancos, etc. Desta maneira, difícil se torna um estudo completo — mesmo sem a preocupação do espaço — visando dar ao leitor uma idéia panorâmica do folclore plástico no território catarinense.

(*) Professor universitário. Ex-Diretor do Departamento de Cultura da SEC. Durante anos dirigiu o Museu de Arte Moderna de S. C.

Entretanto, alguns elementos gerais podem ser considerados, elementos estes que além de caracterizarem um tipo de regionalismo, possuem também traços de intemporalidade e universalismo, principalmente na cerâmica utilitária, artesanal por essência, do litoral e em particular na Ilha de Santa Catarina e adjacências.

As figurinhas de cerâmica feitas no município de São José apresentando como tema a dança do boi de mamão, a orquestra de sapos e outros animais isolados (muitos dos quais, inclusive, não existem na fauna catarinense) são exemplos típicos da necessidade popular de introduzir cor e alegoria em objetos que materialmente ou mentalmente acompanham o homem simples do litoral, que tem como atividade principal a pesca e, naturalmente sofre com a solidão da canoa isolada horas e horas na grande imensidão do mar.

A psicologia do pescador, abstrata, é também refletida em tais bonecos de barro cozido.

Esta abstração geométrica se faz sentir principalmente nos objetos de uso diário executados em torno de oleiro, o mais primitivo, onde, na maioria das peças como potes, jarras, moringas, alguidares, etc., a cor é quase que completamente desconhecida. Os objetos são de linhas admiráveis, executados há dezenas de anos com as mesmas formas, onde o desejo inquieto da criação de novas formas, da novidade, não existe; são, entretanto, herméticos, frios em

cor e mortos em criação. E o próprio barro cozido, cru ou vidrado que, embora apresente uma rica superfície externa que poderia ser decorada, não o é. Raramente se encontra um objeto decorado com linhas sulcadas no barro ainda mole pretendendo dividir em faixas horizontais a superfície curva.

Esta cerâmica fria é um contraste estranho com as figurinhas graciosas e coloridas de que nos referimos anteriormente e feitas no mesmo local. Será a mão da mulher, executora dos bichinhos que imprime a tais objetos estas características chocantes com a cerâmica utilitária, masculina, abstrata executada no torno pelas mãos calejadas pelo caníço ou pela rêde ou tarrafa, aquelas mesmas mãos que, cedo puxam a canoa com a responsabilidade de conseguir o alimento diário para a família? Se o for, outra característica a ressaltaria: a cerâmica masculina é essencialmente utilitária, doméstica por excelência, enquanto que a feminina é somente decorativa tentando renascer cenas da mitologia popular.

Finalmente, não ficaríamos satisfeitos ao fim destas resumidas considerações, sem citarmos o caráter não religioso da arte popular da Ilha de Santa Catarina e adjacentes. E, como toda arte popular que difere essencialmente da arte primitiva e na religiosidade é um traço constante, tornando-a mais e mais universal, apesar da abstração profunda que envolvem os objetos.

O FOLCLORE NA ASTRONOMIA

A. Seixas Netto (*)

A influência dos usos e dos costumes mais antigos sobre as gerações mais recentes, compõe, inegavelmente, a saga magnífica das lendas; o transporte oral dessas lendas é a tradição; e o culto a essa tradição é o folclore. O folclore, então, é a maneira não erudita de fazer os registros históricos; é o modo popular de nistorização, do passado folclore, em análise final, é o sistema áudio-figurativo para conservar, empiricamente, a exatidão de ocorrência antiga, repetindo-a. Com o passar dos séculos, todavia, essa rigidez de transferência vai sofrendo modificações imperceptíveis que se acumulam para gerar novas imagens, e quase sempre imagens paralelas. No folclore vê-se interessante modalidade para conservar um acontecimento: Ainda que o transporte seja oral, a figuração é estática; o folclore pouco sofre as influências imaginativas da mente. Por isto mesmo, a saga folclórica é precisamente documentária.

A tecitura das lendas são bastante sintéticas, ao contrário dos

fatos registrados que são muito ilustrativos por figurações. As lendas são informações; os figurativismos são exemplificações. Os povos confiam mais nos exemplos ópticos que nas referências vocais. Por isto, os registros do passado, no folclore, são associados de pequena parte expositiva e grande teor exemplificativo.

Quando se sabe analisar, há mais informações num registro folclórico que em documentos escritos.

—x—

A história da Astronomia, nos seus capítulos mais antigos, é bela saga folclórica.

E aqui deve esclarecer, antes de prosseguir, uma diferenciação ou um estágio dentro da sequência do folclore; quando a lenda perde a sua mensagem figurativa, ou a sua síntese oral, estagna no tempo e se transforma em mito. Portanto, mito e lenda, fazem o folclore; a lenda é dinâmica e prossegue; se perde alguma das mensagens e se torna estática é mito.

(*) Escritor de assuntos referentes a meteorologia e astronomia.

Tem atividade acentuada na imprensa local.

O título que assina nesta página é a palestra que pronunciou na Semana Catarinense de Folclore em 1969.

FOLCLORE NA ASTRONOMIA

Para não alongar cansativamente, permanecerel, nesta palestra, simplesmente dentro do Zodíaco.

Que é Zodíaco — É simplesmente a linha de órbita da Terra ao redor do Sol; olhado o Céu, nesta linha, desde o nosso planeta, vemos as Constelações na sequência circunferente ao nosso curso solar; e por uma disposição aparente, o Sol parece caminhar por dentro desta circunferencia; e os demais Planetas do Sistema também, uma vez que suas órbitas são pouco inclinadas em relação á da Terra. É a Eclíptica astronômica. A tradição astrolátrica muito remota, chamou a esta linha de curso do Sol ZODIACO; esta palavra poderá ser aquela derivada de ZODION dos zoroastristas persas, significando “caminho da vida do Sol”, uma vez que eram os adeptos de Zoroastro adoradores do Sol; ou poderá ser aquela de origem helênica primitiva querendo significar “casas dos animais”, ou do grego mais recente, entretanto, clássico “pequenos animais”.

O Zodíaco moderno, — e a Terra no mecanismo solar dentro dos milênios já teve outros ZODIACOS —, e composta de DOZE CONSTELAÇÕES. O número é significativo pois é também, ele mesmo, tradição, folclore; decorre do sistema de numeração dezecimal dos povos caldaicos-babilônicos, de vez que a numeração erudita era sexagesimal. Foi, por assim dizer, um número sagrado para povos ancestrais; e o valor tradicional

do número doze chega até nós com os doze discípulos de Jesus, por exemplo, os doze pares de França; os doze meses do ano; a medida de quantidade duzia, etc. e mais, as primitivas doze horas de dia e as doze horas da noite, que eram variáveis pois durante o curso de um ano, a espaço decorrido entre dias e noites modifica-se.

—x—

Começemos pelo Zodíaco na tradição helênico-clássica. Na Grécia primitiva, havia uma sistematização religiosa legendária; perdida a mensagem significativa para cada um dos deuses, a tradição estancou e se tornou mito. Era o início da sua mitologia que hoje nos encanta. Cada um desses deuses e deusas, efetivamente possuíam um significado cósmico ou histórico local; mas a lenda perdeu-se na transmissão oral e restou a imagem figurativa. Mas a notícia ancestral informava assim no Zodíaco; Constelação do Carneiro, significava e o Carneiro do Tosão de Ouro, imolado a Júpiter o deus Supremo do Olimpo; a Constelação do Touro; personificava o disfarce que tomou Júpiter para raptar Europa depois de havê-la metamorfoseado em novilha;

Constelação dos Gêmeos recordava a lenda dos dióscuros Castor e Pollux; a Constelação do Carangueijo lembrava a tradição daquele monstro enviado por Juno contra Hércules quando combatia a Hidra em Lerna; o carangueijo gigante, ou Cancer no falar dos povos latinos que conservaram a

FOLCLORE NA ASTRONOMIA

tradição, foi morto pelo Herói e a deusa o levou aos Ceus; a Constelação de Leão recorda o Leão de Nemeia, morto por Hércules; a Constelação da Virgem recorda a piedade filial de Erigona, filha de Icário; nos povos atenienses era Astréa (deusa da Justiça (filha de Themis e Jupiter; a Constelação da Balança é o simbolo de Astréa; a Constelação do Escorpião recorda o animal que picou o calcanhar de Oríon a mandado de Diana; a Constelação do Sagitário é uma homenagem legendária a Chiron, o Centauro; a Constelação de Capricornio recorda a cabra Amaltea que deu de mamar a Jupiter; a Constelação de Aquário é uma lembrança de Canímedes, o aguadeiro; a Constelação dos Peixes é a recordação daqueles peixes que trouxeram Venus e Amor em seus dorsos fugindo de Typhon, o gigante.

Este o quadro ocidental do Zodiaco atual. E as Constelações estão dispostas no Céu astronômico de maneira que nele se pode ler a historia e a saga folclórica da Grécia antiga e clássica; e os astrônomos cultivam este folclore notável e muito informativo do passado que teve o Sistema Solar. De fato, olhando-se o Céu se pode ver a Constelação de Carangueijo mordendo o pé da Constelação de Hércules; à frente da Constelação de Hércules está a Constelação da Hidra; a Constelação de Leão parece ao astrônomo estar em luta com a Constelação de Hércules; a Constelação do Escorpião parece estar lançando o agulhão da cau-

da contra a Constelação do Orion; ao mesmo tempo em que a Constelação do Touro parece estar investindo sobre aquele herói, o que relembra um dos seus doze trabalhos. E assim por diante.

—x—

Na saga folclórica de Caftar, da Ilha de Greta, a Constelação de Touro significava o refugio de Deus Mínos, ou o Minotauro em seu labirinto, após ter sido morto por Teseu. A propria figura plana do labirinto de Creta, possui a imagem da nossa Galaxia, com os seus braços e grupos nebulosos; para o egipcio era o Deus Apis, o Boi; e o seu culto festivo gerou as danças do Boi-mamão que produziu nos povos hispanos as touradas com animais verdadeiros, ao invés da representação figurativa. Por sua vez, nas sagas chinesas do celeste império, a Constelação de Escorpião se chamava Dragão Azul, e era festejada, significativamente, por grandes Dragões de seda e papel, que teria originado, posteriormente, as bernúncias. Já a Constelação do Carneiro, que marcava o inicio da primavera, para os povos palestinos e caldeos rememora a maneira mais antiga do Carneiro pascal.

—x—

A dança dos Ciclopes, ou gigantes dum só olho, como Polifemo, que foi morto por Ulisses grego, era um aplacamento á ira de povos gigantescos e desconhecidos, e poderia, por evolução, perdida a mensagem oral, ter gerado as maricotas e os bonecos do folclore mediterrâneo, que usamos hoje

FOLCLORE NA ASTRONOMIA

nas linhas ascendentes açoreanas; a Constelação da Baleia conta no céu a história do profeta Jonas como a Constelação do Peixe Austral, perto da Constelação de Argus, o Navio, conta a história das Sereias, que eram as mulheres de Cirene, com a parte inferior do corpo envolvida em peles de peixe, que cantavam às noites de tempestades, invocando a pesca e que também apavoraram Ulisses, com seus maviosos cantos.

—x—

Mas, de conformidade com o primitivo Zodíaco dos povos Mesopotâmicos, igual ao que atualmente consideramos, as Constelações Zodiacais significariam eventos da Vida na Terra; distinguiram fenômenos e lugares geográficos. Assim, o Mar era indicado pelas Constelações dos Peixes e da Cabra Marinha; os bosques pelo Sagitário; o deserto, pelo Escorpião; as Florestas pelo Leão; os pantanais pelo Carangueijo; os campos pelo Touro; as fontes de água potável, pelo Aguadeiro ou Aquário; os alpinos pelo Carneiro; etc. Em cada grupamento étnico, o Zodíaco revela sua história, seus animais, sua geografia, seus deuses.

—x—

A Constelação do Cruzeiro do Sul revela a saga do Cristianis-

mo para o Ocidente como a Constelação do Touro também mostra a saga indu dos Vedas. E nisto que repousa a beleza das Constelações, a história da Terra e do seu folclore geral escrita nos Céus. A legenda de Cristo é associada ao Cometa de Belém, tanto igualmente às lutas de Troia está associada a uma grande aproximação do Planeta Marte. E deste modo, planetas, estrelas e Constelações vão contando a história do mundo.

—x—

Cada festividade representativa folclórica é a repetição duma mensagem antiga; uma recordação; uma lembrança duradoura. As danças figurativas são ou um esconjuro de aplacamento às iras do Cosmo ou um tributo e gratidão à Natureza. Tudo é feito em relação aos eventos cósmicos; ou os eventos da Natureza são levados ao Céu em tributo de gratidão. E por aí se marca o passado do Universo e o seu futuro. Conhecer a história da Terra é saber a disposição dos Céus e é verdadeira a reciproca; Conhecer a disposição dos Céus é saber a história da Terra.

—x—

E assim, em linhas muito amplas e gerais, o folclore do Céu que é o folclore da Terra,

O CASAMENTO DE JOSEFA

Prof. NEREU DO VALE PEREIRA

DIÁRIO DE PESQUISA

FOLCLORE NARRATIVO

Os ritos casamentais, em boa parte deles, são revestidos de características folclóricas. O presente relato é fruto de uma interpretação do casamento por "FUGA", habitual em muitos pontos do Brasil, e principalmente em Santa Catarina.

É resultado de um relatório de pesquisa desenvolvido na localidade de Costeira do Ribeirão, Distrito de Ribeirão da Ilha, Município de Florianópolis, em entrevista com o senhor Gerônimo de Tal, aos dias 28 e 31 de outubro de 1972.

Estávamos sentados na sala de visitas do senhor Gerônimo, em sua casa que diz ter uns duzentos anos! Era um bom "papo". Conversa animada e diga-se muito interessante. O tempo corria à solta.

Durante a conversa veio a novidade.

— Seu Marciano, o senhor sabe que a Josefa "fugiu" ontem de casa?

— Pois é, dizem que o noivo

dela (Mário) apareceu aqui ontem com aquela chuva toda, de carro praça, e pediu a uma menina da vizinha para chamar Josefa; e foi quando ela entrou correndo no carro com uma trouxa debaixo do braço e "se mandou".

Merenciana, mãe de Josefa, só depois deu pela coisa e, se reclama muito pois vai sentir falta da filha.

— Imagine que ela está com o pai entrevado, a casa é muito grande e não dá para cuidar de tudo; é bastante serviço. Aqui é sempre assim as moças todas fogem.

Neste instante Merenciana entra em casa do seu Gerônimo. Naturalmente despertada com nossa presença corre para contar a novidade. Registre-se o comportamento da mãe. A preocupação é mostrar-se surpresa e desgostosa com o procedimento da filha. Parece disfarçar, em nossa presença, nada saber do que ocorria conservando aparente naturalidade. Deseja contar-nos a novidade, desejo que inutilmente busca esconder.

O CASAMENTO DE JOSEFA

Procura um assunto qualquer e tagarela com a esposa do seu Gerônimo. E, olho lá, olho cá! Após vários assuntos de conversa resolvo entrar diretamente no meio "metendo minha colher" para abreviar a ansiedade de Dona Merenciana.

— Dona Merenciana então a Josefa fugiu ontem?

— Veja seu Marciano...

E caiu em prantos, quando até então ria à solta.

— Veja o que ela fez (soluçava). Imagine que eles tinham preparado tudo. Ela já tinha até preparado uma trouxa com roupa e eu não vi nada. O Januário (pai de Josefa) coitado não diz nada. Só chora. Ela faz uma falta... Só sinto falta dela em tudo.

Eram decorridas apenas duas horas diurnas e mais oito noturnas de ausências.

Pergunto eu.

— Para onde ela foi Dona Merenciana?

— Foi para a casa dele na Cidade. Depois eles vão alugar uma casa para morar. Ele ganha bem e dá para arrumar direito a casa.

Tudo isso já era sabido e conhecido antes? — A fuga foi até uma encenação?

Que ritual mais interessante de casamento!

Continua Dona Merenciana.

— Pois agora vou ficar sozinha. Eles fugiram ontem à noite saindo de carro. Se não fosse a

filha da vizinha eu não sabia que ela tinha "fugido" e estava "esperando ela" até agora.

— O que é que eu vou fazer seu Marciano?

A casa é grande e a gente não vê tudo, mas, seja como Deus quiser!

Resolvo mudar o alvo da conversa:

— Pois é seu Gerônimo também sua filha agiu assim não foi?

— E, foi! Mas o caso foi diferente. Nós não queríamos o casamento dela pois o fulano tinha estado cinco anos em Brasília e não sabíamos o que ele tinha feito por lá. Como é que iríamos consentir no casamento deles. Se ele tivesse feito alguma coisa por lá o que teria acontecido? Como nós criamos caso, ela resolveu fugir de casa. Finalmente hoje eles vivem bem e a gente está contente. Ele é trabalhador. Tá ganhando bem e dá tudo certo.

Isto ocorreu a 3 anos e o fato se repete constantemente, envolvendo outros personagens.

No momento, parece crer até que uma vizinha diga a outra:

— Pois é, minha filha tem que casar; qualquer dia desses ela "foge" com o fulano.

Outra poderia dizer.

— Pois é, minha filha vai fugir amanhã com o José.

Por ocasião, da fuga são realizadas encenações e até mesmo comportamentos institucionalizados. Os pais se agridem com pa-

O CASAMENTO DE JOSEFA

lavra. Os filhos são condenados, até ameaçados de morte. Ataques, desmaios, cheliques, estremiliques, etc., etc. e tal. Seu Gerônimo foi um que armou-se de um facão e saiu atrás dos "fujões", dizendo que os mataria e se mataria também. "Não se encontrou ou não teve lá muita vontade que isto acontecesse. Salvemos as aparências".

Decorridos alguns dias tudo começa a retornar o curso normal até festas realizam. Toda a paz retorna. O casamento está realizado, seguindo um ritual que se afirma nos costumes da população a mais de um século.

É o ato aceito e incontestável. A família adquire sua forma normal inclusive o da indissolubilidade do vínculo matrimonial.

Quanto aos atos religiosos e civis não há lá muita preocupação.

Sómente aqueles que aspiram alcançar alguns benefícios da Previdência Social é que se preocupam com atos institucionalizados e formalizados pela sociedade complexa.

Quem quiser presenciar fatos destes o verá junto as vilas interioranas do litoral a encosta Catarinense. Parece ter surgido com a colonização açoriana. Os Açorianos desprovidos de assistência jurídica e religiosa não poderiam adiar seus casamentos indefinidamente na espera dessas autoridades. Criaram uma forma original de casamento. Como

eram católicos e com "sansões" rígidas não foi nada fácil implantar o sistema. Vencida a etapa de escândalo público buscou-se uma causa aparente e menos subversiva. Daí porque as encenações.

Alegam ser a fórmula adotada pelo fato de representar uma boa economia pela não realização de festas. Aliás o que a maioria dos envolvidos em tais casos "alega". Foi este comportamento adotado por comunidades de origens étnicas diferentes, especialmente as germânicas, como também até entre comunidades com maiores recursos econômicos, num processo de aculturação que joga por terra os argumentos econômicos.

Famílias inclusive de maiores rendas e recursos são envolvidas sistematicamente. Januário e Merenciana são dos mais aquinhoados em renda da comunidade e nem por isso mudaram o rumo dos acontecimentos.

É no nosso entender, porém, o desamparo em que encontram por muitos anos e pela falta de assistência religiosa e autoridades civis, a causa responsável pela adoção de costumes de fugir. Já integra o ritual da sociedade.

Outros dizem que esta forma traz mais felicidade ou que garantem um casamento mais feliz e duradouro.

Outra causa provável poderia ainda ser levantada:

O transplante do casamento

O CASAMENTO DE JOSEFA

por rapto que era encontrado entre comunidades africanas. A cultura escravagista pode ter tido sua influência para a criação do costume pelos açorianos e destes para os demais.

— O fato é tão comum. Três dias após o ocorrido encontravamos com Dona Merenciana e pergunto se tem notícias da Josefa. Diz-me ela:

— Temos sim, temos tido bastante notícias de Josefa. Ela está morando com ele na casa de um irmão dele.

— Eles são onze irmãos lá do Campeche (1). Não tem mais pai nem mãe. Todos os outros fugiram. Está fazendo dois meses que o outro irmão com quem ele morava carregou com a namorada para casa. Os dois trabalham fora e o Mário não tem ninguém para cuidar da casa, da roupa dele, da comida. Assim ele resolveu bem o problema. A Josefa vai resolver a situação para ele. Tá bem não é Seu Marciano? Domingo ela vem aqui em casa e vamos recebê-los com um grande almoço.

—A Josefa é uma dona de casa e vai ajudar muito a ele. Ora

que mal tem em "fugir". Há tanta gente rica que "foge". Eu mesma "fugi" com o Januário, não tinha luz e nós saímos pela praia com a "pombóca" (2) acesa pela mão e estava tudo resolvido.

E a história continua, continuaria e continuará.

Trata-se de um costume que só desaparecerá lentamente e na proporção em que as normas institucionizadas pelas sociedades complexas possa se apresentar, para eles, como meio mais seguro e vantajoso na celebração e reconhecimento dos casamentos.

(1) CAMPECHE —

localidade rural na ilha de Santa Catarina distante do centro de Florianópolis a 13 Km em sentido leste a Costeira do Ribeirão.

(2) POMBÓCA —

lâmpada a querosene, de pavio, e muito usada pelos pescadores por resistir ao vento sem apagar-se. Também foi usada para iluminar a casa. Geralmente pombóca refere-se a lâmpada pequena.

DE CARUARU - PE. PARA FLORIANÓPOLIS

Do maior xilogravurista do nordeste, Ferreira Dila, ou mesmo Dila, de Caruaru, como é conhecido, recebemos o folheto, "OS SERTÕES E CANGAÇO e A FORÇA DO AMOR MATERNO OU O PREÇO DA INGRATIDÃO", de autoria de José Cavalcanti e Ferreira Dila.

São pequenas estórias da literatura de Cordel, que marcam pequenos e grandes acontecimentos que envolvem a vida popular do povo do nordeste. Ferreira Dila o Xilogravurista, que foi escolhido por concurso, o melhor entre duzentos, que se dedicam a xilogravura é realmente um artista de rara habilidade.

Com suas pequenas talhas de madeira, entalhando figuras de pessoas vividas e fictícias, santos e crentes, ilustram centenas de folhetos, de sua autoria ou de outros poetas, nos mais variados temas e aspectos que envolvem as coisas do sertão nordestino. É um artesão de inigualável valor, com sua pequena oficina tipográfica à Rua Antônio Satri 36 — Bairro Riachão em Caruaru PE. Ali está o **Dila Editor**.

Homem de mil e uma estória, envolvendo à todos que os visitam na sua simplicidade de homem do sertão, Dila é uma dessas pessoas puras de sentimento, que cativa o visitante ao seu primeiro contato. Ansioso para iniciar a narrativa de mais uma estória fictícia, que afirma com veemência ser verdadeira, ele não pára de falar um só instante. Envolvendo pessoas, coisas, assombrações, valentes e valentões, numa torrente de palavras, ele vai contando, contando sempre, numa ânsia louca, para que o seu ou melhor seus ouvintes não percam um só detalhe.

Assim conheci o **DILA DE CARUARU**.

DORALÉCIO SOARES

OS SERTÕES E CANGAÇO



AUTOR
JOSE CAVALCANTI E FERREIRA DILA

SENHOR PEREIRA E O NEGRO FURACÃO

Senhor com o gado sozinho
Nisto surgiu o forasteiro
Furacão e de balcão
Maldador de boiadeiro
Senhor já sabendo disse
Valei-me Deus verdadeiro

Senhor benzeu-se e seguiu
Resando sua oração
Ofereceu aos seus Santos
E Padrinho Cícero Romão
Que lhe ajuda-se e livra-se
Destá tremenda tração

Furacão tipo fantasma
Tinha um metro e 90
85 de péso
Tinha a fera violenta
A venta de papagaio
Usava roupa cinzenta

Era bamba no gatinho
O assombro do Sertão
Veio de Calafé do Rocha
Conhecido FURACÃO
Boiadeiro nunca escapou
De sua negra tração

CHICO FRANCISCO
RICARDO
ANTONIO FELIX

OS VIRGULINOS
"BIOGRAFIA E DESCENDENCIA"



CEL. JOÃO BEZERRA



CEL. EUDÓCIO



ANTONIO SILVANO



ANTONIO CRIANÇA



Lampião

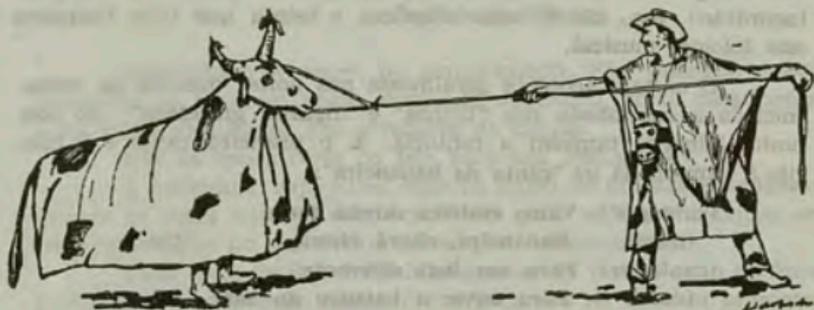
"O moreno cego do olho esquerdo"

MARIA BONITA

LAMPIÃO

CHAGAS BATISTA
OS SERTÕES E CANGAÇO
ARFOLHETO SÃO JOSÉ
José Cavalcanti e Ferreira DILA
BODE CANGAÇO E LUTAS
Historia e Profecia de
P D R E CILERO

A DANÇA DO BOI-DE-MAMÃO



Segundo uma versão reforçada pelo Folclorista Doralcio Soares, o termo "boi-de-mamão" originouse no fato da figura do boi de pano, na Ilha de Santa Catarina, ter a cabeça feita com um mamão verde. Em épocas mais remotas, na confecção do boi de pano, foi usado um mamão verde para representar a cabeça do boi. Hoje a cabeça do boi é feita de pano cheio de papéis, ou mesmo com uma caveira de boi (verdadeira), menos de mamão verde. Há, porém, uma outra versão defendida pelo folclorista professor A. Seixas Neto, que diz ter vindo o nome do fato do boi que mama, isto é, o boi mamão, alterando-se para boi-de-mamão; podemos, assim, considerar lógicas as duas teorias, mas ficamos na dúvida em dizer qual a verdadeira. E o nome "Boi-de-Mamão" pegou, afinal.

A dança do **Boi-de-mamão** inclui figuras imitativas de animais e homens travestidos. Há o cavalinho, a cabrinha, o Urubu, o papagaio, o boi (como figura central), a bernúncia (uma espécie de dragão) o Jaraguá (um bicho esquisito que caminha de pé), a ema, o urso, etc. São imitações grotescas e engraçadas de animais que, tendo em seu interior os "atores", se movimentam ao som de melodias que cantam suas proezas. E um dos versos mais notáveis é o da "bernúncia": Tava deitado na cama — Quando ouvi falá em guerra — isto era a bernúncia — que vinha descendo a serra —. E seguia-se o refrão: Olê... Olê... Olê — Olê — Olá — arreda do caminho que a bernúncia quer passá... Os bichos, quando são bem feitos, chegam até a impressionar com a sua "ferocidade".

Num **Boi-de-mamão**, as figuras principais são o Mateus, o Vaqueiro, o Doutor, a Maricota (mulher de três metros de altura, braços e pernas muito compridos) feita de armação leve e forrada de panos coloridos. Vai no seu interior um elemento que "faz" a Maricota dançar, balançando exageradamente os braços e agradecendo a "Torcida" da gurizada em redor.

Toda a encenação é repleta de graça e de beleza. As melodias e o "palavreado" do cantador, respondido pelos refrões do coro ritmado pelos chocalhos, surdos, pandeiro, cavaquinho, violão, gaita (acordeão), etc., são de uma singeleza e beleza que bem traduzem esse folclore musical.

O cortejo acontece geralmente nas noites quentes de verão. Iniciada a caminhada dos "bichos" e "figuras grotescas" do conjunto, inicia-se também a cantoria. E o primeiro canto é o convite à caminhada ou "canto da bananeira":

- (cantador) Vamo embora minha gente
 (coro) Bananeira, chorá chora, bis
 (cantador) Para um lugá diferente
 (coro) Para ouvir o balanço do mar...
 (coro) Oi cai,
 Oi cai, bis
 Na boca da noite
 Sereno cai...
 (Vamo embora minha gente... etc. etc.)

Esses versos são sepetidos muitas vezes. E quando algum morador do "itinerário" do "Boi" quer pagar para ver a dança, então o grupo pára. Dá-se início às encenações. Os versos contam "estórias" como da "Bernúncia que engoliu Mané João, come pão, come criança, come tudo que lhe dão..." Tudo cantado pelo cantador principal (ou solo), respondido pelo coro.

Já em altas horas, após dançar muitas vezes, o Boi-de-Mamão volta para casa (sua sede). E todos daquele grupo alegre cantam a melodia da caminhada: o Canto da Bananeira...

C. A. Angloletti Vieira

TERÇOS DE SÃO GONÇALO

Octávio da Silveira

Denominam-se assim, ou simplesmente. São Gonçalo, solenidades que se realizam neste município do litoral norte catarinense, pelos sítios localizados nos arredores da cidade.

Não há época certa do ano, para sua realização.

A cerimônia, cujo ritual encerra mixto de profano e religioso, por via de regra inicia-se com orações as quais se seguem danças em frente a imagem do santo, cuja presença é imprescindível.

Todo terço de São Gonçalo origina-se de pedido feito ao milagroso taumaturgo, sendo assim, o cumprimento de voto ou promessa feita.

Segundo se sabe, este santo a cujo nome juntam também, o de Amarante, lugar do seu nascimento, descendia de nobres de Portugal, sua pátria, onde faleceu em 1258 e até hoje é venerado pelos seus devotos.

Pregava o santo, ser também agradável a Deus, a purificação das almas e alcançar o céu, pela dança, como o é por meio do jejum, oração e mortificação.

Cremos ser costumes e devoção para cá trazidos pela colonização açoriana. Lamentavelmente em nossos dias está desaparecendo.

As imagens que conhecemos são antigas de pequeno porte, escuras, encardidas talvez, pela ação de fumaça através dos anos.

Tradicionalmente realizam-se os terços, à noite, com grande afluência e tem início obrigatoriamente, pela reza do rosário, ante o santo, colocado em lugar de destaque, na sala iluminada a lampião de querosene, dentro do oratório de madeira, com portas de vidro e enfeitado com flores de papel de seda multicolor.

Aos pés do nicho, acendem velas.

Quando terminam as orações, recitadas em voz alta pelo capeião e assistidas com respeito, começam as danças e os cantos, ao som geralmente de desafinadas violas e rabecas.

Em frente à imagem do glorioso São Gonçalo, sempre de dois em dois, porém, sem se tocarem, dançam em primeiro lugar os "promesseiros" ou sejam, aqueles que fizeram a promessa. Se estes forem homens, dançam todos os deste sexo e se forem mulheres, dançam estas em primeiro lugar. Não podem absolutamente dançarem juntos, homens e mulheres.

Consistem as danças, em graciosos meneios até o oratório, onde após breve reverência ao santo, voltam também com passos coreográficos, porém, sempre de frente, sem dar costas a imagem.

TERÇOS DE SÃO GONÇALO

Após as últimas pessoas terminarem de dançar, que de praxe, devem ser os "promesseiros", finda a cerimônia propriamente dita do São Gonçalo.

Acontece as vezes, que juntamente com a promessa, costumam fazer a acompanhada de tantas rodas de fandango.

Ai, então, viram o santo com a frente para o canto da sala ou o recolhem a um quarto visinho.

As violas e rabecas mudam de toada e todos entram a bater fortemente com os pés no chão de barro ou no soalho, conforme o lugar onde se realiza o terço.

Chamarrita, passeado, anú, recortado, andorinha, tonta, samambaia, serrana e tantas outras modalidades de danças, são executadas em meio a intensa animação, pela noite a dentro e quase sem pre, até ao raiar da aurora.

Enquanto os violeiros gemem nas cordas dos instrumentos, os cantadores dão vasa ao seu entusiasmo nas quadrinhas de pé quebrado e os dançadores capricham na cadência, principalmente quando é dançada de tamancos, lá na cosinha, a ardente e cheirosa queimada e fartamente servida e por todos avidamente procurada.

—x—

Contam que certa vez, isto já há muito tempo passado, num São Gonçalo, a meia noite, apareceu entre os dançadores, com a viola debaixo dos braços, estranho personagem, de escuras vestes e brilhante olhar.

Ao vê-lo chegar, o violeiro teve mau pressentimento e furtivamente o ficou espreitando. A aparência do desconhecido, diferente dos demais, inexplicável presença àquelas horas e seus modos, davam ares de assombração, pouco notada devido a grande animação reinante.

Desconfiado e amedrontado, teve logo a intuição de isolar o esquisito recém chegado, antes que o mesmo tomasse a iniciativa de cantar ou entrar na dança.

Encheu-se então de coragem e subindo ao môcho, no qual estava sentado, o tocador mudou a toada do instrumento que dedilhava e em voz bem alta cantou:

— Meu sinhô dono da casa, feche a porta e apague a luz, estamos com o diabo em casa e vamos rezar o credo em cruz.

Imediatamente, formidável estrondo abalou a casa coberta de palha onde dançavam e logo geral confusão, gritos e correrias estabeleceu-se em meio da grande escuridão.

Quando acenderam o lampião, o misterioso intruso tinha desaparecido como por encanto. Em vez da viola, jazia no chão, seca casca de cacho de tucum e insuportável catinga a todos afugentava, pondo fim assim ao terço.

Era mesmo, o demo...

São Francisco do Sul, Junho de 1965.

Continuam ressaltando mais um pouco a "br" talentosa "CA-
SABETE ou CATIRA" no vale do Rio Grande, em Jales, Votuporanga,
Tanabi, onde o ritmo é quente do palmeado e sapateado que
atrás poeira do ascalho no salão.

Em São José do Rio Pardo, terra de Egídeos da Cunha
podem ouvir a batuta do CAIPO, os entre choques de batidas
apressadas e tico-e-fixa. Pelo vestido com capim barba-de-bode e com
as partes do corpo pintadas de azul, desfilas pelas ruas da cidade
larga e paucável, cantando a colônia, através de coreografias —
a beleza que foi repada e outros fatos acontecidos no passado.

Com o passar do tempo o BATAQUE (turibugana) deixou a
cidade e foi para o bairro, mas o seu maior centro de irradiação
sua e Capivari onde nos meses quentes ou tras as batidas do
santo são ouvidas a grande distância. No litoral os PANDANGOS
e CHIMARRITA e a CIRANDINEIA de adultos ainda podem ser
vistas nas festas de São João. Os PANDANGOS
de CHIMARRITA são apresentados pelas bandas de Sorocaba, Ilópolis, Capão Bonito
excepto ao som da viola com balape e palmeado, a moda-de-viola.

No Vale do Paraíba, a belíssima CERAMICA cha-
mada "Agulheta" está por dependendo da época as
apresentações de MEXALZADO. Nas Casperinas todinha de
branco, faz as varinhas e suas varinhas ao posto — e nas costas,
a milheira e a milheira e a milheira e a milheira e a milheira
pendentes. Os PANDANGOS de Sorocaba e Capão Bonito
são conhecidos por suas varinhas e suas varinhas e suas varinhas

As CONGADAS seguem São Antonio da Alegria, AMO-
nópolis — as CAVALHADAS e a DANÇA DE VELHOS continuam na
Fazenda

Com a migração dentro do próprio país, hoje os REBISADOS
desaparecidos com os GUERREIROS e os vizes até com os PAS-
TARIS podem ser vistos em Alfredo Marcondes, Oassé e Guarujá.
Os repentistas nordestinos desafiam pelos montes já paulista-
dos. O CORURU é cantado em Piracicaba, Sorocaba e por aí...

As superstições e crândices aculturando constantemente
com os dos italianos, alemães, árabes, espanhóis, japoneses são en-
frentadas em qualquer bairro.

E as festas, penuras, colônias, redes-de-dormir, balaios, co-
lônias, Lã de barba, tapetes, dipé, palha de milho, tapas ainda
são mantidos em grande quantidade por todo o Estado. E não
deixam por aí as manifestações folclóricas porque as toalhas de
santa e os crochês os não são também muito unidos com as

COLABORAÇÕES DE GENTE DE FORA

TERÇOS DE SÃO GONÇALO

Após as últimas pessoas terminarem de dançar, que de praxe, devem ser os "promesseiros", finda a carinhosa propração dita do São Gonçalo.

Adopta-se as vezes, que juntamente com a promessa, costumam fazê-la acompanhada de tantas rodas de fandango.

Aí, então, viram o santo com a frente para o centro da sala ou o recolhem a um quarto vizinho.

As viúvas e rabecas mudam de toada e todos entram e saem fortemente com os pés no chão de barro ou no estalho, sobressa o lugar onde se realiza o terço.

Chamarrês, passado, aná, recortado, andorinha, toada, fannambais, serrana e tantas outras modalidades de danças, são executadas em meio a intensa animação, pela noite a dentro e quase sempre, até ao ralar da aurora.

Enquanto os violeiros gemem nas cordas dos instrumentos, os cantadores dão vida ao seu entusiasmo nas melodias de pé quebrado e os dançadores fazem a sua parte com vigor e graça quando a dança de fandangos, de na caçula, a ardente e alvoroçada quadrada e fartamente servida e por todos avidamente apreciada.

Contam que certa vez, quando há muito tempo passado, num São Gonçalo, e meia noite, após entre os dançadores, com a vela debaixo do braço, estranho personagem, de securas vestes e brilhante olhar.

Ao chegar ao salão de dança, parou e ficou olhando fixamente o fogo da fogueira, e depois de alguns minutos, saindo dos densos, inexplicável presença, voltou a olhar para os dançadores, e viu de assombração, pouco notada devido à grande animação reinante.

Desconfiado e amedrontado, teve logo a intenção de isolar o requesito recém chegado, antes que o mesmo tomasse a iniciativa de cantar ou entrar na dança.

Encheu-se então de coragem e subiu ao mudo, no qual estava sentado, o tocador mudou a toada do acompanhamento que declinava e em voz bem alta cantou:

— Meu sinhô dono da casa, feche a porta e apague a luz, estamos com o diabo em casa e vamos rezar o credo em cruz. Imediatamente, formidável estrondo abateu a casa coberta de palha onde dançavam e logo parou a música, gritos e correrias estabelecendo-se em meio da grande escuridão.

Quando ascenderam o lampião, o misterioso intruso tinha desaparecido como por encanto. Em vez da viola, jesus no chão, seca casca de cacho de tucum e insuportável castiça a todos afugentava, pondo fim assim ao terço.

Era mesmo, o demô.

São Francisco do Sul, Junho de 1951.

FOLCLORE PAULISTA

Continue vasculhando mais um pouco e irá encontrar CA-TERETE ou CATIRA no vale do Rio Grande, em Jales, Votuporanga, Tanabi, onde o ritmo é quente do palmeado e sapateado que tirará poeira do assoalho no salão.

Em São José do Rio Pardo, terra de Euclides da Cunha poderá ouvir a buzina do CAIPO, os entre choques de bastões (espadas) e arco-e-flexa. Folc vestidos com capim barba-de-bode e com as partes do corpo pintadas de azul, desfiles pelas ruas da cidade limpa e saudável, contando a estória, através de coreografias — da bugrinha que foi raptada e outros fatos acontecidos no passado.

Com o passar do tempo o BATUQUE (umbigada) deixou a cidade e foi para o bairro, mas o seu maior centro de irradiação ainda é Capivari onde nas noites quentes ou frias as batidas do tambú são ouvidas a grande distância. No litoral os FANDANGOS a CHIMARRITA e a CIRANDINHA de adultos ainda podem ser vistas nas festas onde os grupos são convidados. OS FANDANGOS de CHINELAS e TAMANCOS dançado só por homens são apresentados lá pelas bandas de Sorocaba, Itapetininga, Capão Bonito sempre ao som da viola com bate-pé e palmeado, e moda-de-viola.

No Vale do Paraíba, além da belíssima CERAMICA chamada "figurinha" você pode assistir, dependendo da época às apresentações de MOÇAMBIQUES com sua Companhia todinha de branco, faixas vermelhas e azuis cruzadas no peito e nas costas, o entrechocar de bastões e ouvir a cantoria acompanhada de viola, pandeiros, juntamente com os ruidos dos paiais presos na altura dos joelhos ou acima dos tornozelos.

As CONGADAS alegam Santo Antonio da Alegria, Altinópolis... as CAVALHADAS e a DANÇA DE VELHOS continuam na França.

Com a migração dentro do próprio país, hoje os REISADOS apocopados com os GUERREIROS e as vezes até com os PAS-TORIS podem ser vistos em Alfredo Marcondes, Osasco e Guarujá. Os repentistas nordestinos desafiam-se pelos montes já apaulistados. O CURURU é cantado em Piracicaba, Sorocaba e por aí...

As superstições e credices aculturando constantemente com as dos italianos, alemães, sírios, espanhóis, japoneses são encontradas em qualquer bairro.

E as cestas, peneiras, esteiras, redes-de-dormir, balaios, covos, feitos de bambú, taquara, cipó, palha de milho, taboa ainda são vendidos em grande quantidade por todo o Estado. E não param por aí as manifestações folclóricas porque as toalhas de abrolhos os crochês os filês são também muito usados com as

FOLCLORE PAULISTA

lamparinas, os potes, as moringas e jarras de Apiai, como as colchas de TEAR ou de RETALHO de Patrocínio Paulista ou de outros municípios.

Você pode comer TUTU à paulista, MARCARRONA a parmeggian e PIZZA, QUIBE, ESFIRRA, e beber cachaça com todos os sabores. Também pode comer BOLINHO DE FUBA com o CAFEZINHO passado na hora ou uma MOQUECA DE PEIXE e até um AZUL-MARINHO em Ubatuba.

Se passar pela Praça da Sé encontrará os PERIQUITINHOS tocando o realejo, vendendo a "sorte" para a moça esperançosa ou à titia solteirona... e os vendedores de bilhetes com seus pregões.

Diariamente, nas feiras ouvirá formas de propaganda do verdureiro:

"Olha a laranja madura. Docinha. Esprimenta na carona.
Moça bunita não paga".

* * *

Neste mês o Canal 5, pelo seu programa FANTASTICO fez uma reportagem com os transeuntes da cidade barulhenta, perguntando à qualquer pessoa se a mãe ou ela mesma cantou ou canta dorme nenê. "Sua mãe cantava dorme-nenê para você quando criança?"... e perguntaram também a um menino se ele cantaria ao seu filho. E a resposta foi: "cantarei a mesma canção que minha mãe cantou para mim". Graças a Deus.

Ainda há pouco tempo ouvi uma fórmula de escolha para brincar de pegador. Pareceu-me interessante e bem diferente das comuns ou tradicionais:

A vovó da Mariquinha
fez xixi na canequinha
e falou pra todo-o-mundo
que era cal-do-de-ga-li-nha.

Finalmente, se você descer a escadaria ao lado do Teatro Municipal que dá para o Vale do Anhnagabau encontrará várias estátuas representando Carlos Gomes e as suas óperas. Ao descer os degraus, do lado direito, verá a mão aberta de um dos personagens e... fará como todos os paulistanos: colocará seu dedo médio da mão direita no dedo médio da estátua de bronze "pedindo um desejo"... tenha fé e esperança que ele se realizará.

Tchau Belo!

MÚSICA FOLCLÓRICA

* DULCE MARTINS LAMAS

Música folclórica é aquela que corresponde aos impulsos criativos espontâneos de um grupo. E música que se transmite e se preserva oralmente, por isso, expande-se com toda naturalidade, simplicidade e possui uma aceitação coletiva.

Por não ser procurado, na música folclórica, o rebuscamento e o aperfeiçoamento, como ocorre na música culta ou erudita, ela se torna mais autêntica, mais espontânea e, por essa razão, tem um poder de comunicação, uma ressonância imediata no espírito do povo que a pratica.

A música folclórica diferencia-se, também, da música chamada popular, pelo fato dessa ser produzida em série, isto é, a popular é impressa, se divulga por meios mecânicos, como sejam, o disco, a fita magnética, o rádio, a televisão. A música popular é destinada ao grande público, às massas dos meios industrializados, dos meios urbanos. Sofrendo, desse modo, as contingências da moda, ela logo enfastia, satura ("enche" como diz o povo), daí ser necessário constantemente, a sua renovação. Poderia citar-se como exemplo, uma das músicas de gênero popular, do maior sucesso nos últimos tempos, a "Banda" de Chico Buarque. Essa música foi divulgadíssima, por todos os meios de comunicação, mas apesar de sua propagação e aceitação coletiva nas cidades, nos meios urbanos e industrializados, ela passou de moda. Já ninguém mais a executa ou, mesmo, faz a divulgação por meio de gravações.

* Dulce Martins Lamas (professora universitária)

Embora com todos os que fazeres das suas obrigações de ensinar música na Escola Nacional de Música, da UFRJ, a professora Dulce Martins Lamas é figura conhecida, pelas suas atividades na música folclórica, pelos que estudam e praticam folclore, em certo nível.

A professora Dulce é bacharel em Ciências Sociais pela ex-Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; tem o mestrado da Escola Nacional de Música e nela conquistou o doutorado com defesa da tese. Entre as suas dignidades possui o Diploma e Meda. Iha "Silvio Romero, que recebeu em reconhecimento aos serviços prestados ao Folclore Brasileiro. Na relação das entidades as quais pertence estão incluída, destacadamente: A Comissão Nacional de Folclore, Comissão de Educação do Estado do Rio de Janeiro. A sua colaboração para este Boletim informa da qualidade do seu trabalho.

MÚSICA FOLCLÓRICA

Ao passo que a música considerada folclórica — como toda criação artesanal — é comunitária, está condicionada a padrões aceitos por todos, assume características que são sentidas pelo grupo, tanto pelos que a manipulam como pelos que a praticam ou consomem. E necessário ressaltar que a música folclórica se adapta às circunstâncias, sofre as mais variadas deformações, quer na sua estrutura, quer nos fins a que se destina. Uma mesma melodia pode ser encontrada tanto numa cantiga de roda infantil, como numa dança de adultos, tanto num terreiro fetichista como num folguedo, ou melhor, no teatro do povo.

Poderíamos citar, como exemplo, o canto "Quem vem, quem vem..." por nós gravado, na Ilha do Marajó (Pará), cantado pelo Pagé (personagem do Bumbá "Brilha Noite" que ali se exibia, em julho de 1965), para fazer ressuscitar o "boi" que estava morto. Como se pode verificar é uma versão de um ponto muitíssimo cantado nos terreiros de Umbanda, no Rio de Janeiro:

- QUEM VEM, QUEM VEM -

The image shows a musical score for a song. It consists of three staves of music in a single system. The first staff begins with a treble clef and a common time signature (C). The melody is written with eighth and quarter notes. Below the first staff, the lyrics "QUEM VEM, QUEM VEM, VE TÃO BON-LE, É O GA-JEIRO QUE VEM TRA BA-" are written. The second staff continues the melody and lyrics: "LHA É DA-ME FOR CA PE-LA MUR DE DEUS O MEU PAI DA-ME FOR-BA PE-". The third staff concludes the melody with a double bar line and repeat dots. The lyrics "LO TRA GA-LHO MEU" are written below this staff.

É muito significativo o verificar-se que a música folclórica, quase sempre, não é um fim em si própria, o que quer dizer, ela é mais um meio. Quando aplicada à cantoria, ela serve de fundo, de apoio rítmico. "Para os nossos rapsodos populares o importante é a significação do texto ritmado, quer seja no sentido narrativo ou no aspecto de improvisação, feito com as mais variadas medidas poéticas, cabendo à linha melódica apenas ressaltar ou apoiar o ritmo da palavra" (1).

Quando a música folclórica é aplicada à coreografia, ela marca, ela comanda os movimentos da dança. E, até mesmo, nas manifestações fetichistas, as batidas dos tambores acompanhando os cantos não são entoados para produzir a elevação espiritual ou um estado consciente de meditação, que a música possa proporcionar. Nessas manifestações a música é antes um elemento de comunicação indireta, pois através dos ritmos insistentes das batidas dos atabaques, dos motivos curto melódicos que se repetem sempre, ela provoca, nos crentes, o estado de transe, a mudança de personalidade (orixá montado no seu "cavalo" ou "filha de santo" em estado de possessão).

MÚSICA FOLCLÓRICA

Mesmo nos folguedos em que a música parece ser uma simples recreação, fazendo-se um exame mais minucioso, verificar-se-á que, os autos feitos pelo povo são, geralmente, sobrevivências de cerimônias rituais, cujas origens se perdem, muitas vezes, na noite dos tempos.

Observa-se pelo que foi exposto, sumariamente, que a música folclórica não é executada independentemente, ela se condiciona a algum fim, ela é funcional, pois atende às necessidades do ambiente em que se propaga.

MÚSICA FOLCLÓRICA NO BRASIL:

O Brasil é um país de grande extensão geográfica, tendo a formação da nacionalidade constituída por povos de culturas muito diferenciadas (principalmente o indígena, o europeu e o africano), sofrendo, no tempo e no espaço, as mais diversificadas influências, que mais ainda se acentuam pelas mudanças de seus ciclos econômicos. Podendo-se, a grosso modo, lembrar o tráfico do pau-brasil, depois a cana-de-açúcar, o ciclo da mineração, o plantio de café, etc., tudo contribuindo, sob todos os aspectos, como não podia deixar de ser, para produzir profundas mudanças nos costumes, na maneira de pensar e agir das populações que se inter cruzam, se mesclam e são, justamente, as mais dotadas na cultura folclórica. E abordando sob esse aspecto, que se pode compreender a variedade de modalidades da música folclórica. Disse, com grande acerto, Mário de Andrade em "Música e canção popular no Brasil", publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XIX, pág. 250: "O Brasil não possui canções populares muito embora possua incontestavelmente música popular. O sentido de suas palavras é que não se tem, no Brasil, melodias tradicionais folclóricas. Não se pode provar que determinada melodia tem mais de um século de existência, o que é evidente, dadas as condições sócio-culturais do povo brasileiro. O que existe, no país, em cada região, em cada comunidade, é certa maneira, certos modismos certos estereótipos coincidindo, dando uma fisionomia própria, uma configuração específica a um certo regionalismo musical.

É preciso, entretanto, observar que o artista folclórico, exatamente pelas suas condições de criatividade espontânea e de transmissão oral, não pode ir além da cultura que o cerca. Ele está condicionado aos conhecimentos do seu ambiente, podendo tanto se aproveitar do que é tradicional, modificando, adaptando, ambientando como criar dentro dos padrões que lhe são peculiares.

O Nordeste, como tudo parece indicar, é a região do país onde se encontra uma arte poético-musical mais sedimentada. E nas linhas melódicas da sua cantoria, tanto nos romances como nos desa-

MÚSICA FOLCLÓRICA

Cego:

Jesus a mim quis fazê
Neste caso que se deu:
Eu perdê a minha vista
Meus olhos escureceu
Mas estou cantando as virtudes
Que a natureza me deu.

Cego:

Levo a minha vida avante
Na terra misteriosa
Nesta cidade tão linda,
De pessoas tão garbosa
Lugar aonde se vive
A terra cheia de rosa.

Domingos:

Jesus me favoreceu
Com a pequena viola
Me deu a inteligência
Que ao verso desenrola
Eu acho que Ele deu-me
Um preciosa esmola.

Domingos:

De fato é muito formosa
Não há quem diga que não
Parece com um pedacinho do céu
Estendido no chão
Mas não se acaba a vontade
De eu voltar pra o meu sertão.

Cego:

Deus a mim, me deu a bola
Para levar a cantoria
Tirou a luz dos meus olhos
Eu nao vejo a luz do dia
Porém eu levo a palavra
Transcrita em poesia.

Cego:

Eu sinto no coração
Aqui uma grande alegria
Porém eu nao vejo o mundo
Perdi toda a simpatia
Ah, se eu pudesse ver
A estátua de Caxia.

Domingos:

Jesus prometeu-me um dia
E eu fiquei disto ciente
Eu havia de ser pobre
De viver sempre doente
Porém me deu por consolo
A cantoria repente.

Domingos:

Teve grande garantia
Aquele homem aliás
Em reverência ao seu nome
Todo mundo ainda faz
O nome dele na história
Não se apaga nunca mais.

Mas, falando-se do Nordeste, não se pode deixar de fazer referências às suas danças, sejam executadas independentemente como o Coco, a ciranda (dança de adultos em Pernambuco), quer as danças executadas nos seus inúmeros folguedos. Verificando-se que os traços de cultura africana, marcados principalmente pela variedade rítmica e pelo instrumental de percussão, mais se acentuam onde foi mais significativa a presença do escravo negro. E no litoral que mais se assinalam danças do tipo "samba" dança de roda com um solista ou um par no centro).

MÚSICA FOLCLÓRICA

Vejamos a Chula do Reisado do Piliu, que assistimos em Aracajú (Sergipe), em dezembro de 1969; o grupo era formado de 20 pastoras, da "Dona do Baile" e do "Palhaço" e a chula constituía, justamente, uma das partes culminantes da apresentação do folguedo:

$\text{♩} = 120$ CHULA

OA DÊ MEU RE- LO-GIO, DEI A JAN- JÃO, DA-DÊ MEU RE- LO-GIO, PEI A JAN- JÃO QUE MORRA OU
VI-VA COM E-LE NA MÃO, QUE MORRA OU VI-VA COM E-LE NA MÃO

Cadê meu relógio?

Dei a Janjão,

Que morra ou que viva

Com ele na mão

Já no Norte não é registrada a arte da cantoria como uma manifestação espontânea na região. Encontrando-se na ilha de Marajó (Pará) o lundu, dançado ainda com todas as características que são descritas pelos velhos cronistas das primeiras décadas do século passado. Dessa dança de senzala foi que, tudo parece indicar, veio o samba, manifestando-se das mais diversas formas. Também, no Pará, é dançado o Carimbó, atualmente muito em moda, está em franca ascensão às classes mais altas da pirâmide social paraense. Entre o povo, no Marajó, o carimbó é dançado ao som dos atabaques (chamados carimbós) com acompanhamento de cavaquinhos e violões. É uma dança bastante curiosa, que se pode considerar como uma verdadeira suite, pois se constitui de várias marcações coreográficas, com cantos que se referem a animais, como macaco, jacaré, etc. Seus participantes em roda, formada de pares soltos, procuram com gestos, justamente imitar o que dizem nos cantos (solo e coro). O que não se pode deixar de atribuir a influência das danças indígenas, num verdadeiro sincretismo com as culturas africanas e européias.

Vejamos o canto pertencente a um grupo de Carimbó, em Salinópolis (Pará), que se refere ao jacaré:

MÚSICA FOLCLÓRICA

$\text{♩} = 120$ CARIMBO

EU SOU, EU SOU, EU SOU, EU SOU JACA-RE CO-ROA, EU
 RO-A É VI-RA DA MA JACA-RE, E VI-RA DA-MA JACA-RE E VI-RA-DAMA JACA RE CO-
 RO-A É VI-RA RO-A

Eu sou, eu sou, eu sou
 eu sou jacaré coroa,
 vira a dama, jacaré
 e vira a dama, jacaré coroa.

Em toda a região amazônica não se pode deixar de salientar a riqueza da música de seus folguedos, tanto nos bumbás, como nos cordões de pássaros. Citemos, também, de Salinópolis, um canto do Cordão de Pássaros, chamado o "Caçador", que ali se apresentava, na época natalina, de 1969:

$\text{♩} = 32$ CORDÃO DE PASSAROS

VER-DE CAMPINA-TÃO LINDA, NA FLO-RESTA DEI-RA MAR
 ON-DE ESTI-VER CAN-ÇA DIZ - É TÃO LINDO SEU CAN-TAR

Verde campina, tão linda,
 na floresta á beira mar,
 onde estiver "Caçador"
 é tão lindo o seu cantar.

Na região Centro-Oeste tem-se a *catira* com suas particularidades muito específicas. Animada pelo toque, ordinariamente, de 2 violas caipiras com 5 cordas duplas, afinadas das maneiras mais diversificadas. A *catira* é cantada a 2 vezes, pelos violeiros, sendo mais comum em 3's. sucessivas e menos em 6's. Tem como instrumento de percussão o próprio corpo do dançador, sabendo-se que é sapateada e palmeada. Quando bem executada requer muita habilidade dos seus participantes. Tem 3 fases distintas: a) cantam a *Moda de viola*, enquanto os dançadores apenas fazem meneios com o corpo; b) fazem evoluções caprichosas ao som das violas; c) sapateiam e fazem o palmeado, ainda ao som das violas. Em Goiás a *catira* tem a participação somente de homens. O que leva a pensar

MÚSICA FOLCLÓRICA

ter muitos traços de influência indígena. Digno de registro é o fato de a moda de viola poder ser executada independentemente da dança. Nesse caso ela possui pontos de correspondência com o romance nordestino. É frequentemente narrativa, lembrando fatos que impressionam a imaginação do povo.

Vejamus uma Moda, gravada pelo Prof. Luiz Heitor, quando se verificou a mudança da Capital do Estado para Goiânia, cujo texto se refere ao fato. Quanto as duas vozes cantam, ora em 3's. e ora em 6's.:

MUDANÇA DA CAPITAL

Viola

CANTO

EU VOU CONTAR NESTES

VERSOS UM CASO SENTIMENTAL QUE FEZ SOFRER MUITA GENTE, LÁ DA VELHA CAPITAL QUE VIVIA TÃO CONTENTE ATÉ O DIA FATAL.

NAQUELE DIA TÃO TRISTE, QUANDO A TARDE FOI CAINDO, O CEU DE COR AZULADA DE LUTO FOI SE COBRINDO, E LÁ DA SERRA DOURADA A LUZ DO SOL FOI FUGINDO.

Eu vou contar nestes versos Naquele dia tão triste,
 Um caso sentimental Quando a tarde foi caindo,
 Que fez sofrer muita gente, O céu de cor azulada
 Lá da velha capital De luto foi se cobrindo,
 Que vivia tão contente E lá da Serra Dourada
 Até o dia fatal. A luz do sol foi fugindo.

MÚSICA FOLCLÓRICA

Quando saiu da cidade
A Capital do Estado,
Deixando a velha Goiás,
De glorioso passado,
O povo ficou tão triste
Que até hoje tem chorado.

Cada casa abandonada
Que ficou lá na cidade
Recorda um tempo passado
De amor e felicidade:
Hoje tudo esta mudado,
Que tristeza, que saudade.

Na beira do Rio Vermelho
A passarada calava,
Um sino da redondeza
Tristemente badalava,
Eu senti que a natureza
Naquele instante chorava.

Eu ainda bem me lembro
Da dor que todos sentiam
Os funcionários saindo
De tudo se despediam;
Goiás inteira chorava
Por seus filhos que partiam.

Adeus terra tão querida,
Vou separar-me de ti,
Levo minh'alma ferida,
Meu coração deixo aqui.
Hei de viver sempre amando
A terra onde eu nasci!

Na região Sudeste pode-se citar Minas Gerais, com um folclore musical muito diversificado, principalmente nas suas cidades históricas, onde o contexto socio-cultural foi bastante mesclado, sobrevivendo, desse modo, elementos culturais de várias etnias. Uma das manifestações musicais, das mais expressivas, são os **Vissungos**, remanescentes do período áureo da mineração. São cantados em língua africana ou bilingües. Podem ser considerados como cantos de trabalho. Em Diamantina se encontram como cantigas de mineração ou de "carregar defunto na rede". Alguns cantos assim como preservam a língua, parecem preservar nas linhas melódicas, também, traços das terras de origem.

Falando-se em Minas Gerais, assim como acontece em Goiás, não se pode deixar de lembrar a **modinha**. Cantada em serestas, ela conserva todo o lirismo da alma brasileira do período romântico, como se pode constatar na "Meiga virgem", gravada pelo Prof. Luiz Heitor e em Diamantina, pertencente ao "Centro de Pesquisas Folclóricas" da Escola de Música da UFRJ:

MÚSICA FOLCLÓRICA

Ritmo MODINHA

MEI-DA VIR-GEM QUE OLYI-PAS-TES TAV-TO AMORQUE TE JU-REI - MAS POR-
 QUE ME DES-PRE-ZAS-TES, MEI-GA VIR-GEM EU NÃO SEI - MAS POR-
 QUE ME DES-PRE-ZAS-TES, MEI-GA VIR-GEM, EU NÃO SEI

Meiga virgem, que olvidastes
 tanto amor, que te jurei,
 mas por que me desprezastes,
 meiga virgem, eu não sei...

Eu te amo, como o infante
 ama o seio maternal,
 como o orvalho da montanha
 ama a bonina do vale.

Eu te amo como a rôla
 ama a selva misteriosa.
 Como o nauta enamorado
 ama a estrela radiosa.

Eu te amo como amo
 o meu céu de cor anil.
 Como amo a luz do dia
 minha pátria, meu Brasil

Meiga virgem, onde cabe
 tanto amor que te jurei.
 Eu te amo tanto, tanto,
 que outro amor jamais terei.

Na região Sulina verifica-se como é expressiva a contribuição européia, que se justifica pelas disputas luso-castelhanas, atrasando a colonização, que somente se concretizou com a chegada de casais açoreanos, introduzidos a partir do século XVIII. Depois a vinda dos colonos alemães e italianos, incentivações pela política de D. Pedro II. Durante muitos anos algumas colonias se mantiveram isoladas, conservando os seus costumes. Assim se compreende, como é europeizado o folclore musical. O que mais se encontram nos cantares sulinos são "shottisches", valsas, mazurcas, polcas, etc...

Todavia o gaúcho possui também a sua arte de cantoria, chamando de **Décima** ao seu gênero narrativo, que se aproxima da **moda de viola** do Brasil Central ou do **romance** nordestino. Ao passo que denominam de **Canto à porfia** o seu canto feito ao desafio que, de modo geral, não apresenta a inventiva, a variedade métrica observada na cantoria do Nordeste.

Devendo-se ressaltar que as melodias que servem de fundo na cantoria dos tropeiros sulinos, são geralmente toadas de danças, como marchinhas, polcas, valsas, etc., como se pode verificar na **décima**, cantada a 2 vezes, em 3^ª sucessivas, gravada pelo Prof. Luiz Heitor, em Aparados da Serra (R. G. do Sul):

MÚSICA FOLCLÓRICA

BRITANICO SARAH JOY APRESENTO

A VIDA DE RAPAZ SOLTEIRO

$\text{♩} = 120$

VAI-TE PA-REL VENTO. ROJO RE-DIR. RIAO MEX-DUW-TEIROS VAI COF-

TAXA DES-VEN- TU-RA QUE SO- FREU-NA TAZ SOL- TEI-RO QUE SAI DE DA- DA DOS PAIS E NÃO CAR-RE-GA DI- NHEI-RO.

Vai-te papel venturoso
recorrer o mundo inteiro,
vai contá a desventura,
que sofre um rapaz solteiro,
que sai de casa dos pais
e não carrega dinheiro.

Fui apeiar numa casa,
tinha uma moça bonita,
era uma linda donzela,
que ninguém me acredita,
tinha cachos de ouro
cheios de fôpes de fita.

Sai de casa dos pais,
recorrer por casa alheia,
tem uns de cara alegre,
já outros de cara feia,
já não é todos os dias,
que tem a barriga cheia.

Por lá fiquei mes e meio
namorar a continuar,
no fim de mes e meio
falei ela prá casá;
ela me pediu tres dia,
prá depois me despachá.

Ceguei em casa do rico,
com planos de me ajustar,
eie ficou desconfiado,
Aí, meu Deus, ai quem será?
Para mim ajustata este malandro,
ele pode me lograr.

No fim de prazo marcado
ela manda me chamá,
eu fiquei muito assustado,
Aí, meu Deus, o que será?
De certo é o tabuado,
que está prá me arrastá.

Chega um rapaz solteiro,
muitas vezes é homem bom,
porque é rapaz solteiro,
vai dormir para o galpão.
Porque esses rapazes solteiros,
só vivem de má intenção.

Pois eu mandei te chamá,
prá contá o meu segredo:
com a minha mãe eu já falei,
mas com meu pai eu tive medo,
tu fica aqui, meu querido,
que eu falo amanhã cedo.

MÚSICA FOLCLÓRICA

DÉCIMA DO RAPAZ SOLTEIRO

Estendem quatro pelegos,
lá mesmo amanhece o dia,
tem certos sonhos de noite,
ai, meu Deus, o que seria?
Se sonho fosse certeza,
estava como eu queria.

No outro dia, bem cedo,
o velho um pouco enfadado,
como eu estava disposta,
já contei o meu recado,
o velho de cara feia,
me saiu de atravessado.

Sai de casa do rico,
eu sai de planos feito,
onde será que eu acho
uma mocinha de geito,
que faça bom agrado
e me deixe satisfeito.

Minha filha, eu já te disse,
desde o tempo de criança,
que para um rapaz solteiro
não se dá muita confiança,
eles tratam casamento
prá depois fazê lambança.

Poder-se-ia citar, aparecendo principalmente no litoral paraense, o Fandango, que constitui uma verdadeira suite. São danças de várias marcações, isto é **mana-chica**, **limpa banco**, **arrasta-pé**, **galinha-morta** anu, **chimarrita** e muitas outras (dançadas em pares enlaçados ou pares soltos, quando os homens fazem sapateados, enquanto as mulheres apenas meneiam com o corpo).

Observemos uma versão da **Chimarrita**, colhida pelo Prof. Silva Novo, em Belem Velho (Porto Alegre), como cantiga de roda, cantada a 2 vozes:

CHIMARRITA

CHI-MAR-RI-TA MOR-REU ONTEM ONTEM MES-MES-ONTEM. KOU QUEM FA-
LA DA CHIMARRITA

Chimarrita morreu ontem,
ontem mesmo se enterrou,
quem falar da Chimarrita,
leva o fim que ela levou.

Falando-se do folclore musical sulino, não se pode deixar de mencionar duas canções muito encontradiças na região, como sejam, o **Boi barroso** e a **Prenda minha**.

A música folclórica, no Brasil, pode-se dizer que difere de região para região, tendo tipos ou gêneros muito diversificados, na nomenclatura, no conteúdo poético, no instrumental acompanhante e, muitas vezes, até na própria estrutura.

Dulce Martins Lamas

NOTA: (I) — Lamas, Dulce M. — “A música na cantoria nordestina” — In: **Literatura Popular em Verso** (Estudos) Tomo I. Fund. Casa Rui Barbosa, MEC, 1973, pág. 236. Rio de Janeiro.

(II) — Publicação nos (Estudos) acima citados.

A PÁTRIA E A UNIÃO DE TODOS

IBEC/443

Em 27 de setembro de 1973.

Reestruturação da Comissão
Nacional de Foidore.
Senhor Secretário,

Em nome do Professor Raymundo Moniz de Aragão, Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBEC), tenho a honra de informar Vossa Senhoria de que na última reunião da Diretoria deste Instituto, realizada no dia 9 de setembro do corrente ano, foi reestruturada a Comissão Nacional de Foidore que ficou assim constituída:

Presidente: Moisés Dias Junior, Diretor Geral do Departamento de Estatística e Cultura;
Vice-Presidente: Nelson de Azevedo, Chefe do Gabinete da Comissão de Defesa do Foidore Brasileiro;

Membros: O Sr. Professor de Foidore do Departamento de Foidore do Senhor Tolstói Sourd,
Secretário Geral da Comissão Catarinense de Foidore.
AOP/NEVP.

2. Ao empregar, oficialmente, os novos membros da Comissão Nacional de Foidore foi dada, por aclamação, a Presidência de Honra ao Professor Renato Almeida pelos inestimáveis serviços prestados à causa do Foidore Nacional, ficando consignado, em Ata, um voto de louvor por iniciativa do Doutor Ego Pinheiro Guimarães ao Ilustre Professor Renato Almeida, não só pela sua brilhante atuação durante o longo período em que exerceu a Presidência deste Instituto mas também, e principalmente, pela preciosa colaboração que sempre prestou à Comissão de Foidore.

3. Ao iniciar as suas atividades, a nova Comissão entrará, brevemente, em contato com Vossa Senhoria a fim de planejar, em conjunto, a nova orientação da Comissão recém-estruturada.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Senhoria os protestos da minha estima e consideração.

Assinada em 27 de setembro de 1973, Agostinho Glava Rodrigues

Secretário-Executivo

"A PÁTRIA É A UNIÃO DE TODOS"

IBECC/4455

Em 29 de setembro de 1975.

Reestruturação da Comissão
Nacional de Folclore.
Senhor Secretário,

Em nome do Professor Raymundo Moniz de Aragão, Presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), tenho a honra de informar Vossa Senhoria de que na última reunião da Diretoria deste Instituto, realizada no dia 9 de setembro do corrente ano, foi reestruturada a Comissão Nacional de Folclore que ficou assim constituída:

Presidente: Manoel Diéguas Junior, Diretor-Geral do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura;

Vice-Presidente: Braúlio do Nascimento, Diretor-Executivo da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro;

Vice-Presidente: Ático Vilas-Boas da Mota, Professor de Folclore da Faculdade Federal de Goiás.

Ao Senhor Doralécio Soares,

Secretário Geral da Comissão Catarinense de Folclore.
AOR/CEVP.

2. Ao empossar, oficialmente, os novos membros da Comissão Nacional de Folclore foi dada, por aclamação, a Presidência de Honra ao Professor Renato Almeida pelos inestimáveis serviços prestados à causa do Folclore Nacional, ficando consignado, em Ata, um voto de louvor por iniciativa do Doutor Ugo Pinheiro Guimarães ao ilustre Professor Renato Almeida, não só pela sua brilhante atuação durante o longo período em que exerceu a Presidência deste Instituto mas também, e principalmente, pela preciosa colaboração que sempre prestou à Campanha do Folclore.

3. Ao iniciar as suas atividades a nova Comissão entrará, brevemente, em contato com Vossa Senhoria a fim de planejar, em conjunto, a nova orientação da Comissão recém-estruturada.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Senhoria os protestos da minha estima e consideração.

Agostinho Olavo Rodrigues

Secretário-Executivo

NOTICIÁRIO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

AF/PAC 53/74

Em 1 de julho de 1974

Da Assessora de Folclore

Ao Professor Doralécio Soares

Assunto: Agradece material da ASSORI

Senhor Professor

Ao me dirigir ao Presidente da ASSORI, solicitando a legislação referente ao notável trabalho de proteção artesanal aí desenvolvido, era minha intenção organizar um material informativo para o Simpósio, de um dos organismos da OEA, em Assunção, sobre a mulher artesã.

Posteriormente me foi oferecida a possibilidade de comparecer e meus esforços se redobram, a fim de bem representar o Brasil.

No entanto, um dever maior me obrigou a desistir dessa viagem, pois deverei cuidar da montagem da nossa Exposição no Festival de Inverno de Ouro Preto, incluído no Programa de Ação Cultural.

Ao receber a encomenda por via aérea, tive uma dupla emoção: a de saber estar Vossa Senhoria à testa da ASSORI e a de receber as mostras belíssimas que tão generosamente me enviou. Entrei em entendimentos com a pessoa que deveria seguir, entregando-lhe xerox de seu relatório, as rendas de artística concepção e o material de propaganda, material e rendas que ficarão, com os dos demais países latino-americanos em mostra da OEA.

Agradeço, sensibilizada, a valiosa cooperação de Vossa Senhoria que nos permitirá, a todos, uma apresentação condigna do nosso país, e cumprimento a ASSORI, modelo a ser imitado nas várias faixas artesanais.

Neste ensejo, a par como o seu reconhecimento, os protestos de minha estima e elevada consideração.

MARIA DE LOURDES BORGES RIBEIRO

Assessora de Folclore

NOTICIÁRIO DA CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO

Serviço Público Federal
Ministério da Educação e Cultura
Departamento de Assuntos Culturais
Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

CAMPANHA DO FOLCLÓRE TEM SEDE PRÓPRIA

Entre as diversas comemorações que assinalaram o mês do Folclore, destacou-se a inauguração da nova sede da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, na antiga Casa da Guarda do Palácio do Catete, na Rua do Catete, 179. O velho prédio foi totalmente restaurado e adaptado para as novas funções com recursos provenientes do Programa de Ação Cultural do MEC, permitindo à Campanha ampliar as suas atividades e desenvolvê-las efetivamente em âmbito nacional.

A Campanha nasceu de uma solicitação do Governo Federal feita no I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, em 1951, no sentido de criar-se na administração pública um órgão com capacidade de assumir a imensa tarefa de defesa, estudo e pesquisa de nosso folclore. Sua criação efetivou-se a 5 de fevereiro de 1958 (Decreto n° 43 178) sendo instalada a 22 de agosto do mesmo ano. A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro é um órgão do Ministério da Educação e Cultura, subordinado ao Departamento de Assuntos Culturais.

Na solenidade de inauguração, no dia 18 de agosto, seu Diretor Executivo, Bráulio do Nascimento afirmou que a instalação da nova sede representa "uma luta vencida contra o tempo e sobretudo uma demonstração do dinamismo da política cultural do Governo. A importância da cultura popular é amplamente reconhecida e assegurados os meios para a sua defesa, pesquisa, estudo e promoção". Declarou ainda que "ao inaugurar a nova sede, a Campanha rende homenagem especial aos folcloristas brasileiros".

Na nova sede funcionam, além dos serviços administrativos, a Biblioteca Amadeu Amaral, o Setor de Audio-Visual, com uma documentação abrangendo cerca de 30.000 peças — recortes de jornais, revistas, slides, filmes, discos, fitas gravadas, fotografias, desenhos — e o Museu de Folclore, com um acervo de peças provenientes das diversas regiões do País. A exposição inaugural apresentou uma pequena mostra do acervo.

NOTICIÁRIO DA CAMPANHA

Na ocasião foi lançada a nova série de "Cadernos de Folclore", com **Capoeira**, de Edison Carneiro; uma nova coleção "Monografias Folclóricas", com a pesquisa de medicina popular **Garrafada**, de Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo; os discos **Coco de Alagoas**, produzindo em convênio com o Museu de Antropologia e Folclore da Universidade Federal de Alagoas, e **Literatura de Cordel**, long-play contendo dois folhetos: **O marco brasileiro**, de Leandro Gomes de Barros e **O homem do arroz e o poder de Jesus**, de João José dos Santos (Azulão); apresentação de filme sobre literatura de cordel de Tania Quaresma, e desfile de grupos folclóricos: **Guerreiros**, **Caiapós**, **Capoeira**, **Boi de Reis**, **Banda Cabaçal do Crato** e **Folia de Reis**.

* * *

FESTA DO FOLCLORE HOMENAGEIA CASCUDO

As comemorações da Semana do Folclore iniciadas pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no Rio, com a inauguração da sua sede, tiveram prosseguimento em Natal com a Festa Nacional do Folclore em homenagem a Luis da Câmara Cascudo. A programação da Campanha contou com a colaboração do Governo do Rio Grande do Norte, da Fundação José Augusto, da Universidade Federal, da Emproturn. Mestre Cascudo foi saudado por Manuel Diégues Junior, pelo Governador do Estado e por Veríssimo de Melo. O programa incluiu palestras dos folcloristas, Theo Brandão, Guilherme Santos Neves, Ana Augusta Rodrigues. Na ocasião foi lançado o Disco **Boi Calemba e Bambelô** editado em convênio pela Campanha e Fundação José Augusto. Além dos grupos folclóricos locais, participaram dos desfiles, grupos de Paraíba, Alagoas e Pernambuco.

* * *

CAMPANHA PROMOVE CURSO PARA PROFESSORES

O Curso de Folclore para Professores, promovido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em julho no Rio de Janeiro. O Curso, promovido com o patrocínio do Programa de Ação Cultural, abrangeu teoria do folclore, literatura oral, medicina popular, dança, música, artesanato, cultos populares, crendices, pesquisa e documentação. As aulas, ministradas por professores de diversos Estados foram ilustradas com áudio-visual e documentários cinematográficos. Paralelamente foram apresentados grupos folclóricos de várias regiões.

* * *

NOTICIÁRIO DA CAMPANHA

PRÊMIO SILVIO ROMERO SAI PARA GOIÁS

A monografia "O Divino, o Santo e a Senhora" (estudo sobre a festa do Espírito Santo e o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em Pirenópolis, Goiás), de Carlos Rodrigues Brandão, obteve, entre 52 concorrentes, o Prêmio Silvio Romero de 1975, no valor de Cr\$ 20.000 (vinte mil cruzeiros). O Prêmio, promovido anualmente pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC), teve o patrocínio do Programa de Ação Cultural.

A 1ª. Menção Honrosa coube a Laura Della Monica, de São Paulo, com "Cerâmica: meio de comunicação da cultura do povo", e a 2ª. Menção Honrosa a Luís Tavares Junior, de Fortaleza, com o "O mito na literatura de cordel". A comissão julgadora foi constituída pelos folcloristas: Guilherme Santos Neves, Saul Martins e Felte Bezerra.

* * *

CONCURSO DO NEGRO PREMIA ALUNOS DE TRÊS ESTADOS

André Louzada Brandão de Jundiá (SP); Marcos Vinicius Guerra Peixe, de Petrópolis (RJ) e Valmir José Zimmer, de São José do Cedro (SC) obtiveram o 1º, 2º e 3º. Prêmios, respectivamente, do Concurso do Negro, no valor de Cr\$ 5.000,00, Cr\$ 3.000,00 e Cr\$ 2.000,00 cruzeiros. O Concurso, destinado a alunos do 1º. grau de todo o País, é promovido anualmente pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC) e teve o patrocínio do Programa de Ação Cultural. A comissão julgadora foi composta pelos folcloristas: Vicente Salles, Giovanni da Mota Lody e Maria de Cássia Nascimento Frade.

* * *

CAMPANHA DO FOLCLORE PARTICIPA DO CONCURSO MÁRIO DE ANDRADE

Para assinalar a passagem do 30º. aniversário de criação do Concurso Mário de Andrade, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC) ofereceu o 1º. Prêmio, no valor de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), com o patrocínio do Programa de Ação Cultural. Nesse sentido assinou convênio com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, através da Discoteca e Biblioteca de Música, atribuindo aquela Secretaria o 2º. e 3º. Prêmios no valor de Cr\$ 10.000 e Cr\$ 5.000 cruzeiros, respectivamente.

* * *

CAMPANHA DO FOLCLORE PROMOVE CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM MINAS E SÃO PAULO

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro está promo-

NOTICIÁRIO DA CAMPANHA

vendo um Curso de especialização de Literatura Oral, em Belo Horizonte e outro de Música Folclórica, em São Paulo. Iniciados em setembro, o primeiro está sendo ministrado pelo Prof. Aires da Mata Machado Filho, na Faculdade de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, e o segundo pelo Padre José Geraldo de Souza no Instituto Musical de São Paulo. Os Cursos, patrocinados pelo Programa de Ação Cultural, têm duração de 180 horas (120 de teoria e 60 de pesquisa de campo).

* * *

CURSO FOLCLORE NO PIAUÍ

Mediante convênio com a Fundação Cultural da Secretaria de Cultura do Piauí, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC), realizou em setembro, em Teresina, um Curso de Folclore para Professores. O Curso foi ministrado pela Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro e teve o patrocínio do Programa de Ação Cultural.

* * *

FOLCLORE TEM DOCUMENTÁRIO CINEMATOGRAFICO

Em convênio com o Instituto Nacional de Cinema e a Agência Nacional a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro promoveu a realização de documentários cinematográficos em São Paulo, Rio de Janeiro e Paraíba do Norte, com o patrocínio do Programa de Ação Cultural.

Com o INC, foram documentadas a Festa de São Benedito, em Aparecida do Norte (SP) e Festa do Divino Espírito Santo (Parati, RJ); com a Agência Nacional, o festival folclórico de Itaperoá, na Paraíba do Norte.

* * *

SESI PROMOVE PESQUISA FOLCLÓRICA NO CEARÁ

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e o SESI (Serviço Social da Indústria) assinaram convênio objetivando levantamento folclórico em Camocim, Almbfala, Caucaia e Iguape, no Ceará. A pesquisa, já em andamento, é custeada pelo SESI e realizada pela Campanha.

* * *

CAMPANHA PROMOVE CURSO VIVO DE FOLCLORE

Destinado ao público em geral, vem sendo realizado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC/MEC), um Curso Vivo de Folclore, constituído de palestras seguidas de apresentação

A Exma. Senhora Lucy Geisel na Lagôa da Conceição



Numa foto inédita apresentamos, a Exma. Senhora Lucy Geisel e comitiva em visita a sede da Sociedade Amigos da Lagôa da Conceição, em recepção especialmente preparada pelo seu presidente Jornalista Milton Suplicy Vieira que aparece na foto.

Na oportunidade a esposa do Presidente, manteve dialogo com as rendeiras da Ilha de Santa Catarina, podendo apreciar de perto as Rendas de Bilros que tradicionalmente executam.

O acontecimento foi decorrente da última visita que S. Excia. Senhor Presidente da República, fez a Florianópolis em maio do corrente ano.

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

O Dia 22 de agosto é consagrado ao Folclore internacional. no govêrno do Sr. Ivo Silveira, foi também instituído o 22 de agosto no Brasil como dia nacional do folclore, estabelecendo o Decreto uma série de obrigatoriedades comemorativas. Em Santa Catarina, no govêrno do Sr. Ivo Silveira, foi também instituído o 22 de agosto como Dia do Folclore, em projeto de autoria do ex-Dep. Pedro Ivo Campos, atual Prefeito de Joinville.

Esta Lei embora estabeleça uma série de obrigatoriedades, quais sejam, festivais, promoções, concursos conferindo prêmios entre os escolares pelos trabalhos melhor apresentado, não vem sendo cumprida. Este ano entretanto, a Prefeitura de Joinville, através da Secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, levou a si o encargo de promover à 23 de Agosto o 1º Festival Catarinense de Folclore, com a participação de grupos folclóricos de vários pontos do Estado.

Do programa constou, Boi de Mamão, Cacumbi, Fandango, Dança do Facão, Dança do Vilão, Dança dos Arcos, Pau de Fitas, Quadrilha e Danças de origens Germânicas.

De Florianópolis participaram as Sociedades Folclóricas — Boi de Mamão do Butiá, Cacumbi "Capitão" Francisco Amaro e Grupo Folclórico Ribeirão da Ilha.

De São Francisco, o grupo de Dança do Vilão, o grupo folclórico da Dança do Facão da Escola Agrícola de Araquari, e o grupo folclórico Alpino Germânico de Blumenau.

De Joinville participaram os Grupos Folclóricos Fandango "Os Tangarás" e o grupo folclórico germânico "Silberfliss".

Após os desfiles dos grupos pela rua do Príncipe, em direção ao Palácio dos Esportes, os grupos se dispersaram para apresentações simultâneas, nos bairros, na Sociedade Vera Cruz, e Clube Alvorada, se revezando nas apresentações no Palácio dos Esportes, cujas dependências foram pequenas para atender o grande público desejoso de assistir as apresentações.

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE



O Grupo Alpino Germânico de Blumenau, às 20 horas abriu as apresentações do Palácio dos Esportes, com as Danças Típicas da Bavária do Tirol, o seu primeiro número, foi Dança de Figuras dos Alpes com o Pau de Fitas, Dança dos Lenhadores, encerrando a apresentação com a Dança de Ciumes. Apresentações essas que receberam do público grandes aplausos.



“Os Tangarás” o grupo de Fandango, com as danças típicas do Folclore Luso-Brasileiro, constituído de senhores e senhoras da zona do litoral, tôdas de meia idade, com os números “passado e recortado” com uma coreografia de dança sapateada, ao som de música de violeiros e rabeca, característica da música lusa. Impressionaram os participantes na sua maioria de idade avançada pelos movimentos constantes das suas rodas sapateadas, e cantoria típica dos violeiros. Em entrevista que me foi concedida por um dos participantes, me informou esse que há quarenta anos, dança fandango, que dos integrantes apenas duas senhoras são novas no grupo, e a inclusão dessas é para que o grupo continue sempre ativo. Foi realmente uma apresentação autêntica do Folclore luso-brasileiro.

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE



O GRUPO "O VILÃO" — de São Francisco

Esse grupo folclórico organizado de longa data, se mantém coeso, apresentando a dança característica de defesa dos negros provenientes das longínquas terras africanas. Com uma coreografia representada nos movimentos de ataque e defesa, a Dança do Vilão é formada por 30 elementos, entre bateadores, balisadores, músicos, e o regente. Antigamente essa dança era mais autêntica, mas é natural que tenha perdido a sua autenticidade, isso no entanto não invalida as suas apresentações que depende muito da habilidade dos seus integrantes. O grupo apresenta seis movimentos, todos coreograficamente, representando ataque e defesa, em ritmo de dança batuque ao som do acordeon, cavaquinho e o violão. A beleza da apresentação está no vigor das batidas dos bastões dependendo muito do estado físico dos membros do grupo. O grupo ostenta uma bandeira conduzida por uma jovem. Maiores informações sobre esse tipo de dança consta do livro "Aspectos do Folclore Catarinense" edição de 1970.

DANÇA DO FACAO

O Grupo Folclórico da Escola Agrícola de Araquari, apresentou a Dança do Facão, confesso ter sido uma apresentação digna



1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

de apresentar-se em qualquer festival Brasileiro de Folclore. Dança de origem de tribus medievais, aculturada ao folclore campeiro, arma de defesa e ataque, utilizada para abrir caminhos em matas densas, util ao homem do campo pela sua diversidade de uso.

Os alunos de Escola Agrícola de Araquari apresentaram os vários aspectos da luta numa coreografia das mais belas e autênticas, em movimentos rítmicos dos mais perfeitos sob o comando do mestre do grupo.



CACUMBI "CAP." FRANCISCO AMARO

A Sociedade Folclórica Cacumbi "Cap." Francisco Amaro esteve realmente a altura do conceito que possui de um grupo de dança Afro-Brasileira dos mais autênticos.

É uma dança do reisado africano, que representa simbolicamente a luta de duas nações negras, a de Rei do Congo e a de Rei Bamba. A sua dança é representada por marchas lentas e marchas fogo, com uma coreografia versada no batuque, sob o som dos pandeiros e tambores em movimentos rítmicos constantes. Nas suas cantorias reverenciam os seus santos protetores, São Benedito e N. S. do Rosário, que cantam: "A Nossa Senhora/ Saiu hoje na rua / Mandando seus Filhos / Faze meia lua. — Nós chegamos hoje / Salvar nossa praça / Oh São Benedito sejal/ Nossa Senhora das Graças. Outro aspecto da dança é a luta entre os soldados do grupo e o seu comandante. — O' Sinhô, O' Sinhô, Capitão/ Quedê o dinheiro da nossa ração/ — Já que tu não soubestes/ Prá que não me dão/ a metade do queijo/ A fatia do pão./ Vai timbora sordadi" / Não me venha atentar/ Com esta espada/ Não se pode brincar./ — Não tenho dinheiro/ Não tenho mais nãda/ Tenho é a ponta/ da minha espada/.

A luta toma aspectos quase verdadeiros, pelas investidas dos soldados acoçando o "Capitão", e este defendendo-se dos ataques, sob

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

o ritmo dos batuques, nos seus passes coreográficos. Os aplausos da platéia coroaram a apresentação da Dança do Cactuabi, no Palácio de Esportes de Joinville.



GRUPO FOLCLÓRICO GERMANICO "SILBERLISS"

O Grupo Folclórico Silberfliss, fez uma linda apresentação. O seu primeiro número foi a Dança do Cuco. O grupo composto por pares de damas e cavalheiros, tipicamente trajados, dança de coreografia alegre em que os pares nos seus movimentos simbolisavam o relógio cuco no seu balançar, típico das cabeças, cuja graça nos movimentos dos pares ao som da música característica dava ao todo, aquele encanto na simplicidade da apresentação. Chote do Remo, outro número que realmente mereceu os aplausos dos que lotavam o Palácio dos Esportes.

DANÇA DA FITA COM OS FRUTOS

A Dança do Pau de Fitas, é uma dança de origem Típica rural.

Haviam tribus medievais que adotavam dançarem em volta de símbolos erigidos em frente as suas cabanas ou tendas, a fim de que os seus deuses fizessem com que as mulheres extereis se tornassem férteis. Eram crenças que as vezes davam resultados, e estenderam essas práticas também as colheitas, enfeitando mastros com flores e fitas, onde homens e mulheres dançavam em torno dos mesmos. E o Silberfliss, trouxe esse número, com o seu pau de fitas.

As damas e cavalheiros depuseram ao pé do mesmo, frutas e hortaliças, e dançaram com os seus movimentos de trançamento e destrançamento, agradecendo a Deus a colheita do ano. Ao som da música do violino e gaita, deram um espetáculo de rara beleza, cujo movimento coreográfico do trançamento das fitas é digno de louvor fazendo com que uma manifestação da cultura popular dos que nos colonisaram, volte a ser revivida numa homenagem aos nossos antepassados. Parabens ao Silberfliss.

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE



SOCIEDADE FOLCLÓRICA RIBEIRÃO DA ILHA

A Soc. Folclórica Ribeirão da Ilha de Florianópolis, apresentou a Dança dos Arcos e Pau de Fitas. Esse grupo esteve em junho se apresentando na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro.

A Dança dos Arcos com o Pau de Fitas tem sua origem no Folclore Luso-brasileiro. É uma dança de vários movimentos, com uma coreografia toda cheia de encantos, apresentada por oito pares de moças e rapazes em trajes de característica açorita. Todos os movimentos são cantados, sendo os seus versos do mais puro encanto: — "O amor quando nasce/ Parece uma flor/ E tão delicado/ Tão cheio de dor/ Que bom que seria/ Que fosse uma flor/ Sem ter os espinhos da dor/.

Ao concluir encerram com a introdução do Pau de Fitas, que tem os seus movimentos de trançamento também cantado alusivo ao movimento das fitas. A Graça e o encanto das garotas do interior da Ilha de Santa Catarina, levou ao 1º Festival Catarinense do Folclore, essa manifestação da cultura popular da gente da Capital Catarinense.

SOCIEDADE FOLCLÓRICA BOI DE MAMÃO DO BUTIÁ

O encerramento coube a Sociedade Folclórica Boi de Mamão do Butiá de Florianópolis.

A brincadeira do Boi de Mamão, representa o aspecto mais popular do folclore catarinense.

Com as suas várias figuras esse auto representativo se constitui em verdadeira atração popular. Muito embora venha sofrendo pequenas modificações no auto, ainda é o grupo de mais

1º FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

agrado do povo. Esse grupo e o Cacumbi "Cap." Francisco Amaro, participaram do Festival Brasileiro de Folclore, que se realiza anualmente na cidade de Olímpia, Estado de São Paulo. O Festival de



Folclore de Olímpia, reúne anualmente dezenas de grupos folclóricos de vários Estados do Brasil. É uma promoção da Prefeitura Municipal e a Secretaria de Turismo, Esporte e Fomento do Estado de São Paulo.

O Boi de Mamão do Butiá, é um grupo autêntico integrado por gente do povo. Foi organizado em Sociedade a fim de manter o grupo unido e preparado para apresentações fora da época ciclíca, se apresentou também em junho no Tivoli Center, na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro.

Como podemos vê-lo no Palácio de Esporte em Joinville, o grupo é completo com boa cantoria, embora tenha se apresentado com a figura do Boi emprestado, pois esta ,ainda estava viajando de Olímpia à Florianópolis, conseguiu fazer boa apresentação, pois o Zé do Boi, que brinca no Boi é um dos melhores de Santa Catarina, juntamente com o Cavalinho que dificilmente erra uma laçada. A cabrinha, o cachorro, o macaco que comeu o milho do roçado, o urso que só quer dinheiro, a bernúncia e a maricota com o inseparável anão, formam o conjunto da brincadeira. Se constitui em ponto alto a dramatização da Bernúncia engolindo crianças para momentos após adoecer e "pari" uma bernuncinha aos aplausos da platéia. A Bernuncinha é defendida ferozmente pela mãe, contra aqueles que a querem molestá-la.

A brincadeira do Boi de Mamão ainda é a maior atração, principalmente da meninada que se deixa engolir pela bernúncia.

E assim Joinville inclui no seu Calendário de atrações turísticas, o Festival Catarinense do Folclore.



tivoli Center

Numa iniciativa pioneira, a Empresa Brasileira de Diversões Orlando Orfei LTDA., com a intenção de apolar o Governo na Integração Nacional realizou nas dependências do "Tivoli Park", na Lagoa Rodrigo de Freitas, uma festa Junina, com a participação de grupos Folclóricos do sul do País, Balé Espanhol e grande concurso de quadrilhas entre clubes e entidades Sociais do Rio de Janeiro.

As festividades tiveram início no dia 13 de junho, se prolongando até o dia 29 do mesmo.

Como atração principal se apresentou abrindo a festa, o Grupo Folclórico "Ribeirão da Ilha" de Florianópolis; participando

(Continua na página 84)



— Aspecto do Grupo Folclórico de Ribeirão da Ilha, apresentando a dança de "Pau de Fitas", sob a ofuscante iluminação do TIVOLI CENTER, da Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro.

NOTICIÁRIO DA COMISSÃO CATARINENSE

MUSEU DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

O pequeno Museu da Comissão Catarinense de Folclore, ao lado de sua Biblioteca, reúne o que há de mais diversificado em peças consideradas folclóricas.

RENDAS DA ILHA

O seu maior acervo, é representado por mais de cem peças de rendas da Ilha, classificadas em painéis, mostrando os mais variados tipos de rendas, se encontra também uma almofada montada com os bilros, pique e amostra de renda em confecção.

CERÂMICA

Reune também Museu, uma centena de peças de cerâmica figurativa e utilitária de Santa Catarina, predominando inúmeras peças de cerâmica figurativa de outras partes do Brasil, destacando-se as de Caruarú PE. nos vários aspectos da vivência do povo nordestino, além de peças usadas nos Candoblês adquiridas em São Paulo.

TRANÇADOS

Os trançados de palha e cipó, reúne peças das mais variadas desde o Tipiti, usado na prensa da casa de farinha ao objeto de adorno, entre chapeus, bolsas e cestas de palha de arroz.

DIVERSOS

Miniaturas de papel crepon de artistas desconhecidos representando, Danças de Pau de Fitas e Cacumbi.

Pilões dos mais antigos tipos, descaroador de algodão usados pelas fiandeiras. Celas de Montaria feminina, oratório, e painéis com varios tipos de Pão por Deus, uma das mais antigas tradições açoreana de Santa Catarina.

Além de outras peças, selos comemorativos, e acervo histórico e artístico.

BIBLIOTECA

A Biblioteca da Comissão Catarinense de Folclore possui 266 livros sobre folclore, além de folhetos, revistas, boletins, periodicos num total de 988 volumes, com 5 volumes de catálogos.

Durante o ano de 1974, visitaram a Comissão 296 pessoas, e 252 alunos e professores, utilizaram a nossa biblioteca, para consultas e pesquisas.

NOTICIÁRIO DA COMISSÃO CURSOS REALIZADOS

- 1 — A MÚSICA FOLCLÓRICA BRASILEIRA
— Ministrante: Prof. Dulce Martins Lama.
— Da Escola Nacional da Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
— Data: 22 a 26 de Julho de 1974.
— Carga Horária: dez horas.
Local: Itajaí.
 - 2 — FOLCLORE
— Ministrante: Prof. Francisco de Vasconcellos, de São Paulo.
— Data: 11 a 27 de março de 1974.
— Carga horária: trinta horas.
— Local: Florianópolis.
 - 3 — FOLCLORE E TURISMO CULTURAL
— Ministrante: Prof. Laura Della Mônica
— Data: 01 a 06 de julho de 1974.
— Carga horária: cinquenta e duas horas.
— Local: Florianópolis.
 - 4 — FOLCLORE NA EDUCAÇÃO
— Prof. Laura Della Mônica, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas — SP.
— Data: 08 a 17 de julho de 1974.
— Carga horária: cinquenta horas.
— Local: Joinville.
- CURSOS APROVADOS para 1976
- CULTURA POPULAR BRASILEIRA — Gregório Bacic — Produtora da TV Canal 2 da Fundação Anchieta — São Paulo.
- FOLCLORF NA ANTROPOLOGIA — Saul Martins.

(CONTINUAÇÃO TIVOLY CENTER)

ainda o Grupo Folclórico "Os Tropeiros da Amizade", o Grupo Fol. "Os Missionários", a Sociedade Folclórica "Boi de Mamão do Butiá" de Capoeiras — Florianópolis, o Centro de Tradições Gauchas "Monotaço" de Gramado no R.G.S. Trovadores, Sapateadores, Dançarinos Espanhois, Bandinha do Zé Carioca, Concurso de Quadrinhas e outras atrações de caráter folclórico.

Foi uma iniciativa das mais primorosas que possibilitou a ida de Grupos Folclóricos do Sul do País ao Rio de Janeiro, levando assim a outros Estados a nossa Cultura de Tradição Popular.

A principal exigência do Sr. Orfei era que os grupos fossem de autenticidade popular, evitando a profissionalização das manifestações da cultura popular, a fim de mostrar a pureza dessa cultura.

E assim o folclore da nossa capital através, do grupo Folclórico Ribeironense e Boi de Mamão do Butiá, grupos dos mais autênticos se apresentaram no Rio de Janeiro, sob os auspícios exclusivos da Empresa Brasileira de Diversões, Orlando Orfei LTDA.

"Parabens ao Sr. Orlando Orfei, pela brilhante iniciativa.

NOTICIÁRIO DA COMISSÃO

LEI N. 4.287, DE 7 DE ABRIL DE 1969

Institui o "DIA DO FOLCLORE", no Estado de Santa Catarina e dá outras providências.

O Governador do Estado de Santa Catarina.

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º — Fica instituído em todo o Estado de Santa Catarina o "DIA DO FOLCLORE" e que será comemorado, anualmente, no dia 22 de agosto.

Art. 2º — O Chefe do Poder Executivo, ou por sua delegação, o Secretário de Educação e Cultura, nas vésperas da efeméride, terminará a todos os estabelecimentos de ensino, nos graus primários e secundários, que promovam palestras, exposições e atos elucídativos sobre folclore, principalmente, o catarinense.

Art. 3º — A Secretaria de Educação e Cultura através de seu Departamento especializado e sob a orientação da Comissão Catarinense de Folclore, promoverá concurso, conferirá prêmios para os melhores trabalhos literários sobre folclore, dando ampla divulgação dos mesmos.

Art. 4º — O Governo do Estado dotará nos próximos exercícios, verbas específicas na Secretaria de Educação e Cultura para a aquisição de peças de comprovada autenticidade que formarão o acervo folclórico do Estado.

Parágrafo único — As peças e trabalhos adquiridos deverão ser entregues à Biblioteca Pedagógica que os manterá em lugar próprio e efetuará o tombamento respectivo.

Art. 5º — A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda assim a faça executar. Palácio do Governo, em Florianópolis, 7 de abril de 1969.

IVO SILVEIRA

Norberto Ulysséa Ungaretti

Ivan Luiz de Mattos

Jaldyr Bhering Faustino da Silva

João Paulo Rodrigues

Paulo Gonçalves Weber Vieira da Rosa

Adayr Marcolla

Armando Calil Bulos

Serafim Ennos Bertaso

Antonio Moniz de Aragão

Luiz Gabriel

Dib Cherem

Publicada a presente lei na Secretaria do Interior e Justiça, aos 5 dias do mês de maio do ano de mil novecentos e sessenta e nove. Antonieta de Medeiros Vieira, Diretor.

FPOLIS — 5/5/1969.

NOTICIÁRIO

DOCUMENTÁRIO EM CORES DO FOLCLORE DE SANTA CATARINA

EQUIPE da TV Canal 2, da Fundação Anchieta de São Paulo, chefiada pelo produtor Gregório Bacic, realizou em Florianópolis, coordenado pelo Secretário Geral da C.C. de Folclore, o primeiro documentário em cores, dizemos em cores, por possuímos um documentário de 12 minutos em preto e branco sobre "Rendas e Rendeiras", produzido pelo prof. Máximo Barros da Fundação Alvares Penteado de São Paulo. "Rendas e Rendeiras" focaliza o trabalho das Rendeiras da Ilha de Santa Catarina mostrando os vários aspectos naturais de suas vivencias na luta constante pela elevação da economia do lar.

Rendas e Rendeiras, além dos aspectos naturais focalizados com arte e perfeição na Ilha de Santa Catarina, nos conta a história do surgimento das primeiras rendas no séc. XV na Europa, a sua ascensão e queda com o surgimento das primeiras fábricas na Inglaterra. E a luta pela sobrevivência das rendeiras na época atual.

O Documentário sobre o Folclore Catarinense produzido pela TV Educativa Canal 2, focaliza aspectos do nosso Folclore, apresentados por grupos de Boi de Mamão, Cacumbi e apresentações do Grupo Alpino Germanico de Testo Salto de Blumenau. Apresenta ainda a procissão de N.S. dos Navegantes do Município de Navegantes. Focaliza as Rendeiras e suas Rendas e os Ceramistas de São José, com suas rodas de Tórno no fabrico de ceramicas utilitárias e domésticas. Fazem ainda uma incursão entre o fabrico de ceramicas figurativas tomando aspectos das figuras que produzem.

Outro documentário está sendo programado pelo produtor Gregório Bacic, para complementação da série que completará os aspectos do Folclore Catarinense.

NOTICIÁRIO

F O L C L O R E

1º ENCONTRO CULTURAL DO MOBRAL EM CRICIUMA

Com a participação de 35 municípios do Estado, o MOBRAL, realizou o seu primeiro encontro cultural, na procura de integrar culturalmente os vários núcleos do Estado.

Do programa constou Teatro, Ins. Coletivo, Canto Individual, Oratória, Poesia, Declamação, Istr. Individual, Humorismo, Balet, Canto Coletivo, Trovas, Danças Folclóricas, e participação especial da Associação Coral de Içara e Grupo da Copa Lorde de Florianópolis.

A fim de registrar a participação dos grupos folclóricos, lá estivemos entrevistando os responsáveis e integrantes dos grupos, registrando a presença dos municípios: Lauro Müller, Armazém, Curitiba, Orleães, Pedras Grandes, Criciuma, Treze de Maio e Lages.

Realmente louvável esta iniciativa do Movimento Brasileiro de Alfabetização, pois nesse encontro ficou evidenciado o interesse dos municípios em apresentarem o que de melhor possui dentro das normas estabelecidas pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização.

ASSOCIAÇÃO CORAL DE IÇARA

Abriu a programação numa homenagem ao Encontro a Associação Coral de Içara, que apresentou "Verdes Campos de Minha Terra", "Deus Salve a América", encerrando a magnífica apresentação com "Adeus Amor".

GRUPO FOLCLÓRICO DE ARMAZÉM

Coube ao Grupo Folclórico de Armazém, a apresentação seguinte; O Grupo é formado pelos alunos do 2º Grau do Colégio Ministro Jarbas Passarinho. No Colégio funciona o Centro Cívico, com vários departamentos, entre eles o Departamento Cultural, dirigido pela Professora Valquiria Bekauser. Deste Departamento surgiu o Grupo Folclórico, que tem como colaborador o jovem Renato da Rosa, na preparação e ensaio do Grupo. Como o grupo é ainda novo, e está na fase de pesquisa, apresentaram os números: Quadrilha, Maçarico e Chimango.

Chimango foi pesquisado no próprio município, é uma dança sapateada, tipo fandango em 12 pares de moças e rapazes constituindo um grupo de 24 pessoas, além do acordeonista.

1º ENCONTRO MOBRL

Informou um dos entrevistados, que existe um tipo de brincadeira, que é tradição no município, chamada de "Surpresa", que consiste em tomar de assalto a casa das pessoas amigas, quando aniversariam ou têm acontecimentos importantes. Estão pesquisando a fim de introduzi-lo, como número no grupo. "É o fato folclórico aceito e permanente na comunidade".

A apresentação foi realmente uma das melhores, que o classificou em 3º lugar entre os oito presentes.

GRUPO FOLCLÓRICO DE LAURO MÜLLER

O Grupo Folclórico de Lauro Müller é composto dos alunos do Grupo Escolar Visconde Tounai, que apresentou uma dança folclórica pesquisada entre os imigrantes alemães e italianos, representados por quinze meninas. Tipicamente trajados, ostentavam arcos floridos com uma dança em que os arcos se destacavam nos seus movimentos coreográficos, cuja graça e encantamento deu destaque a apresentação.

GRUPO FOLCLÓRICO DE ORLEAES

O Grupo Folclórico de Orleães integrado por quatro pares de rapazes e moças, trajados com roupas típicas de origem alemã. Apresentaram Polcas e Valsas", dançadas em coreografias pesquisadas entre os descendentes alemães que habitam àquele município.

O Grupo é novo, recém organizado e veem recebendo grande incentivo do padre João, que comanda o movimento cultural daquele município, conforme informou a responsável pelo grupo, senhora Sibila Mattos Alberton.

GRUPO DE APOIO DO MOBRL

Da professora supervisora do Mobral de Curitiba nos recebemos a informação de que o grupo folclórico participante, apresentará danças aculturadas do folclore Gaucho "Maçanico e Chote do Papagaio". Danças que apresentadas por sete rapazes e garotas, típico fandango do folclore campeiro, orientada pela própria supervisora do grupo, obtiveram destaque especial pelo acerto dos movimentos coreográficos, sendo bem aplaudidos.

GRUPO FOLCLÓRICO DO MUNICÍPIO TREZE DE MAIO

O Grupo Folclórico de Treze de Maio, composto por dez garotas, apresentou "La Camponesa", em homenagem a colonização italiana do Município. A apresentação foi uma das melhores, dançada e cantada, numa coreografia das mais lindas. Pela autenticidade da apresentação singela e encanto dos movimentos, graciosidade das componentes do grupo, mereciam a nota dez. Segundo informou a professora Léa da Costa Prêvi, é uma dança que foi pesquisada na própria localidade agrícola do Município, tendo sido lá mesmo apresentada algumas vezes.

Todas vestidas tipicamente, como camponesas, portando uma cesta com frutas em homenagem aos frutos da terra, fizeram uma das mais lindas apresentações, cantando linda canção que enal-

teciam o trabalho das camponesas no trato à terra.

GRUPO FOLCLÓRICO DE CRICIUMA

O Grupo Folclórico que representou Criciuma, foi do próprio Colégio São Bento, em cujo auditório transcorreram as apresentações.

O Grupo composto por garotinhas, lindamente trajadas, prestou uma homenagem aos participantes dançando em sentido estilizado, o samba folclórico baiano "Cantos de Areia". Foi realmente uma linda apresentação pelos estilos dos movimentos coreográficos. Cometeu entretanto a Comissão julgadora, um erro o incluindo para julgamento entre os grupos Folclóricos participantes, classificando-o ainda em segundo lugar. O grupo foi orientado por professoras com conhecimento de dança tipo Balet, notando-se essa influência em todos os movimentos coreográficos das lindas crianças.

GRUPO FOLCLÓRICO DA INVERNADA ARTÍSTICA MIRIM DO CTG. BARBICACHO COLORADO DE LAGES

Se constituiu em verdadeiro show, a apresentação do Grupo Folclórico da Invernada Artística Mirim do Barbicacho Colorado. Apresentou os números "Anu, Balaio, Tatu Novo e Roseira", e decimação de Elvio Araújo, bem como a dança da CHULA pelos quatro peões com passos diferentes do outro.

O grupo integrado por quatro pares de rapazes e garotas, se constituiu na maior atração das apresentações folclóricas, não só pelo entusiasmo da rapaziada de Lages, mas principalmente pelo equilíbrio do grupo em todos os números apresentados. Regionalmente trajados a moda dos campos, as garotas com seus vestidos rodados longos de cores vivas exímias ao dançar. Os cavaleiros em seus trajes campeiros, lenços e camisas brancas e coloridas, faixas vermelhas e pretas na cintura, ajustando-se ao "Tirador" estilizado, em cores diversas envolvendo as pernas até os joelhos por onde surgiam as calças com bainhas bordadas descendo sobre as botas. As danças do Fandango campeiro onde a "chula", testou a habilidade extraordinária de cada peão, retirou da assistência os mais calorosos aplausos. Entre os peões, estava o jovem Mário Sérgio, campeão de chula do décimo Rodeio Crioulo realizado na cidade de Vacaria Rio Grande do Sul.

ENCERRAMENTO

No encerramento o Município de Pedras Grandes prestou uma homenagem ao Folclore Brasileiro, apresentando senhoritas tipicamente trajadas com motivos de cada Estado do Brasil, encerrando com Santa Catarina, representando o número no seu traje típico de Mineiro, com o desfile de todas as participantes.

Foi realmente uma apresentação memorável que a primorosa iniciativa do MOBRAL levou a Criciuma esse encontro de integração cultural, onde foi testado o trabalho desenvolvido em todo o Estado de Santa Catarina.

PARABENS AO MOBRAL e aos Organizadores do Encontro.

NOTICIÁRIO

A SOCIEDADE FOLCLÓRICA "CAPITÃO" FRANCISCO AMARO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UDESC



A DANÇA DO CACUMBI — O GRUPO DE DANÇA DO CACUMBI, da Sociedade Folclórica "Capitão" Francisco Amaro, do Estreito, atendendo convite das alunas do Curso Intensivo de 1º Grau da área de Educação Artística da Faculdade de Educação da UDESC, apresentou-se em a noite de 22 de junho de 1973 no pátio interno daquela Faculdade.

O Grupo de Dança do Cacumbi, do Sr. Francisco Amaro, mantém aquela unidade necessária a todo Grupo de Dança cuja coreografia obedece um ritual aculturado das tradições africanas.

Sendo o Cacumbi ou Ticumbi uma dança do Folclore Afro-Brasileiro, chamada também de Baile dos Congos, representa simbolicamente uma dança guerreira, entre duas nações do continente africano, a de Reis do Congo e a de Reis Bamba. As várias nações africanas no tempo dos seus reinados, andavam em luta constantes, procurando sempre uma nação dominar a outra, fazendo escravos os dominados.

Dessas guerras se aproveitavam os mercadores de escravos que traficavam os vencidos para o Brasil colônia.

Com os negros africanos muitos deles nobres e valentes guerreiros vieram as suas culturas, com seus feitices, crenças e superstições.

NOTICIÁRIO

CACUMBI

Com a catequese da Igreja Católica e a proteção dessa para com os convertidos, esses foram transferidos para os santos do catolicismo ocultamente, os que comparativamente representavam nas suas crenças Deuses e mitos protetores.

E o rito dos orixás no seu sincretismo religioso afro-brasileiro, vem permanecendo até a época atual, nos candoblés, xangôs, pajeanças, catimbó, macumbas, terreiros e tendas.

OLOGUM é o senhor do Céu, que corresponde ao Deus Supremo, os orixás são os mensageiros desse Deus. Oxalá foi o primeiro dos Orixás, e representa Jesus Cristo, e Iemanjá a filha de Oxalá, Deusa do Mar, e corresponde a Virgem Maria. Outros Orixás são: São Jorge, São Sebastião, São Jerônimo, São Roque, Santa Bárbara, São Cosme Damiano, São Benedito, N. S. do Rosário e outros.

O CACUMBI, reverencia no seu auto simbólico, a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, em cuja Bandeira têm estampado as suas figuras. Nos seus cânticos pedem a sua proteção, cuja estrofe destacamos. Nós chegamos hoje / Salvar nossa praça / Oh! São Benedito sejas / Nossa Senhora da Graça.

* * *

A apresentação do Cacumbi do "Capitão" Francisco Amaro, as alunas do Curso Intensivo de Educação Artística, da Faculdade de Educação, contribui para que essas, registrassem o aspecto da cultura afro-brasileira, ainda existente entre nós, principalmente a coreografia da dança de movimentos rápidos e batuques intensos das suas marchas fogo.

O acéδιο dos marujos sobre o Capitão, reclamando o pagamento da "Ração", transformado em luta, com a defesa do "Capitão" com a sua espada autêntica e reluzente. O aspecto de autenticidade empregado por todo grupo nas suas apresentações coloca o Cacumbi do Sr. Francisco Amaro, num lugar todo especial, diante dos que assistem o auto da apresentação.

O toque de destaque se constitui também pela posição homogênea do conjunto composto exclusivamente por homens de cor.

Em convite formulado através da Comissão Catarinense de Folclore, pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de São Paulo, esse Grupo se apresentou em a noite de sexta-feira dia 17 de agosto de 1972, na abertura do Seminário de Turismo e Folclore na Capital Paulista, juntamente com o Boi de Mamão da Sociedade Folclórica Itacorubi, e na noite do dia 18, em Campinas na abertura de IV Festival de Artesanato e Folclore, promovido pelo Centro Cívico do Circulo Militar de Campinas (SP).

É o Folclore Catarinense na Ação Cultural lançada pelo Ministro da Educação em todo Brasil.

NOTICIÁRIO

SELOS COM MOTIVOS DE "COSTUMES POPULARES"

Mais uma série de selos vem de ser lançada pela Empresa Brasileira dos Correios e Telegrafos, desta feita com motivos da Cultura Popular. "Rede de dormir e lazer do Nordeste, Capa de um folheto da "Literatura de Cordel", "Cerâmica", "Vitalino" e "Renda de Bilro".

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRAFOS
DIRETORIA REGIONAL DE SANTA CATARINA



Brasil 74 050 CONVITE



Brasil 74

A Empresa Brasileira de Correios e Telegrafos e a Prefeitura Municipal de Florianópolis, têm a honra de convidar V.S. para assistir o lançamento das selas da série "COSTUMES POPULARES", no dia 16 do corrente, às 10 horas, no saguão da Agência Central da ECT, sita à Praça XV de Novembro, em Florianópolis.

Após a solenidade, os convidados serão recepcionados no Auditório da Sede Regional da ECT, onde será servido um coquetel patrocinado pela BESC-Turismo.

Além das entidades mencionadas, colaboraram para o brilhantismo da solenidade, a Associação Filatélica de Florianópolis e ASSORI - Associação das Rendeiras da Ilha.



Brasil 74



050



RES. DE JORNAL



050

17 JUN. DE 1974

Brasil 74 Brasil 74 050 Brasil 74 Brasil 74 050

Fara nós constitui motivo de ategria vemos inciua um modelo das nossas tradicionais Rendas de Bilros que a cultura popular da Colonização Portuguesa, provindo das Ilhas dos Açores e Madeira, legaram aos nossos ante-passados, e que perdura até a época atual.

SELOS C/MOTIVOS

Lastimamos que o tipo de renda escolhido não tenha sido da Ilha de Santa Catarina. Não por desmerecer o trabalho que laborinhosamente executam as rendeiras nordestinas; mas pela primosidade com que também são tecidas em nossa Ilha.

Isso e em consequência do resultado da divulgação que se tem dado as rendas do Nordeste, principalmente do Ceará, onde a "mulher rendeira" é destaque na música popular.

A nossa Ilha reúne atualmente o maior núcleo de rendeiras existentes no Brasil. Aqui são conservados os mais variados tipos de rendas de bilros valorizados ainda mais, pela perfeição com que são executadas. O espírito de criatividade das nossas rendeiras tem contribuído para que novos espécimes sejam acrescentados aos já existentes.

Com a fundação da ASSORI — Associação da Rendeiras da Ilha, pelo GEPAS — Grupo de Estudos do Artesanato Sul, temos conseguido que belos modelos antes abandonados por dificuldade de comercialização, voltassem a serem executados.

ASSORI, reúne no momento 350 rendeiras associadas, com uma Diretoria eleita anualmente. Possui os Departamentos de Compras, recebe, examina, confere e paga no ato as rendas encomendadas. A esse Departamento também está entregue a compra de Insumos. O Departamento Contábil, que executa a contabilização da Associação, bem como tudo relacionado com a parte financeira, estando à cargo de Contador regulamentado. O Departamento Assistencial, que proporciona as Associadas ajuda financeira, com empréstimo até Cr\$ 100,00, ajuda para compra de óculos a associada com deficiência visual, auxílio a gestante, e auxílio permanente a Associada que ficar incapaz para o trabalho. Esse Departamento está sendo pondo em execução um plano de Seguro de Vida em Grupo, no valor de Cr\$ 2.000,00, condizente com a capacidade financeira da Associação.

Houvesse mais colaboração do Poder Público, à ASSORI, certo estaríamos, de poder através dessa entidade, reunirmos a grande maioria das Rendeiras do nosso Município, que ainda continuam sendo exploradas por vendedores intermediários, que mercadejam os seus produtos com elevada usura. Mas o pequeno Capital de giro da Associação, não permite que se eleve o número de Associadas, cujas vagas de ingresso são sempre disputadas.

São estas as considerações que me cabiam fazer, sem antes tornar a enaltecer o lançamento desta série de selos pela Empresa Brasileira dos Correios e Telegrafos que vem de atender as sugestões de nossos filatelistas e folcloristas, entre eles queremos destacar a pessoa de nosso Companheiro Ayres Gevaerd que há anos enviou a mesma Empresa a sugestão para que na série de motivos populares fosse incluída a Renda de Bilro. E assim ao lado da Literatura de Cordel, da rede de lazer, da Cerâmica de Vitalino, vemos a Renda de Bilro, cuja série lançada vem valorizar a cultura popular Brasileira.

Doralécio Soares

RENDAS DA ILHA

RENDAS DA ILHA — Em matéria de artesanato de tradição popular, as rendas da Ilha de Santa Catarina, veem se mantendo através dos anos, sempre despertando o interesse de pessoas de bom gosto e cultura acentuada, que veem nos mesmos o trabalho artístico que desenvolvem as centenas de rendeiras da ilha. O espírito de criatividade dessas, têm contribuído para que novos modelos sejam acrescentados aos numerosos existentes.

A ASSORI — Associação de Rendeiras da Ilha, objetiva valorizar, preservar e melhor comercializar as rendas executadas pelas rendeiras associadas.

E crescente o interesse de pessoas que apreciam as Rendas da Ilha, não só porque estas representam em tradição, mas principalmente pela variedade e perfeição que põe em destaque as rendas que levam a etiqueta da Assori.

Participando da Exposição Nacional de Artesanato na Cidade de Gramado, R. G. do Sul, (1973) num Stand oferecido pelo DEATUR, a Associação das Rendeiras se fez presente com exposição e vendas das rendas da ilha. As rendeiras participantes demonstraram as suas habilidades de perfeitas artesãs. Durante os 15 dias que lá estiveram, negociaram valiosas peças, que passaram a ornamentar os la-



RENDAS DA ILHA

res gaúchos. Isso ocorrerá novamente em outro Estado da Federação Brasileira. Agora é a vez de São Paulo.

De 17 a 25 do corrente por ocasião da instalação do Seminário Nacional de Folclore e Turismo, as rendeiras da Assori, estarão na Feira de Artesanato e Folclore na Praça Roosevelt, demonstrando e oferecendo aos Paulistas as tradicionais rendas da Ilha de Santa Catarina, a convite da Secretaria Municipal de Turismo da Capital Paulista.

E ASSORI promovendo a nossa Capital no que tem de mais autêntico, as suas rendas.

As rendas da Ilha de Santa Catarina se evidenciam através dos tipos de arte tradicional. Embora as peças sejam idênticas e na sua maioria feitas por mãos diferentes, são uniformes no seu aspecto artístico de arte popular".

São poucas as influências sociais que determinam uma melhor qualidade que esse ou aquele grupo de rendeiras produz. Outros sentidos entretanto destacam as peças pelo esmero apresentado. E a virtuosidade técnica dentro da vocação artística de cada elemento num extravasamente criativo que conduz certas obreiras a execução de perfeitas obras primas.

O quadro sociológico é quase o mesmo entre os grupos de artesãs, mas se consideramos as condições sociais de certos grupos isolados que vivem em estado de inferioridade econômica verificaremos, que esse estatus influe na qualidade artística do trabalho

que executam.

Incluída entre o tipo de arte popular, universalmente conhecida, vem sofrendo as rendas de bilros um processamento lento de extinção decorrente da evolução sistemática que envolve as artes puramente artesanais.

Considerando que uma geração equivale a duas décadas, poderemos estimular a extinção de certas variedades artesanais no fim do século dois mil (2.000), ficando as suas várias espécimes como peças de museu.

Graças entretanto a formação étnica do nosso povo, a arte popular estará sempre presente no espírito imanente dos habitantes das zonas rurais, pois que outros fatores de ordem econômica e social tem também a sua influência na vida comunitária, considerando que a grande maioria dos que habitam a zona rural ...a descendem de colonizadores açorianos cuja herança dos seus usos e costumes vêm atravessando os séculos.

O trabalho que desenvolvemos através da ASSORI, vai pouco a pouco conscientizando as nossas rendeiras a uma produção racional qualitativa, objetivando a valorização das peças com o fim de exportação.

Resta portanto, que poder público se conscientize disso e siga o exemplo de Estados do norte e nordeste, que chamaram a si a responsabilidade da produção artesanal, criando órgãos estatais para esse fim. Oxalá ocorra o mesmo em Santa Catarina.

— 100 ANOS DE COLONIZAÇÃO ITALIANA —

A Assembléa Legislativa do Estado, sob a Presidência do Dep. Epitácio Bittencourt, homenageou os 100 anos de Colonização Italiana em Santa Catarina, nas pessoas dos Deputados de origem italiana que tem acento naquela Assembléa.

Fazendo o registro, publicamos as fotos dos grupos folclóricos de Urussanga, coral de Rio dos Cedros, que conserva as tradicionais canções italianas do imigrante Tretino-Tirolês, e apresentou



As Danças folclóricas, O mia bella Gigogin e Sciür padrun dali beli brachi bianchi (Dialeto), foram os números apresentados pelos dois grupos de garotas, que representaram as regiões Italianas Vénuto Trentino, homenageando também Urussanga como a terra do vinho.



100 ANOS DE COLONIZAÇÃO ITALIANA

varios numeros de seu riquissimo repertório, entre os quais anotamos: AL'alba la Verginella, Sul Capello, Stamatina Mison Levatta, Viva il Vino, Noi Siam Partiti, La Polenta, Quel Mazzolin, Di Fiori, Quando L'ovo fá la Galina, e outras.



A Banda de Musica de Nova Trento, entre as inumeras peçãs apresentadas, registramos O Idilio "O Lirio de Giusepi Santore", Regresso ao Lar (dobrado), Valsa, de Francisco Prado, em homenagem a esposa do Presidente da Assembléia, filha do compositor, encerrando com Saudades de Florianópolis.

100 ANOS DE COLONIZAÇÃO ITALIANA

Despertou grande interesse no público as acirradas disputas do jogo de "Mora", entre os Deputados, recordando os seus antepassados.



Na 1ª. foto destaca-se o Deputado Federal Albino Zeni, actual Secretário do Governo, o Presidente Dep. Epitácio Bittencourt e outros. Na foto 2a. nota-se o entusiasmo do Deputado Antônio Pichetti, e outros participantes.

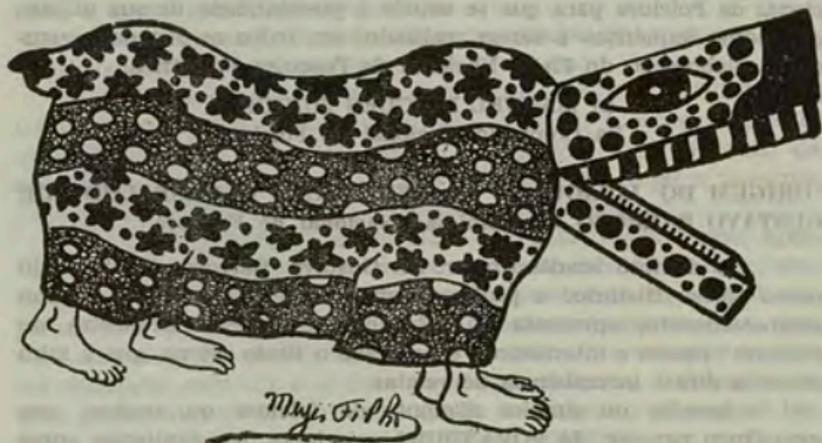


P A P I R O S



ARQUIVO

PARECERES



Os pareceres que, neste número publicamos, são de autoria de membros da Comissão Catarinense de Folclore e exarados em trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro de Folclore, exceptuando o primeiro que se refere à Contribuição da Comissão Catarinense, aquele certame cultural.

"INQUÉRITOS REALIZADOS PELA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE"

A Comissão Catarinense de Folclore oferece à apreciação do Congresso um conjunto de questionários e formulários usados pelo Departamento Estadual de Estatística na realização de Inquéritos Folclóricos. É um material muito interessante, sobretudo pelas sugestões que oferece para a generalização da pesquisa.

Os trabalhos que aquela Comissão vem realizando, com a colaboração dos órgãos estatísticos regionais — o Departamento Estadual de Estatística e a Inspetoria Regional de Estatística Municipal comprovam a utilidade para as pesquisas folclóricas, de serem incluídos os Agentes Municipal de Estatística entre os informantes de cada Comissão Estadual. São elementos que conhecem o seu Município, que têm intimidade na vida local, de modo que se lhes torna fácil obterem informações de natureza folclórica.

PARECERES

Sugiro que os questionários e formulários usados em Santa Catarina sejam encaminhadas ao Conselho Diretor da Comissão Nacional de Folclore para que se estude a possibilidade de sua utilização, como inquéritos a serem realizados em todos os Estados, quando da elaboração do Plano Nacional de Pesquisa Folclórica.

a) MANUEL DIEGUES JUNIOR
Da Comissão Nacional de Folclore

"ORIGEM DO JARAGUÁ E DA BERNÚNCIA" — TRABALHO DE GUSTAVO BARROSO, da Comissão Nacional de Folclore

O distinto acadêmico, sr. dr. Gustavo Barroso, Diretor do nosso Museu Histórico e professor emérito de Heráldica no mesmo estabelecimento, apresenta ao "Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore" ligeiro e interessante estudo sob o título acima, que a mim coube a difícil incumbência de relatar.

Amador ou simples diletante de folclore ou, melhor, em meu fraco parecer: da PORANDUBA catarineta, nas limitadas horas de lazer, que a árdua profissão naval-militar me concedia, sinto-me por isso assaz embaraçado no desempenho da delicada tarefa de apreciar uma das produções do eclético e bem conhecido autor de um bom número de obras literárias, históricas, folclóricas, etc.

Todavia, NOBLESSE OBLIGO... e, assim sendo, ponho mãos à obra.

Neste seu trabalho procura o fecundo polígrafo, apontando o cômicos e ridículos figurante do autor popular Bumba-meu-boi ou Boi-surubi (conhecido, em Santa Catarina, por Bumba-meu-boi, Boi-de-Mamãe e Dança-do-Boi) — destaca o conhecido Jaraguá (?) do interior do Rio Grande do Norte e de Alagoas, e a BERNUNÇIA (BERNUNÇA E BRENUNÇA também assim conhecida) de Santa Catarina "cuja verdadeira significação — escreve o operoso acadêmico — não foi devidamente estudada".

Aponta, do mesmo modo, MARGARIDA, NO PIAUI, e PRIVILEGIO e CAGAPRATI, no Ceará, como similares dos referidos espectros ambulantes.

No seu estudo, encontra o dr. Barroso grande semelhança entre aqueles comparsas, achando idênticos os seus papéis, com suas bocarras imensas, seus dentes de jacaré, a "fazer médo e espaihar o povilêu miudo, abrir passagem ao sequito de que faz parte". E, afinal, conclue ser "perfeito o retrato do JARAGUA e da apavorante BERNUNÇIA".

Entretanto, parece-me a mim que o JARAGUA do dr. Barroso mais se assemelha à MARICOTA catarinense, descrita pelo meu

PARECERES

prezado patricio sr. Alvaro Tolentino de Souza; a MARGARIDA do auto da Paraíba e ao PRIVILEGIO ou CAGAPRATI da terra de Iracema e do esclarecido acadêmico.

Em meu modesto entender a identidade das duas grotescas figuras não é tão próxima assim. Senão, vejamos.

O JARAGUA — anota o dr. Barroso — é UM SUJEITO vestido num camisolão geralmente branco, trazendo a cabeça horrenda máscara de saurio, com FAUCES ARTICULADAS (sic) por meio de um cordel que ele puxa, movendo-as e fazendo estralejar a pavorosa dentuça. Não canta nem fala; somente rosna ou grunhe”...

A BERNUNCIA — é um bicho fantástico, teratológico. Apresenta o “focinho alongado de animal qualquer, bôca de baleia, dentes aguçados como os de jacare. Suas mandíbulas são articuladas, presas por um arame, abrindo-se e fechando-se naturalmente, mas com um ruído desagradável de porco-do-mato. O arcabouço de forma alongada, com 2,5 a 3 metros de comprimento, e revestido de pano preto, com olhos pintados à guisa de sapo-boi, de narinas largas e abertas. Aninha em seu bôjo DOIS HOMENS com partes na tragi-comédia caipira. é muda, irrequieta, voraz”.

E, além do mais, “o bicho que come crianças” e atemoriza moçoilas, engole a presa, que lhe passe ao alcance, e a rejeita logo “pela trazeira”, cena de alta comicidade a despertar irreprimíveis gargalhadas e escandalosas gaitadas.

Acredito que a incorporação à farandula do BOI-DE-MÃO catarinense desse burlesco comparsa, crismado BERNUNCIA, é de data relativamente recente, uns trinta anos no máximo. Não tenho idéia de tê-lo visto, como também o URUBU, o MACACO e a MARICOTA, em minha já distanciada juventude.

Quanto à origem do nome, plausível é fôsse tomado de uma corruptela da palavra latina — ABRENUNTIO — Irequente no ritual romano do batismo.

É muito comum, em Santa Catarina, principalmente entre a gente ilhóa (descendente direta de Açorianos e Madeirenses), a exclamação de espanto e de repulsa — ABRENUNCIO! (Longe de mim!...) que como é de ver, bem se aplica a quem, cara à cara, entesta, inesperadamente com exótico e apavorante abantesma...

Segundo Alvaro Tolentino, a BERNUNCIA foi trazida do “Itajaí do Norte”, zona, como se sabe, onde predomina o elemento tudesco. Diante disso alguém, não me lembro quem, aventou provir o estropeado nome de BERNUNCIA do alemão — BAR ou BURMONCE, isto é o URSO ou BICHO-ONÇA (jaguar).

Esse nome, — pergunto eu, — não terá também alguma relação com as “Mascaradas” e “Emcamisadas” dos remotos tempos hispânicos ou portugalenses, em que seus compartes enfibulavam rústicos e amplos capotes de capuz, chamados BURNUS?

PARECERES

A estes ainda chamam os franceses BERNOUS e os italianos BERNÛSSO ou BERNUSSE. É bem provável, como acredita o dr. Gustavo Barroso, que as ridículas e apavorantes figuras, hoje integradas à companhia do auto popular BOI-DE-MAMAO ou BUMBA-MEU-BOI tenham remotas raízes; é, ao perpassar dos tempos e ao entrechoque de usos, costumes, credices, etc., das variadas correntes migratórias tenham sofrido mutações, acomodações importantes; e afinal, chegaram até nós, talvez, completamente desfiguradas do seu sentido, de sua representação e do seu significado original. Assim, arribaram elas "à nossas plagas através da cultura peninsular, alicerçada na latinidade..." como observa o autor da tese em questão.

E o dr. Gustavo Barroso, na faina áspera de alcançar os mais distanciados símiles dos extravagantes personagens, forra-se de eclética erudição e, arrimado em NAUDET, cita trechos latinos de uma comédia do engraçado Plaut, discursos do severo Catão, sátiras de Juvenal, excerptos de Rabelais, um fragmento do francês arcaico do cura de Meudon, etc., e neles depara e focaliza dois burlescos bonecos manequins ou titeres — MANDUCO (que o dr. BARROSO chama Manducio) e Cítéria — este "falando por artifício", e aquele "de bôca enorme e escancarada, mostrando grandes dentes", como bem os descreve S. Saraiva, baseado em Festus, Catullo, Pompônio, etc., os quais eram levados pelas ruas nos festejos populares da velha Roma e chegaram a figurar até em peças teatrais.

Pelo que se depreende, não eram indivíduos grotescamente mascarados, mas verdadeiros manipansos ou "bonecos d'engonço", que a população metia à bulha.

Entretanto, o dr. Barroso, conclui que o JARAGUA nörtista e a BERNÛNCIA catarinense são "metempsicoses ou avatares folclóricos do MANDUCIO latino", e nele enxerga o "perfeito retrato daqueles comparsas da farça popular referida".

Parece-me a mim que o tal MANDUCO (comedor) mais se confunde com o BICHO-PAPÃO ou o BICHO-CARETA catarinense a começar da identidade de nome, pois, "manducar" e papar", como é sabido, têm o mesmo significado.

A suposição que o dr. Gustavo Barroso apresenta de ser o nome tupi-guarani JARAGUA a metatese de JAGUARA tem bastante fundamento.

A palavra JARAGUÁ, NA CHAMADA "língua geral" (o A-BANHEEN, língua de gente ou nhêngatú, língua boa, dos referidos ameríndios) não tem nenhuma relação nem caracteriza o ridículo comparsa da "brincadeira" (assim chamada em Santa Catarina), do BUMBA-MEU-BOI. Constituído dos étimos YARA-GUA, significa "o vale ou a baixa do senhor", conforme nos explica Teodoro Sampaio.

PARECERES

O termo justo, verdadeiro, aplicável ao personagem em foco deve ser JAGUARÁ, formado de JAGUA-RA, cuja significação é: "tirado da onça, ficção de onça", onça falsa, como ainda nos mostra o referido mestre (O Tupi na geografia nacional", 2a. edição, pág. 236), e que ao anotá-lo junta este precioso esclarecimento: — "E um brinquedo que se fazia com o disfarce de uma onça, envolta em palha ou fôlhas sêcas".

Em minha terra (Santa Catarina), o matuto ou maratimba ao cão feio, esquelético, vadio, troca-pernas de magreza, o vira-latas enfim, ainda apóda de JAGUARA, isto é, o esfomeado, em contraposição ao cachorro de estimação, o BOCICA (MOCICA, em guarani), cujo significado é — o que segue, o companheiro.

A contribuição do dr. Gustavo Barroso é bem feita, de real interesse, meritório; demonstrando nela, seu distinto autor, grande empenho, erudição e sagacidade em esclarecer devidamente a obscura origem, a procedência, os nomes, o sentido e as mutações sofridas e o seu encadeamento, enfim, em remotas fontes de duas extravagantes figuras de um dos nossos mais ruidosos autos populares. Bem merece, pois, ser aceita e incluída em os Anais deste Congresso.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1951.

a) LUCAS ALEXANDRE BOITEUX, relator

Edição do Centro Histórico Ltda.
Composição da Editora Mandarim

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Membros Efetivos

Nomes	Endereços — Florianópolis, S. C.
Doralécio Soares (Secretário Geral)	Rua Julio Moura, 28, 1º andar
Jaldyr Faustino da Silva	Av. Trompowsky, 5
Theobaldo Costa Jamundá	Rua Bocaiuva, 208
João dos Santos Areão	D. Jaime Câmara, 11
Walter Fernando Piazza	Frei Evaristo, 52
José Cordeiro	Antônio Carlos Ferreira, 98
Nereu Corrêa	Av. Othon Gama D'êça, 127
Oswaldo Ferreira de Melo (filho)	R. Joaquim Costa, 11
Vitor Antonio Peluso Júnior	R. Melo Alvin, 10
Maria do Carmo Leite	Faculdade de Educação
Carlos Alberto Angioletti Vieira	R. Prof. Otilia Cruz 365, Estreito
Nanci Terezinha Soblerajski Barreto	R. Tavares Sobrinho, 34
Cléa Mendes Brito	R. Melo Alvim, 9
Nanci Terezinha Batistoti	R. José do Vale Pereira, 40 — Coqueiros
Nereu do Vale Pereira	Jardim Olavo Amorim, 24
Oswaldo Rodrigues Cabral	R. Esteves Junior, 138
Roberto Kel	R. Cruz e Souza
Silvio Coelho dos Santos	R. Idalina P. dos Santos, 9
Iaponan Soares Araujo	Rua Oswaldo Cruz, 40 — Estreito
A. Seixas Netto	R. Oswaldo Cruz, 477 — Estreito
Franklin Cascaes	R. Julió Moura, 31
Teófilo Matos	São Joaquim
Rubem Ulisséa	Laguna
Maria Juscelina Couto	Navegantes
Ayres Gevaerd	Brusque
Alcides Buss	Joinville

COLABORADORES

Dulce Martins Lamas	Rio de Janeiro
Laura Dela Monica	São Paulo
Saul Martins	Minas Gerais
Atico Vilas Boas	Goiás
Otávio Silveira	Santa Catarina
Carlos Humberto Corrêa	Santa Catarina